



Ministério da Educação – MEC  
Universidade de Brasília – UnB  
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas  
Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL

**SINAIS SIMPLES E COMPOSTOS NA LIBRAS: CONCEITOS, CRITÉRIOS  
DE FORMAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO.**

**Andréa dos Guimarães de Carvalho**

Brasília  
2019

ANDRÉA DOS GUIMARÃES DE CARVALHO

**SINAIS SIMPLES E COMPOSTOS NA LIBRAS: CONCEITOS, CRITÉRIOS  
DE FORMAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Português e Línguas Clássicas, da Universidade de Brasília – Departamento de Linguística – como requisito para obtenção do título de doutora em Linguística.

Orientadora: Prof. Dra. Daniele Marcelle Grannier, LIP/UnB.

Brasília  
2019

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

CC331s CARVALHO, Andréa dos Guimarães  
SINAIS SIMPLES E COMPOSTOS NA LIBRAS: conceitos,  
critérios de formação e classificação / Andréa dos Guimarães  
CARVALHO; orientador Daniele Marcelle GRANNIER. -- Brasília,  
2019.  
136 p.

Tese (Doutorado - Doutorado em Linguística) --  
Universidade de Brasília, 2019.

1. Morfologia . 2. Espaço de Sinalização da Libras. 3.  
Sinais na Libras. 4. Libras. I. GRANNIER, Daniele Marcelle,  
orient. II. Título.

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: **Sinais simples e compostos na Libras: conceitos, critérios de formação e classificação.**

### BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Daniele Marcelle Grannier, LIP/UnB – Presidente

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Walkíria Neiva Praça, LIP/UnB – Membro Efetivo Interno

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Edineide dos Santos Silva, – Membro Efetivo Externo

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Mariângela Estelita Barros, UFG – Membro Efetivo Externo

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Rozana Reigota Naves, LIP/UnB – Suplente

Brasília  
2019

## DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação à comunidade surda de Goiânia que tanto me inspira e me ensina no decorrer desses anos, contribuindo para a minha identidade profissional e pessoal.

Muito obrigada !!!

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela força iluminada, encorajamento e credibilidade frente minha capacidade espiritual, humana e profissional me sustentando e estando sempre ao meu lado em todos os momentos. A Ele, e por causa dele, a minha eterna gratidão e devoção que converteu palavras e atitudes, muitas das vezes desencorajadoras, em uma fé incontestável, fortalecendo minha caminhada.

Minhas sinceras homenagens:

À orientadora Prof. Daniele Marcelle Grannier pela sua determinação, paciência, inteligência e conhecimento acadêmico que foram inestimáveis a esta pesquisa e que sempre me orientou com competência e seriedade;

À revisora Gazinha e Regina que sempre me receberam e me ampararam nos momentos de desespero para a melhora desta tese. E que, independente do dia e hora, mostraram competência profissional, companheirismo, amizade e paciência para comigo. Esta maturidade profissional e humana de ambas contribuiu para novas aprendizagens e a constituição desta tese. A vocês minha imensa gratidão. Palavras jamais conseguiriam expressar meu carinho e o meu muito obrigada!!!!;

Ao amigo e Professor Benelzo pelas gravações e edições incansáveis de imagens e vídeos produzidos em Libras, contribuindo para a melhor visualização dos leitores e da banca nesta pesquisa;

Aos professores Layane, Hildomar, Naima e a minha prima Leandra que sempre foram para mim exemplos e modelos de amigos, profissionais e tudo o mais que hoje pode ser representado como força positiva para o crescimento humano e profissional de uma colega.

À Universidade Federal de Goiás por me conceder o local para o desenvolvimento desta pesquisa e por promover estudos e conhecimentos para a melhora da minha atuação e conhecimento profissional.

À banca de defesa, incluindo a professora Aline da Cruz que não pode estar aqui neste momento, que se dispôs a ler e a contribuir com seus conhecimentos teórico-práticos para mais aprendizagens nessa área da linguística que está em constante crescimento. Sei como o tempo de vocês é precioso e que, independente disso, fazem o trabalho com seriedade, amor, carinho e dedicação motivando-nos a continuar nessa caminhada.

À família pelas orações e respeito e a todas as pessoas que, de alguma forma, me ajudaram nesta caminhada.

## RESUMO

O estudo da formação e da estrutura interna dos sinais utilizados na Libras, em Goiânia, e como são produzidos no espaço de sinalização são objetos de estudo desta pesquisa, que tem como foco a morfologia. Partindo do conceito de morfema, unidade mínima com significado, a pesquisa teve como objetivos encontrar as características e os critérios para descrever e diferenciar sinal simples de outros tipos de sinais como, por exemplo, o composto, quanto à formação desses sinais e sua relação com o significado e uso do espaço em que são sinalizados. A análise segue uma abordagem funcionalista, tendo seus dados sido originados do uso real e das experiências dos falantes da Libras e que são usuários surdos. Os dados foram retirados de vídeos gravados com cinco usuários fluentes em Libras, a partir de temas diversos que motivaram essas produções. As discussões das análises se basearam nos estudos como os de Brentari e Padden (2001), Meir et al (2006), Felipe (2006), Ferreira (2010), dentre outros referentes às línguas de sinais e Payne (2006), Aronoff (1994), Haspelmath (2002), dentre outros das línguas orais. Os resultados das análises permitiram descrever: (a) três tipos de sinais lexicais na Libras: sinais simples, complexos e compostos, cada um com características distintas próprias; (b) nos sinais compostos, confirmaram-se duas subcategorias: a típica e a de sinais-nomes, (c) similaridades no conceito de morfema e de composição entre as línguas orais e na Libras; (d) critérios para a classificação dos tipos de sinais, considerando o uso do espaço de sinalização e o valor semântico resultante da constituição desses sinais, tendo o espaço neutro como elemento de excelência nas análises; (e) quadro resumo com proposta de análise e descrição desses sinais. Esses resultados devem contribuir para um melhor entendimento funcional e conhecimento da gramática da Libras, tanto para fins teóricos como de aplicação prática. Espera-se, com isso, promover maior autonomia dos estudantes, futuros professores de Libras e linguistas pesquisadores dessa língua, quanto ao manuseio e uso de informações linguísticas nos diferentes contextos da morfologia da Libras, assim como um melhor entendimento e domínio dos conceitos, critérios e características dos sinais que compõe o léxico dessa língua.

Palavras-chaves: Morfologia. Espaço de Sinalização da Libras. Sinais na Libras.



## ABSTRACT

The study of the formation and the internal structure of the signs utilized in Libras, in Goiânia, and how they are produced in the signing space are the objects of study of this research, which focuses on morphology. Starting with the concept of morpheme, a minimal unity with meaning, the research aimed to find the characteristics and the criteria to describe and differentiate simple signs from other types of signs, such as, for example, the compound signs, in relation to the formation of these signs and their relation with the significance and use of space in which they are signed. The analysis follows a functionalist approach, with its data being originated in the real use and experiences Libras users who are deaf. The data were collected from videos recorded with five Libras users, from several themes that motivated these productions. The discussions of the analyses were based on studies like those from Brentari and Padden (2001), Meir et al (2006), Felipe (2006), Ferreira (2010), among others relating to sign languages, and Payne (2006), Aronoff (1994), Haspelmath (2002), and others from spoken languages. The results of the analyses allowed us to describe: (a) three types of lexical signs in Libras: simple signs, complex, and compound, each one with their own distinct characteristics; (b) in the compound signs, two subcategories were confirmed: the typical one and the name-signs one, each with their own characteristics (c) similarities in the concept of morpheme and composition between oral languages and Libras; (d) criteria for the classification in the types of signs, considering the use of the signing space and the semantic value resulting from the constitution of these signs, with the neutral space as an element of excellency in the analyses; (e) summary files with a proposal for the analysis and description of these signs. These results must contribute to a better functional understanding and knowledge of the Libras grammar, both for theoretical and practical purposes. With this, we hope to promote a greater autonomy in the students, future Libras teachers, and researching linguists in this language, when in the handling of linguistic information applied to the different contexts of morphology in Libras, as well as a better understanding and command of the concepts, criteria, and characteristics of the signs that compose this language's lexicon.

**Keywords:** Morphology. Libras Signing Space. Signs in Libras.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO 1- REVISÃO DA LITERATURA.....	21
1.1 A Língua Brasileira de Sinais - Libras.....	21
1.1.1 Sobre a formação de sinais.....	222
1.1.2 Processos Fonológicos nas línguas de sinais e na Libras .....	277
1.2 MORFOLOGIA NAS LÍNGUAS ORAIS E NAS LÍNGUAS DE SINAIS.....	30
1.2.1 Morfologia nas Línguas orais.....	311
1.2.2 Concepções básicas de morfologia nas línguas de sinais e na Libras .....	355
1.2.3 Sobre a composição nas línguas de sinais.....	399
1.2.4 Verbos e Substantivos na Libras.....	44
1.2.5 O corpo como sujeito.....	48
1.2.6 Classificadores na Libras.....	52
1.2.7.O uso do espaço na Libras.....	56
CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA.....	60
2.1 Sobre a metodologia adotada.....	60
2.2 Os instrumentos da pesquisa.....	61
2.3 Sobre os participantes da pesquisa .....	613
2.4 Sobre a coleta de dados e organização dos resultados. ....	633
2.5 Apresentação dos resultados (modelo pré-definido) .....	634
CAPÍTULO 3 - ANÁLISE E DESCRIÇÃO.....	67
3.1 Análise e descrição.....	67
3.2 Os espaços de realização dos Sinais.....	70
3.3 Tipos de Sinais .....	72
3.3.1 Sinais simples.....	73
3.3.2 Sinais Complexos.....	78
3.3.3 Sinais Compostos.....	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
REFERÊNCIAS.....	101
APÊNDICES.....	105
1.Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e autorização para o uso de imagem.....	105
2.Tema: Feiras na cidade de Goiânia.....	107
3. Tema: Profissões.....	108

4. Tema: Criar estórias.....	110
5. Tema: Charada 1 (Glosas).....	111
6. Tema:Charada 2 (Glosas).....	119
7. Profissões (amostra de glosas).....	126
ANEXOS.....	130
1. Configuração de Mãos. Nelson Pimenta.....	130
2. Parecer Consubstânciado do Conselho de Ética - CEP.....	131

## LISTA DE SINAIS ILUSTRADOS

Figura 1: Sinal ESCOLA.....	16
Figura 2: Sinal ACREDITAR.....	16
Figura 3: Sinal LARANJA/APRENDER.....	23
Figura 4: Sinal LARANJA.....	264
Figura 5: Sinal SÁBADO.....	264
Figura 6: Sinal SOL.....	275
Figura 7: Sinal SEXO.....	26
Figura 8: Sinal LADRÃO.....	26
Figura 9: Sinal DEPEND.....	27
Figura 10: Sinal TRAVEL.....	28
Figura 11: Sinal Frase em Libras SONHO TRISTE.....	29
Figura 12: Sinal MOTO.....	35
Figura 13: Sinal MOTOS.....	36
Figura 14: Sinal ESCOLA.....	40
Figura 15: Sinal PAIS em ASL.....	40
Figura 16: Sinal ACREDITAR.....	41
Figura 17: Sinal ANDRÉA.....	41
Figura 18: Sinal TOMATO.....	42
Figura 19: Sinal TOMATE.....	42
Figura 20: Sinal JÓIAS.....	44
Figura 21: Sinal BOOK <sub>open</sub> e BOOK.....	45
Figura 22: Sinal PENTEAR e PENTE.....	45
Figura 23: Sinal SENTAR e CADEIRA.....	46
Figura 24: Sinal COMER (ISL e ASL).....	50
Figura 25: Sinal ANDAR <sub>pessoa</sub> .....	54
Figura 26: Espaço de realização de sinais.....	57

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Características distintivas entre morfemas molares e moleculares.....	39
QUADRO 2: Redefinição de classes verbais.....	49
QUADRO 3: Esqueleto da glosa mostrando a estrutura do sinal.....	64
QUADRO 4: Esqueleto do quadro mostrando os componentes internos.....	65
QUADRO 5) Relação entre o uso do espaço de sinalização e as características formais dos sinais articulados.....	94
QUADRO 6) Síntese das características formais dos tipos de sinais analisados e descritos nesta pesquisa.....	96

## LISTA DE SINAIS DOS DADOS

A) PARAR (sentido de esperar).....	73
B) PODER (poder algo).....	74
C) OPINIÃO.....	75
D) ÔNIBUS.....	75
E) PESSOA 1.....	76
F) EU.....	77
G) AMAR .....	78
H) AJUDAR .....	79
I) CATÓLICA.....	80
J) CACHORRO.....	80
K) FATIAR .....	81
L) PESSOA 2 .....	82
M) MESA.....	83
N) ESCOLA.....	88
O) CRIANÇA.....	88
P) JOEL.....	89
Q) SÍLVIA.....	90
R) ANDRÉA.....	90
S) BARRACA <sub>feira</sub> ^ DIVERSOS.....	91
T) MAÇÃ ^ DIVERSOS.....	91

## SIGLAS

1 <sup>a</sup>	Primeira pessoa
2 <sup>a</sup>	Segunda pessoa
3 <sup>a</sup>	Terceira pessoa
ASL	American Sign Language (Língua de Sinais Americana)
CM	Configuração de Mão
CL	Classificador
CLs	Classificadores
CL-s	Classificador de sujeito
CL-o	Classificador de objeto
ENM	Expressões não manuais
ISL	Língua de Sinais Israelense
Libras	Língua brasileira de sinais
LS	Língua de sinais
MOV	Moviment
M	Movimento
OP	Orientação da palma (mão)
PA	Ponto de articulação

## INTRODUÇÃO

A convivência com surdos tem sido algo frequente em minha vida profissional, desde a primeira formação superior, em fonoaudiologia, passando por pedagogia, Letras:Libras e até o presente momento em que atuo como professora de Língua Brasileira de Sinais no curso superior de Letras: Libras, com habilitação em docência em Libras, da Universidade Federal de Goiás. Esta convivência, para quem está engajado em campos de pesquisas que envolvem as línguas de sinais, é algo singular, por sempre proporcionar o presenciar de problemáticas ou questionamentos ainda não explorados na linguística das línguas de sinais. Disponho aqui de um deles, cuja essência motivou a escrita inicial deste trabalho, envolvendo a teoria e a análise gramatical da Língua Brasileira de Sinais (Libras), com foco em sinais simples e compostos, isto é, reflexões quanto aos conceitos, critérios de formação e uso desses sinais entre os usuários dessa língua.

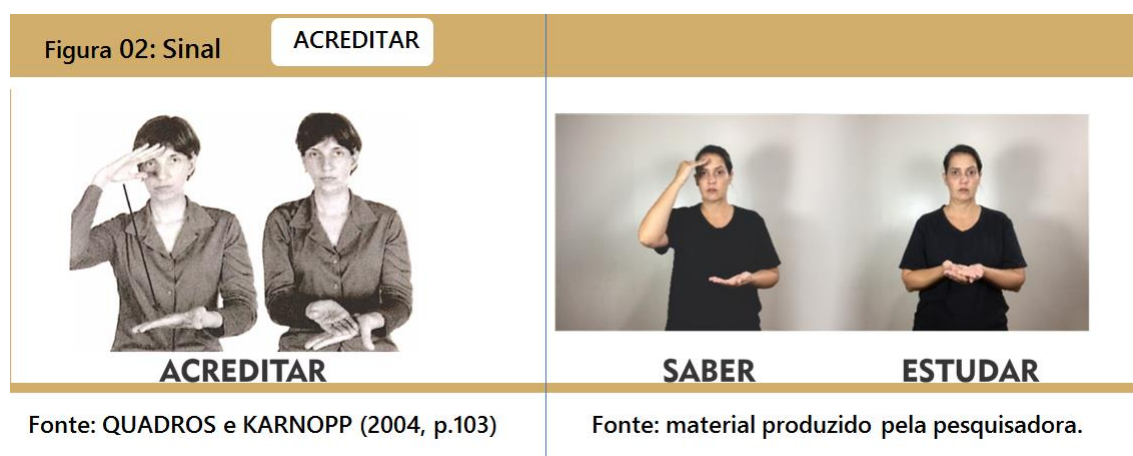
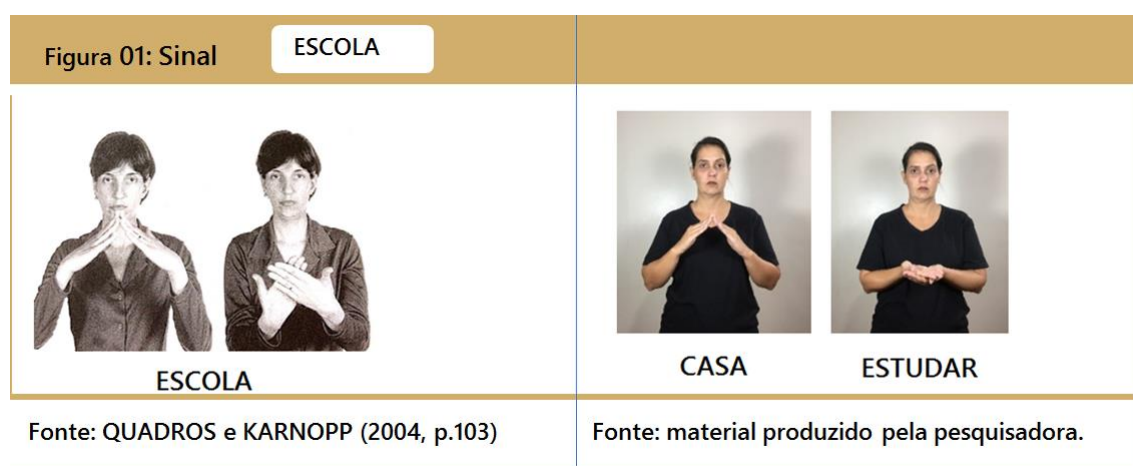
A demanda surgiu após vivenciar momentos consecutivos de dúvidas de alunos surdos, pós-graduandos e graduandos, quanto a maiores especificações dos conceitos e modelos, por exemplo, de sinais compostos, que eram dados em aulas de morfologia. Assim, sobre compostos, o conceito geral de junção entre dois sinais era subentendido pelos alunos baseado na apresentação de exemplos que eles reproduziam, mas não na exposição do conceito em si. Outras dúvidas, também, surgiam sobre: a forma como o processo de composição ocorria em si, isto é, quais mudanças linguísticas, seja fonológicas ou morfológicas, aconteciam nesses sinais que os diferenciavam um dos outros, porque aconteciam ou quando, se havia exceções e quais seriam essas exceções presentes no processo, tipos de compostos encontrados, dentre outros.

Alguns alunos expunham frustrações sobre a falta de descrições mais claras na literatura sobre Libras sugerida, pois, segundo eles, o que presenciavam nos materiais teóricos que eram usados pela maioria dos professores, resumia-se em citações retiradas das obras pioneiras sobre a língua em questão, como da autora, Lucinda Ferreira Brito, que trouxe grande contribuição para a linguística da Libras com sua obra “Por uma Gramática da Língua de Sinais” (1995;1996), em que oferece uma série de resultados de análises descritivas e aspectos linguísticos envolvidos nessa língua. Posteriormente, subsídios de Quadros e Karnopp (2004) com a obra “Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos”. As obras das autoras contém estudos de autores clássicos realizados na



Língua de Sinais Americana (ASL) como os realizados por Battison (1974), Lillo-Martin (1991), dentre outros, e que corroboraram com algumas descrições linguísticas, também, na Libras. Mesmo os professores sugerindo referências teóricas mais recentes sobre o assunto, os alunos remetiam seus estudos sobre as obras de Lucinda Ferreira (1995) e de Quadros e Karnopp (2004), pois, segundo eles continham informações básicas pioneiras da Libras, além de serem mais presentes e acessíveis em bibliotecas e comumente usadas pelo Brasil.

Alguns alunos notavam que certos conceitos e exemplos retirados dessas obras, como os sinais de ESCOLA e ACREDITAR (ver Figuras 1 e 2), reproduziam-se constantemente, entre essas obras, o que dificultava uma visão crítica e reflexiva, quando na análise de outros sinais distintos, mas que, também, contemplavam o léxico da Libras.



Possivelmente, essas obras eram sugeridas por apresentar conceitos e exemplos corriqueiros, pioneiros e mais simples, capazes de auxiliar na construção interpretativa das teorias linguísticas das línguas de sinais e não, necessariamente, pela inexistência de outras obras. Tais sugestões, porém, limitavam o conhecimento, a apropriação e aplicação pelos alunos desses conceitos quando em análises de outros sinais distintos e que contemplavam o repertório lexical da Libras em uso no cotidiano dos alunos.

Tais obras parecem reproduzir um olhar mais estrutural dessas línguas, ASL e Libras, mas, nem sempre atentam para as questões semânticas, que remetem a construção de significados desse léxico o que é de suma importância no entendimento de cada sinal, quando estudado nos diferentes contextos propostos nas aulas. A dificuldade dos alunos era clara nos momentos de problematização, em que eram requeridas análises linguísticas descritivas de outros sinais, diferentes daqueles que eram apresentados pelas obras citadas.

Essas constatações sugeriam uma ideia primária de que as informações presentes nessa literatura comum, como o exemplo das obras acima que estudaram as línguas de sinais, não traziam conhecimentos complementares dos quais poderiam contribuir para o alcance autônomo desses estudantes, futuros professores de Libras e linguistas pesquisadores dessa língua, quando no manuseio de informações linguísticas aplicadas nos diferentes campos da linguística das línguas de sinais.

Levando em conta as constatações dos alunos e examinando as obras consideradas por muitos linguistas das línguas de sinais como clássicas, notei que elas não eram acompanhadas por descrições mais específicas a respeito de como ocorria o processo de formação de um sinal.

As reflexões, presentes nas obras, eram pertinentes, mas, não suficientes para provocar discussões e levar a conclusões necessárias para um melhor entendimento do processo de formação de sinais e demais questões linguísticas relevantes na Libras. Talvez, se os alunos acessassem pesquisas mais recentes, provavelmente, teriam informações complementares que poderiam contribuir para a construção autônoma de conceitos mais claros, como, por exemplo, sobre esse processo e às outras questões linguísticas referentes a Libras e, até mesmo, a outras línguas de sinais.

Em relação aos sinais compostos, a hipótese inicial é a da existência de similaridades do conceito de composição entre as línguas orais e as línguas de sinais, isto é, trata-se de um processo em que há a junção de dois itens lexicais, resultando na formação de um novo item lexical, tanto na formação de palavras em línguas orais como na formação de sinais na Libras (HASPELMTH, 2002; FERREIRA, 2010; QUADROS e KARNOPP, 2004). Nessa junção, contudo, há condições que desencadeiam mudanças e transformações, tanto da substância fonológica constituinte dos itens como dos aspectos semânticos envolvidos. Dependendo dessas mudanças e transformações, os sinais se enquadram em um tipo de composição singular que pode ser própria da Libras, e também, podem ser comuns em outras línguas de sinais.

Não há, contudo, como discutir sinais simples e sinais compostos sem examinar os procedimentos que podem estar envolvidos na formação de sinais, tanto no que diz respeito à estrutura quanto ao aspecto semântico envolvido, o que nos conduziu a tratar da morfologia associada à semântica dos sinais na Libras sob a ótica da tipologia funcional.

Sendo assim, este trabalho teve como objetivo geral encontrar as características e os critérios para descrever e diferenciar sinal simples de outros tipos de sinais como, por exemplo, o composto, quanto à formação desses sinais e sua relação com o significado e uso do espaço de sinalização. Esse objetivo direcionou as análises para uma melhor compreensão e posterior descrição adequada destes sinais, e trouxeram conhecimentos complementares na literatura da Libras favorecendo futuras pesquisas, estudiosos, professores e alunos dessa área.

Os objetivos específicos deste estudo foram: (a) Classificar os tipos de sinais de acordo com a sua formação/significado; (b) descrever as características que envolvem a formação desses sinais e como se manifestam na Libras; (c) descrever regras que caracterizam os tipos de sinais encontrados nas análises desta pesquisa e suas relações com o espaço de articulação em que são sinalizados, em excelência o espaço neutro.

Para tanto, na análise, foi adotado um caráter tipológico-funcional, uma vez que serão analisadas produções em Libras retiradas do uso real dos falantes dessa língua. Assim, nas análises, pretendi observar e descrever as possíveis adaptações intuitivas

realizadas pelos falantes no uso real da sua língua e as consequências práticas dessas no mundo real.

Além disso, essas observações podem, futuramente, proporcionar o entendimento funcional da organização dos eventos mentais realizados pelos falantes dessa língua durante suas produções em Libras e que são essenciais para a interpretação coerente desses eventos, na comunicação entre esses falantes. Espero que esta pesquisa traga contribuições para a compreensão de uma gramática da Libras, de modo que melhor auxilie no entendimento dos processos de formação de sinais, abrindo caminhos para novas perspectivas e reflexões, ampliando os conhecimentos gramaticais e semânticos desse campo.

Este trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro traz informações teóricas básicas, vindas de um conjunto de referências bibliográficas pertinentes ao tema da pesquisa, incluindo os seguintes autores Stokoe (1960), Payne (2006), Basílio (1991), Aronoff (1994), Haspelmath (2002), Liddell (1986), Quadros e Karnopp (2004) Ferreira (2010), Faria - Nascimento e Correia (2011), entre outros que sustentaram as reflexões e questionamentos levantados neste estudo. Na apresentação teórica, são mencionados exemplos citados tanto pela literatura como sinais comumente usados entre falantes da Libras em Goiânia, e que servirão como base para o aprofundamento das discussões.

No segundo capítulo, é apresentada a metodologia utilizada nesta pesquisa e que é subdividida em procedimentos de duas naturezas: a) bibliográfica com aprofundamento dos estudos teóricos relacionados ao tema da pesquisa b) descrição da investigação prática, contendo informação: sobre os instrumentos utilizados para a constituição do *corpus* desta pesquisa.

O capítulo três descreve as análises e descrições dos dados da pesquisa, constituídos por sinais retirados de recortes de gravações de vídeos em Libras produzidos pelos participantes da pesquisa. Há, também, outros sinais retirados das experiências cotidianas de sala de aula da pesquisadora nos contatos ocorridos com falantes fluentes na Libras. A articulação dos achados dessas análises com a base teórica, descrita no primeiro capítulo enriqueceram as discussões reflexivas e as

descrições do capítulo três. Cabe lembrar que essas análises, descrições e discussões foram realizadas, considerando o uso funcional real dessa língua.

Por fim, são apresentadas as considerações finais, que são de suma importância para o leitor depreender a articulação entre os resultados alcançados e os objetivos desta pesquisa. Além disso, apresentam informações que direcionarão novos olhares e reflexões para o entendimento da gramática das línguas de sinais, principalmente da Libras.

## **CAPÍTULO 1 – REVISÃO DA LITERATURA**

Para a análise morfológica dos sinais na Libras, é utilizado um quadro teórico do qual constam: concepções teóricas sobre línguas de sinais, conceitos básicos da morfologia das línguas orais e suas similaridades e diferenças quando aplicadas às línguas de sinais, em especial, à Libras e estudos que auxiliem na análise dos dados que constituem os resultados e a conclusão desta pesquisa.

### **1.1 A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – Libras**

Reconhecida legalmente no Brasil pela Lei 10.543/02 como uma língua com estrutura linguística própria (FERREIRA, 2010 e QUADROS e KARNOPP, 2004), a Língua Brasileira de Sinais -Libras é usada por pessoas surdas ou ouvintes para se comunicarem e interagirem na sociedade. Essa língua, como qualquer outra, é constituída por componentes fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos. Os constituintes fonológicos serão discutidos nesta sessão e servem de apoio para tratar da formação morfológica dos sinais na Libras.

Em geral, há um consenso na literatura das línguas de sinais de que os sinais, que compõem o léxico dessas línguas, são formados a partir de parâmetros, isto é, unidades mínimas sem significado que carregam um conjunto de propriedades específicas e que, quando executados ou combinados em conjunto, constituem a forma de um sinal. (KLIMA & BELLUGI, 1979; LIDELL & JOHNSON, 1989; FERREIRA, 1995, 2010; QUADROS e KARNOPP, 2004)

Esse consenso fundamenta-se no trabalho pioneiro de Stokoe (1960), cujas investigações feitas na Língua Americana de Sinais (ASL) demonstraram que os sinais não são gestos holísticos, compostos por um número relativamente pequeno de unidades que podem se recombinar para produzir um significante que, associados a significados específicos, constituem o léxico próprio dessa língua.

Com os achados de Stokoe, outros pesquisadores como Sandler & Lillo-Martin (2006), que investigaram as Línguas de Sinais Americana (ASL), Ferreira (1995, 2010) e Quadros e Karnopp (2004) que investigaram a Libras vêm corroborando com avanços das investigações no campo das línguas de sinais.

Além disso, esses autores mostraram que essas unidades, acima descritas, estão sujeitas a restrições em sua combinação e são sistematicamente alteradas em diferentes contextos fonológicos e morfológicos que se assemelham formalmente, em alguns aspectos, com as unidades das línguas orais tal como ocorre no português.

No português essas unidades mínimas corresponderiam aos fonemas ou sons de uma língua oral, cada qual com seu valor ou propriedade fonológica única (SILVA, 2011). Logo, é correto dizer que o fonema é a menor unidade sonora sem significado no sistema fonológico de uma língua oral e a fonologia é a ciência que estuda cada um dos sons produzidos nessa língua. Cada fonema tem a função de estabelecer uma diferença de significado entre uma palavra e outra.

Sobre a fonologia das línguas de sinais, Sandler (1989, p.47) expõe que ela

[...] está mais intimamente ligada aos sistemas de produção e percepção do que qualquer outro nível abstrato da estrutura linguística. Como as línguas de sinais são transmitidas em uma modalidade diferente, a descoberta de que elas, também, têm uma fonologia tem sido considerada especialmente significativa. (p.47)

Logo, é possível afirmar que as línguas de sinais (LS), são de modalidade visuo-espaciais, com o uso das mãos se articulando no espaço à frente do locutor e que são percebidos visualmente pelo interlocutor e vice-versa, diferentes das línguas orais cuja produção ocorre através da boca e a percepção pela audição. Essa diferença desencadeou nos pesquisadores da linguística um novo campo de análise, ou seja, pesquisas que se referem aos possíveis efeitos que a diferença na modalidade de uma língua pode implicar como a de visualizar diferentes formas de análise investigativa e descrição, despertando um novo olhar das teorias linguísticas em torno das línguas naturais.

### **1.1.1 Sobre a formação de sinais na Libras**

Como dito anteriormente, os parâmetros são entendidos, na literatura, como elementos fonológicos que, ao se combinarem, formam os sinais que compõem o léxico da Libras. Estes parâmetros são constituídos por cinco: três principais e dois secundários. Os principais são: a configuração de mãos – CM que corresponde ao formato da mão durante a articulação do sinal; o ponto de articulação - PA que corresponde ao lugar no corpo ou próximo a ele, em que o sinal é articulado e o movimento – M, que corresponde aos movimentos que a mão e/ou dedos da mão

realizam durante a articulação desse sinal. Os dois secundários são a orientação da palma – OP, isto é, a direção em que a palma da mão está durante a produção do sinal e as expressões não manuais – ENM que são as expressões faciais ou do corpo durante a articulação do sinal. (SUPALLA e NEWPORT, 1978; KLIMA & BELLUGI, 1979). Esses parâmetros, também, são observados na Libras (FERREIRA 1995, 2010). Mas, pesquisas recentes, no campo da morfologia e da sintaxe como as de Quadros e Karnopp (2004) dentre outros, mostram que, de acordo com o contexto em que são utilizados da Libras, esses parâmetros apresentam um valor gramatical morfológico ou sintático, confirmando que, mesmo na Libras, há uma proximidade ou dependência mútua entre essas áreas da linguística quando no uso real pelos usuários dessa língua, favorecendo uma interpretação mais clara daquilo que se pretende informar durante uma comunicação entre interlocutores.

Nas figuras 3 e 4 temos um exemplo de oposição entre os sinais LARANJA e APRENDER. A diferença é expressa apenas pelo parâmetro PA. Veja a seguir na figura 3, em que a oposição é clara de PA e, nas figuras 4 e 5, mostram a oposição de PA e detalhes da CM, M, PA, OP:





**Figura 4: Sinal LARANJA**



**LARANJA**

**Fonte: produzido pela pesquisadora.**

**Figura 5: Sinal**

**APRENDER**



**Fonte: material produzido pela pesquisadora.**

Nas figuras 1, 2, 3, 4 e 5 os sinais têm a mesma configuração de mãos, CM ou formato das mãos, o mesmo movimento M (abrir e fechar a mão), a mesma orientação da palma OP (palma da mão voltada para a medial), mas, os dois sinais se diferem, fonologicamente, apenas quanto ao ponto de articulação PA, pois, o primeiro é articulado em frente à boca enquanto o último é articulado em frente à testa.

E esta diferença é o que garante a distinção dos significados de cada sinal. A essa característica, de traço distintivo entre pares ou dois sinais, chamamos de par mínimo (FERREIRA, 2010).

De acordo com Ferreira (2010 p.24)

A noção de traços distintivos nas línguas de sinais dá-se no sentido de que cada sinal passa a ser visto como um feixe de elementos básicos simultâneos, que formam uma CM, um M e uma L e que, por sua vez, entram na formação de itens lexicais.

Logo, ao comparar os feixes de traços fonológicos dos sinais LARANJA e APRENDER os parâmetros, na Libras, CM, M, PA, OP e ENM que constituem cada

sinal, percebe-se que a diferença entre eles se manifesta quanto ao traço ponto de articulação (PA), isto é, este é o único traço fonológico que os diferenciam.

Ferreira (2010 p. 221-223) e, posteriormente, Quadros e Karnopp (2004 p.90-91) citam em seus estudos algumas restrições para a boa formação dos sinais na Libras e que, anteriormente, são apresentadas por autores que investigaram a ASL, as quais são:

(1) quando um sinal é criado, a CM precisa ser semelhante desde o início até ao final da articulação desse sinal ou, no máximo, “essencialmente em um sinal, a CM pode mudar, sendo a CM inicial aberta e a CM final fechada ou vice-versa” (BRENTARI 1990; CORINA, 1993; QUADROS 2004 p.90), como nos sinais ‘aprender’ e ‘laranja’;

(2) havendo um movimento na produção do sinal, o mesmo grupo de dedos selecionados deve ser mantido ativo no início e no final da articulação de um sinal. No caso dos sinais APRENDER e LARANJA, todos os dedos da mão fazem o mesmo tipo de movimento sincrônico, resultando no abrir e fechar da mão;

(3) deve-se manter um número mínimo de dedos mudanças na orientação da palma (OP) da mão, como no exemplo da Figura 6 abaixo em que o sinal SOL, “apesar de violar a restrição na mudança de CM, pois a sequência de CM de mão ‘S’ para ‘L’ envolve dois grupos distintos de dedos selecionados, mas, ela contém uma simples mudança na OP” (BRENTARI, 1998; QUADROS e KARNOPP, 2004 p.91), conforme pode ser apreciado abaixo:

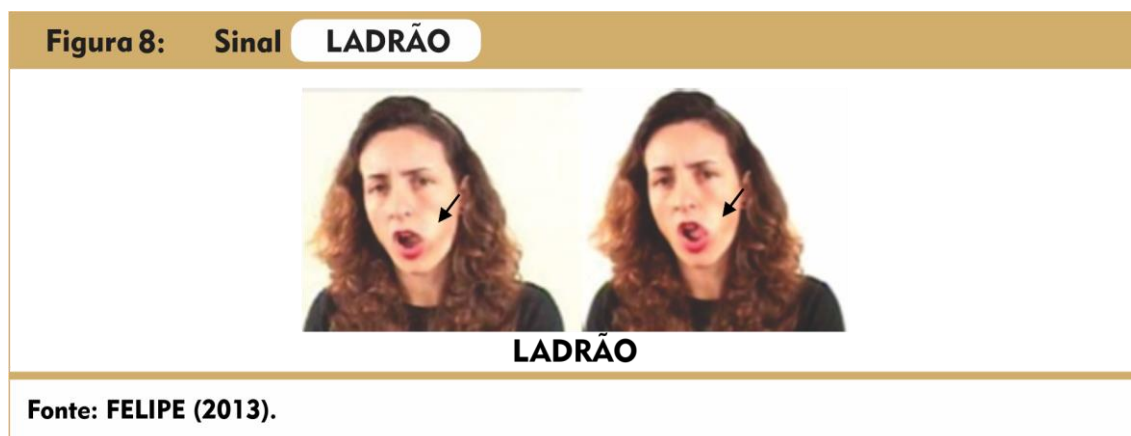


No início da produção do sinal SOL, nota-se a orientação da palma da mão para a medial, porém, ao final, observa-se, após o M, a mudança, ou não, na posição da OP para baixo com abertura específica do dedão e do dedo indicador para induzir os raios do sol sobre o chão ou pessoa.

Contudo, há alguns sinais no léxico da Libras que são constituídos exclusivamente por um único parâmetro e são reconhecidos como parte do léxico pelos usuários da Libras como nos exemplos dos sinais de SEXO (no sentido de convite para fazer sexo) e ROUBAR feitos pelo parâmetro expressões não manuais ENM, conforme mostram as figuras 7 e 8:



Na figura 7, que corresponde ao sinal SEXO, a articulação do sinal ocorre na boca, de boca fechada e com dois pequenos sopros internos feito contra a bochecha direita.



Na figura 8, o sinal LADRÃO é produzido com a boca levemente entreaberta e com dois movimentos internos da ponta da língua, disfarçados, passando, de trás para frente, rapidamente pela bochecha direita ou esquerda.

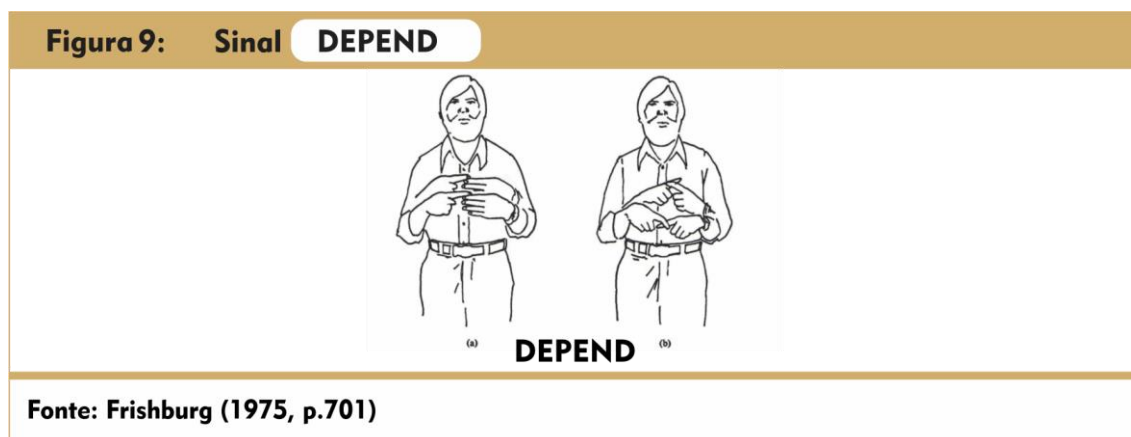
Nota-se que esses dois sinais, SEXO e LADRÃO, são constituídos pelo único parâmetro ENM, é possível notar que não se encaixam em nenhuma das restrições para a boa formação, citadas por Ferreira (1995, 2010) e Quadros e Karnopp (2004).

### 1.1.2 Processos Fonológicos nas línguas de sinais e na Libras

Pesquisas clássicas da ASL, realizadas por autores pioneiros como Battison (1974) e Frishburg (1975 e 1979) foram fundamentais para a compreensão atual de como ocorrem alguns processos fonológicos ou mudanças linguísticas nas línguas de sinais, tais como: assimilações, restrições fonológicas etc.

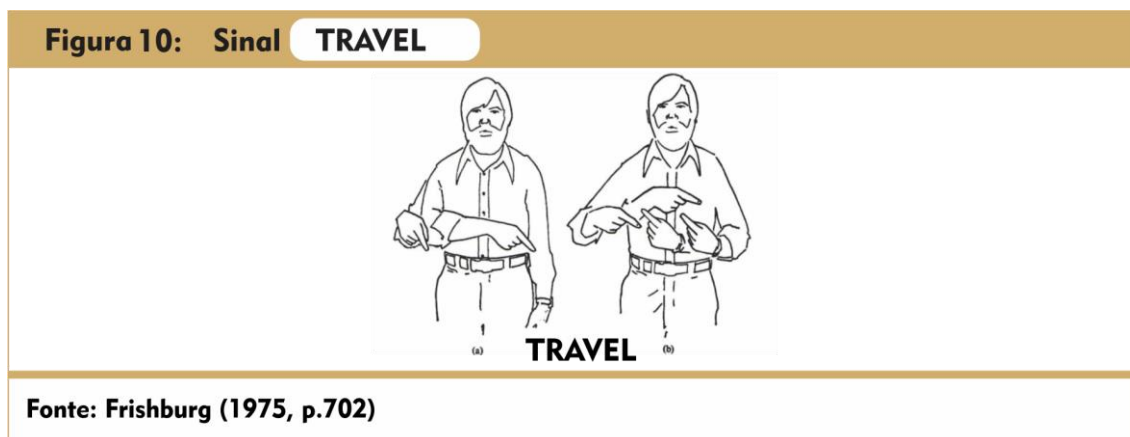
De acordo com Frishburg (1975, p. 701) pode-se notar, também, mudanças como a simetria desses mesmos parâmetros quando no uso das duas mãos durante a produção dos sinais, isto é, as duas mãos executam igualmente e ao mesmo tempo a CM, M, PA, OP. Essa simetria pode ocorrer por dois tipos de adaptação:

- (1) se o sinal envolve duas mãos com CM distintas para cada uma das mãos, a mão passiva (que não realiza nenhum tipo de movimento) pode assimilar, posteriormente, a CM e o MOV da mão ativa, como no exemplo do sinal DEPEND, da ASL, tirado de Frishburg (1975, p.701):



A figura 9 mostra uma assimilação da CM e M da mão ativa (mão direita do sinalizador) da ASL pela mão passiva. O (A), na figura, é a forma antiga e o (B) forma atual.

- (2) se o sinal envolve apenas uma mão, a segunda mão com CM e MOV simétricos pode ser adicionada ao sinal, como no exemplo do sinal TRAVEL da ASL, tirado de Frishburg (1975, p. 702).



Já a Figura 10 mostra uma transformação adicional na articulação do sinal que antes ocorria com uma mão (A). Na figura, observa-se uma articulação da mão oposta realizando, alternadamente, a articulação similar do mesmo sinal realizado em (A). Logo, com duas mãos em (B), nota-se que, as duas mãos passam a ter a mesma CM, M, PO, OP, e destaca uma *assimilação* ocorrida em (B), isto é, mostra uma *repetição similar ou proximidade idêntica da articulação da mão* em (A).

Frishburg (1975, p.703) também traz argumentações sobre possíveis deslocamentos dos sinais no corpo como a mudança no ponto de articulação (lugar onde o sinal é realizado no corpo), isto é, alguns sinais que antes eram realizados na altura da cabeça passam a ser feitos na altura do tronco e etc.

Isso acontece devido à ocorrência de *restrições físicas* na articulação das mãos e do corpo no espaço. Essas restrições no espaço podem variar dependendo do espaço disponível no ambiente para o sinalizador articular corretamente os sinais (se na tela de televisão, ocorre uma restrição visual/perceptual e motora na realização do sinal, isto é, os sinais que geralmente são realizados na região inferior do corpo são produzidos na parte superior do corpo para serem visualizados no espaço da TV. Se este sinal for articulado sem a ocorrência dessas restrições, como no espaço aberto, isso pode exigir ou não um amplo movimento dos braços e mãos. (FRISHBURG, 1975 p. 703)

Outro motivo desse deslocamento é o fato de que sinais realizados frente ao

rosto podem bloquear informações gramaticais nele veiculadas e que estão interligados a informações expressivas complementares como as expressões faciais naturais que ocorrem em perguntas, respostas ou negações. Com isso, a tendência é o deslocamento desta articulação para regiões laterais ou pouco abaixo do rosto.

Sobre a assimilação nas línguas de sinais, Valli et al. (2001, p.50) afirmam que esta ocorre quando “um segmento toma características de outro segmento vizinho a ele, geralmente aquele imediatamente precedente ou subsequente”.

Resende (2012, p.60) corrobora Valli et al., acrescentando que, na Libras, cinco tipos de processos de assimilação foram encontrados na literatura, envolvendo os seguintes parâmetros: (a) assimilação de configuração de mão (reproduz total ou parcialmente a CM de um sinal feito anteriormente –vizinho – ou simultâneo), (b) assimilação de ponto de articulação (com a mudança no ponto de articulação do sinal de origem para outro ponto no corpo, também citado por Frishburg), (c) assimilação de movimento (que pode acontecer pela interferência de um sinal anterior no qual ocorre algum tipo de movimento que influencie na produção do sinal posterior), (d) assimilação de orientação de mão (alteração da posição da palma da mão por influência da orientação de outro sinal ou mesmo pela influência semântica, como no caso do sinal ‘sol’, mostrado na figura 6) e (e) assimilação de expressão não manual ( que, menos frequente, pode ocorrer pelo aumento na duração de articulação do sinal, conforme mostra a figura 11 abaixo, citado pela autora Resende).



Fonte: Resende (2012).

De acordo com Resende (2012, p.67), na produção de SONHO TRISTE, como se vê na Figura 11, no quadrante do sinal isolado SONHO os parâmetros indicam: o ponto de articulação PA na lateral da testa, o movimento M da mão retilínea para cima com os dedos tamborilando e a expressão não manual ENM com a cabeça levemente na

lateral, também, para cima, acompanhando o M dos dedos e complementando o atributo semântico significativo do sinal, que corresponde a sonhar ou imaginar algo.

Apesar de Resende (2012,0.17) citar um exemplo de assimilação na Figura 11 acima, não faz comentários sobre a possibilidade de esse processo fonológico servir para distinguir diferentes estruturas morfológicas ou sintáticas.

Já o sinal TRISTE, em sua forma isolada, geralmente apresenta outros parâmetros, mas, as imagens, da figura 11, mostram a assimilação da ENM (que ocorre pelo movimento da cabeça) do sinal anterior SONHO para o sinal TRISTE. O foco está no M da posição da cabeça que, normalmente, no sinal TRISTE isolado se inicia para frente e termina para baixa, lateral esquerda ou direita. Contudo, neste caso do SONHO TRISTE, quando ele é feito posteriormente ao sinal SONHO, verifica-se uma mudança na posição da cabeça no sinal TRISTE em que a cabeça se inicia na lateral esquerda (por assimilação do sinal SONHO) seguido do M indo e terminando com a posição para baixo.

Esses processos fonológicos de assimilação e deslocamento do ponto de articulação e restrições linguísticas influenciadas pelo uso do espaço, apresentados anteriormente, trazem informações importantes que direcionarão discussões posteriores nos resultados desta pesquisa.

Até o momento, na literatura, o conceito de sinal composto se resume na junção de dois sinais simples que, ao se juntarem, formam um terceiro sinal com novo significado. Esse conceito se assemelha ao que é usado, também, para as línguas orais. Porém, nessa junção, algumas regras são específicas para as línguas de sinais e descrevem possíveis aspectos morfológicos que podem ocorrer nessa formação do sinal composto. Além disso, no que se refere à fonologia da Libras, alguns processos foram citados: como os de assimilação e o de deslocamento do PA, como resultantes de restrições físicas e perceptuais-visuais, conforme descritos acima.

## **1.2 MORFOLOGIA NAS LÍNGUAS ORAIS E NAS LÍNGUAS DE SINAIS**

Nessa seção, são apresentadas concepções básicas sobre a morfologia nas línguas orais e nas línguas de sinais. As subseções irão situar o leitor sobre conceito e processos básicos a respeito de morfologia. No decorrer das discussões, tentar-se-á usar

exemplos citados por estudiosos no assunto e, no caso da Libras, outros exemplos, retirados do cotidiano dos usuários de libras, comumente utilizados por seus usuários ou descritos na literatura.

Para tanto, autores como Stokoe (1960), Payne (1990), Basílio (1991), Aronoff (1997), Haspelmath (2002), Liddell (1986), Quadros e Karnopp (2004) Ferreira (2010), Faria-Nascimento e Correia (2011) entre outros, sustentarão as discussões que serão apresentadas nos subitens abaixo.

### **1.2.1 Morfologia nas línguas orais**

Ao pensar a estrutura de uma língua, a morfologia deve ser vista como parte importante que forma o léxico dessa língua e que, através dela, análises quanto à forma ou estudo da estrutura interna dos morfemas que contempla o léxico dessa língua.

Payne (2006 p.3) define a morfologia como o “estudo da forma mínima ou estrutura interna com significado. E esta, por sua vez, é definida como o estudo da combinação de morfemas que constituem as palavras na língua orais”.

Sobre o conceito de morfologia, Faria-Nascimento e Correia (2011, p.35) corroboram a ideia de Haspelmath (2002) dizendo que a

Morfologia é a área de estudo linguístico que analisa a estrutura interna da palavra: permite explicar as diferentes formas que as palavras podem assumir e identificar os processos de formação ou construção das palavras complexas.

Nas línguas orais, Faria-Nascimento e Correia (2011 p.36) revelam a existência de dois tipos de palavras: palavras simples e palavras complexas. Segundo as autoras,

“Palavras são simples quando não se podem dividir componentes mais pequenos dotados de significado – por exemplo palavras como ‘nó’[...] e palavras complexas são aquelas cujo interior podemos encontrar pequenos elementos dotados de significado gramatical”.

Sobre morfemas, Payne (1997, p.20) os descreve como objetos de estudo da morfologia, definidos como a “unidade mínima que expressa um significado, podendo ser desde um elemento fonêmico representado por uma letra ou uma sílaba até uma palavra”, desde que tenha um significado completo e compreensível por falantes de uma mesma língua.



Segundo Payne (2006 p.16)

Um morfema é uma forma mínima. Na linguística clássica, a definição de morfema é uma forma estrutural mínima ou um pedaço que expressa um significado. Por exemplo, no inglês a palavra *dogs* contém dois morfemas: *dog* que expressa o significado principal da palavra e *-s* que expressa a pluralidade (mais do que um).<sup>1</sup>

Payne (2006 p.16) cita o exemplo da palavra ‘dog’[-s] o autor descreve que o [-s] alocado no início da base ou raiz ‘dog’, torna possível a construção de um novo item lexical. E esse acréscimo do [-s] ao final da raiz, que ocorre por sufixação, resulta em uma nova palavra, no sentido plural.

A raiz, anteriormente citada como o significado principal de uma palavra, é uma forma básica comum. Conforme Payne (1997), os elementos acrescentados a ela são conhecidos como afixos, que podem ser classificados como: prefixos (ligados no começo da raiz), sufixos (ligados ao final da raiz) ou infixos (que aparecem interligados no meio da raiz). Estes últimos são raramente encontrados, mesmo em línguas orais e não ocorrem no português.

Assim, a definição de morfema pode ser mais precisa quando se destaca a ideia de morfemas livres e de morfemas encadeados ou presos. A este respeito, Faria-Nascimento e Correia (2011 p.42), baseadas nas definições de Payne (2006), definem o morfema livre que podem aparecer de forma independente e significado completo, tal como a palavra ‘Sol’ que em português mostra um significado completo e pode ser entendida por falantes dessa língua, mesmo quando usada isoladamente.

Já os morfemas presos são aqueles que, para ter um significado, precisam aparecer juntos ou ligados a outras formas, tal como acontece nos casos de pluralidade – de acordo com a descrição anterior referente ao [-s] acrescentado ao final da palavra ‘dog-dogs’ de Payne (2006). Este processo é conhecido como de sufixação.

Esta citação nos remete a ideia de que as características de uma língua não se esgotam na descrição detalhada dos morfemas que contemplam o seu léxico, uma vez que seus traços significativos podem, também, ser expressos pelo arranjo ou

---

<sup>1</sup> A **morpheme** is a minimal shape. In linguistics, the classic definition of a morpheme is a minimal structural shape or piece that expresses meaning. For example the English word *dogs* contains two morphemes: *dog* which expresses the main meaning of the word, and *-s* which expresses the meaning of plurality (more than one).

combinação dos morfemas que mostram possíveis classes ou noções gramaticais, tais como: morfemas que indicam plural, morfemas que indicam pessoa e tempo etc. em cada tipo diferente de morfema podem, ao final, expressar um significado diferente.

Sobre os significados do léxico, Payne (2006 p.11) cita três diferentes tipos de expressões que são utilizadas pelas línguas para permitir que seus falantes expressem variações de significados que são:

1) Expressão lexical: se refere àquela para a qual o falante precisa consultar o seu inventário léxico mental para expressar uma singularidade particular de significado. Normalmente envolve a substituição de um item lexical por outro. Payne (2006) cita como exemplo as formas GO 'ir' e WENT 'foi', do inglês, que não são derivadas uma da outra, por nenhum padrão regular. A segunda forma representa o passado da primeira. Mas, para usar essa forma correta do passado de GO, o falante precisa consultar sua lista mental – o léxico – para recuperá-la e usá-la adequadamente, quando necessária na comunicação. Assim, o passado do verbo GO, WENT, é expresso lexicalmente, ou seja, é outro morfema lexical.

2) Processos morfológicos: são aqueles que expressam variações no significado ao alterar as formas das palavras de uma maneira predizível. Payne (2006 p.12) cita o exemplo do passado de verbos regulares para os quais há uma regra ou padrão morfológico, estabelecendo que se deve “adicionar -ed ao verbo para formar o tempo passado”. Ex: CALL ‘telefonar’ – CALLED ‘telefonei’. Como exemplos de processos morfológicos temos: prefixação, sufixação, reduplicação.

3) Padrões sintáticos: expressam variações regulares no significado ao combinar ou rearranjar itens lexicais relacionados uns aos outros. Assim, envolve o arranjo de itens lexicais em um sintagma ou oração, ou a combinação de itens lexicais separados. Porém, devido à natureza da pesquisa estes padrões não são de interesse para esta pesquisa.

Payne (2006, p.27) faz referência a duas vertentes da morfologia: morfologia flexional e morfologia derivacional. A primeira ocupa-se da flexão em função da concordância com outras palavras correspondentes em uma frase. Um exemplo, oferecido por Payne, seria na língua portuguesa em que temos a flexão do verbo em concordância com as demais palavras que constituem uma frase.

Já a segunda, também conhecida como lexical ou derivacional, refere-se aos processos envolvidos na formação de novas palavras, identificando os constituintes e as regras que determinam a construção destas.

De acordo com Payne (2001) os tipos mais comuns de derivação são: a derivação prefixal e a sufixal. Enquanto a primeira corresponde à formação de novas palavras a partir do uso de prefixos, a segunda realiza, por meio de sufixos, o mesmo processo para formar novos substantivos, adjetivos, verbos ou advérbios.

Payne (2006) cita diferentes tipos de morfemas: aditivos, subtrativos, alternativos, reduplicativos e compostos, mas cujos exemplos serão dados no português para facilitar o entendimento em nossa língua majoritária atual, como detalhado a seguir:

- Morfemas aditivos são reconhecidos como segmentos que se anexam ao radical. Como exemplo, há a palavra ‘infeliz’, cujo prefixo [in-], ao ser inserido antes do radical/raiz, agrega a ele um novo significado;
- Morfemas subtrativos ocorrem quando há a supressão de um fonema do radical/raiz, transmitindo um novo sentido. Ex: Anão – anã;
- Morfemas alternativos consistem na substituição de fonemas do radical, o qual passa a apresentar duas possíveis formas alternantes (podendo ser também de prosódia). Desta mudança, resulta novo morfema ou morfema com significado distinto. Ex: dúvida/duvida;
- Morfemas reduplicativos são caracterizados como a repetição de morfemas do radical. Como: pula-pula (brinquedo usado em aniversários) etc..
- Morfemas por composição consistem naqueles que resultam da junção de duas palavras ou radicais. Ex: girassol (gira+sol), guarda-roupa (guarda+roupa).

Assim, apesar desta pesquisa estar voltada para os processos que envolvem a composição, as citações acima são necessárias para distinguir a formação de morfemas via composição, dos casos de derivação e flexão, quando necessário. Além disso, as considerações acima apresentadas na área de morfologia contribuirão para um entendimento dos processos morfológicos e que, também, estão presentes nas línguas de sinais.

### 1.2.2 Concepções básicas de morfologia nas Línguas de sinais e na Libras

Assim como nas línguas orais, a morfologia também está presente nas línguas de sinais, e é conhecida como a ciência que estuda a estrutura interna dos sinais, envolvendo o uso de regras que determinam suas formações. Neste segmento, surge o termo *morfema* – do grego ‘forma’– como a unidade mínima de significado da morfologia (QUADROS e KARNOPP, 2004, p.86).

O morfema pode, por si só, constituir um sinal com significado completo (morfemas livres), exemplos do sinal SOL na figura 6, ou parte desse sinal (morfemas presos). Tal processo leva a concluir que sinais tanto podem compor uma unidade que carrega um significado completo quanto uma unidade constituída por mais dum elemento ou unidade. Como exemplo se pode citar o sinal de MOTO:



O sinal de MOTO pode ser realizado por dois sinais, como visto em A e B. Na figura 12 (A) temos uma CM 🤞<sup>7</sup> (PIMENTA, 2011) com movimento (M), quebra de punho, da mão que representa a ação de acelerar a moto, Orientação da Palma da mão (OP) para baixo. A articulação do sinal ocorre no espaço neutro (espaço frente ao corpo). Em (B) temos CM 🤞<sup>50</sup> (formato da mão, PIMENTA 2011) representando a entidade moto (objeto), com M ausente, OP para baixo e que ocorre, também, no espaço neutro. No caso o sinal em (A), este ocorre isoladamente quando se pretende remeter apenas ao sinal de MOTO e mostra um significado completo. Já no caso do sinal em (B), tanto pode ocorrer sozinho, nesse caso o contexto em que é usado auxilia no seu entendimento ou ocorrer interdependente de (A) e, feitos juntos, sequencialmente um após o outro, compondo a unidade (moto).

Nesse caso quando o usuário quer se referir, por exemplo,  $MOTO_{andar}$ , primeiramente ele articula o sinal (A), que é um morfema livre seguido de (B) morfema preso dependente do (A) para que o interlocutor não o confunda com outra entidade como, por exemplo, o sinal BICICLETA. Este é um sinal diferente de MOTO (A), mas pode ser usado como (B) resultando no formato  $BICICLETA_{andar}$ . Esses casos podem remeter exemplos de padrões sintáticos em que há a recombinação ou rearranjo de itens lexicais em um sintagma, relacionados um ao outro, ou a combinação de itens lexicais separados (PAYNE, 2006 p.11) refletindo sobre a morfologia engajada nos aspectos sintáticos, semânticos etc..



Na Figura 13 a articulação do sinal MOTOS no plural mostra a articulação repetida do radical do sinal MOTO (objeto), com um movimento de vai-e-vem para frente e para trás, em direção à esquerda, feita em diferentes partes no espaço neutro à frente do corpo do sinalizante. Logo, esse plural ocorre por reduplicação.

Segundo Klima e Bellugi (1979), ao comparar as línguas de sinais com as línguas orais, esta combinação pode acontecer de forma diferente, isto é, enquanto nas línguas orais ela pode ser resultante da adição de afixos (prefixos ou sufixos) na raiz enriquecida por afixo(s) (como, por exemplo, a palavra ‘feliz’ resultar na palavra ‘infeliz’ pelo acréscimo do prefixo in-, no radical ‘feliz’), nas línguas de sinais este fenômeno pode acontecer por outros tipos de propriedades, como, por exemplo, a raiz enriquecida, mas por vários movimentos repetitivos (para indicar plural) dispostos em diferentes partes do espaço à frente do corpo do falante de Libras durante a produção do sinal, como mostra a Figura 13 com o exemplo MOTOS.

Os sinais na Libras, assim como as palavras, pertencem a categorias lexicais envolvendo classificadores, ou classes, tais como pronome, nome, verbo, advérbio etc. As línguas de sinais têm um léxico e um sistema de criação de sinais novos, no qual as unidades mínimas com significados (morfemas) são combinadas. Entretanto, as línguas de sinais se diferem das línguas orais em razão do tipo de processo combinatório. Entretanto, as línguas de sinais, frequentemente, cria sinais morfológicos complexos, como no caso dos classificadores na Libras e que serão discutidos em subitem 1.2.6 (pg.51).

De acordo com Brentari e Padden (2001 p.89), esse léxico é composto por: 1) léxico nativo, isto é, sinais que obedecem a todas as restrições de boa formação de sinais e próprios da modalidade visuo-espacial da Libras e, 2) léxico não nativo, que são os sinais estrangeiros usados como empréstimos na língua local e a soletração manual, que consiste na representação manual da ortografia/escrita do português envolvendo uma sequência de configurações de mãos que tem correspondência com a sequência de letras escritas do português (BATTISON, 1978).

Interessante destacar aqui que, apesar da constante busca na literatura no que se refere a um conceito explícito de sinal simples, nada foi encontrado. A única referência encontrada diz respeito à existência de possíveis restrições para a boa formação de sinais, tópico que foi discutido na seção 1.1.1, página 24, desta pesquisa.

A questão da identificação e descrição conceitual de sinal simples é crucial para a compreensão da relação semântica que está contida nesse sinal, pois, a criação de um sinal envolve uma necessidade, seja ela conceitual ou comunicativa, que sempre carrega um significado (FARIA-NASCIMENTO e CORREIA, 2011, p. 68).

Além disso, as pesquisas de Capovilla, Raphael e Maurício (2009) direcionam propostas de análise dos processos morfológicos articuladas ao aspecto semântico e sociocultural desses processos, ou seja, análise que considera o significado final gerado nesses processos de formação de um sinal.

Os resultados da pesquisa de Capovilla, Raphael e Maurício (2009 p.34), cujos estudos partiram da construção do dicionário Novo DEIT-LIBRAS Língua de Sinais Brasileira, vol. 1 e 2, mostraram a existência de alguns grupos de sinais que

apresentaram similaridades nos parâmetros fonológicos/morfológicos.

De acordo com os autores, essas observações direcionaram para uma proposta de representação morfêmica, na qual diferentes noções seriam representadas por diferentes elementos da sinalização (formas da mão e sequência de formas da mão).

Segundo eles, esses elementos parecem constituir unidades mínimas significativas que representam significados particulares e podem combinar ou recombinarem com diferentes sinais, resultando em significados mais complexos. Essa ideia de unidades mínimas recombinativas seria, na visão dos autores, a definição de morfemas.

Os autores apresentaram duas classes de morfemas:

- a) Morfemas molares: representam significados mais icônicos, particularizados, analógicos (via gesticulação, mímica) como os sinais de: ELEFANTE, PÁSSARO, JOGAR e TÊNIS (sinal de TÊNIS - jogo) etc. facilmente compreendidos por não usuários da Libras e são, de acordo com os autores, itens lexicais inteiros ou podem se combinar com outros sinais mais complexos (CAPOVILLA, RAPHAEL e MAURÍCIO, 2009 p.34 );
- b) Morfemas moleculares: representam significados mais complexos e abstratos, de modo mais arbitrário e recombinativo. São exemplos os sinais de: PEDAGOGIA, PRECISAR, CAPAZ etc. Seria sinais compreendidos somente por usuários fluentes na Libras (CAPOVILLA, RAPHAEL e MAURÍCIO, 2009 p.34 );

Baseando-se nessas classes, os autores apresentam características distintas desses morfemas e que podem ser entendidas de acordo com o quadro abaixo:

-

-

-

Quadro 1: Características distintivas entre morfemas molares e morfemas moleculares

MORFEMAS MOLARES	MORFEMAS MOLECULARES
Possuem unidades maiores e menos re combinadas; limitam-se a codificar significados visualmente mais concretos, específicos e particularizados;	Consistem em unidades menores capazes de múltiplas associações em diferentes combinações, o que lhes permite modular e codificar significados mais complexos e abstratos;
Mostram significados imediatamente aparentes a observadores ingênuos quanto ao léxico da Libras;	Os significados somente se tornam aparentes e compreendidos após certa familiaridade com os elementos lexicais da Libras;
São mais intuitivos e não dependem de recursos linguísticos típicos da gramática da sinalização e são mais limitados e específicos de algo;	São menos intuitivos, menos transparentes, mais dependentes de recursos linguísticos típicos da gramática da sinalização, sendo somente interpretados por pessoas proficientes no domínio desses recursos.

Fonte: Produzido pela pesquisadora.

Essas dimensões nos levam a refletir sobre a complexidade de descrever critérios distintivos entre um sinal simples e um sinal composto na Libras e, nesses critérios, em qual aspecto semântico eles se encaixariam.

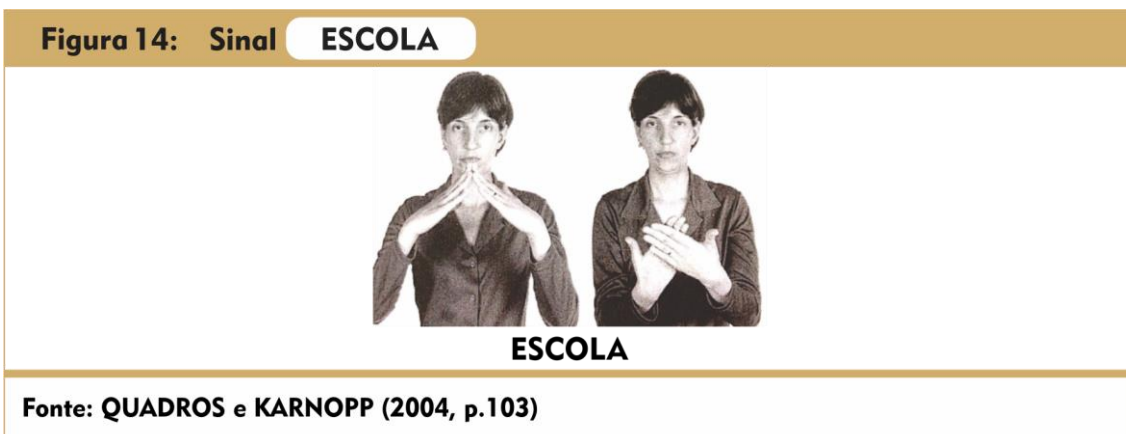
### 1.2.3 Sobre a composição nas línguas de sinais

Liddell (1984) na ASL descreve os sinais compostos como sendo àqueles em que dois sinais isolados se juntam eles formam um terceiro sinal, conhecido como sinal composto que contém um novo significado, mas, algumas mudanças podem ocorrer em consequência dessa junção. O autor cita três (3) regras morfológicas que são usadas para criar esses sinais compostos na ASL e que são adotadas por Quadros e Karnopp (2004 p.103 - 105) na Libras:

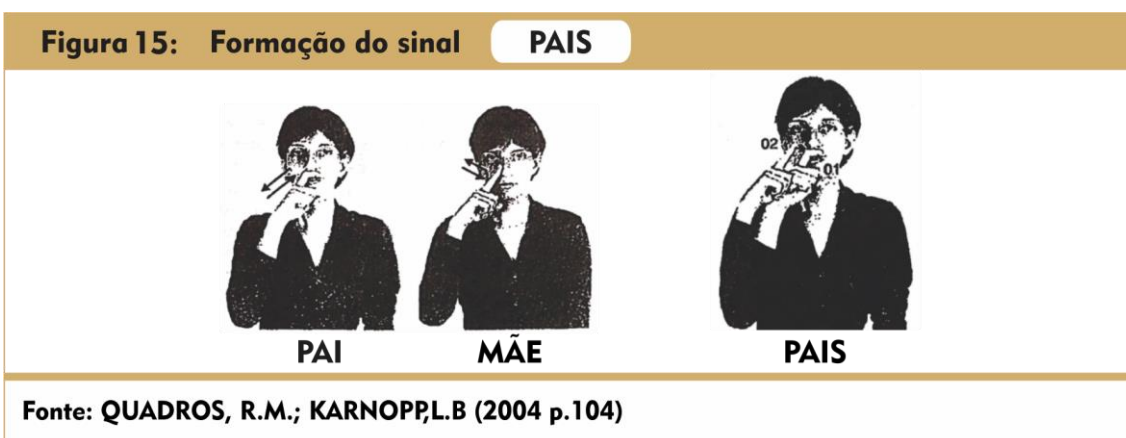
- (1) Regra de contato: Frequentemente um sinal inclui algum tipo de contato, seja no corpo ou na mão passiva. Em compostos, o primeiro, o segundo ou o único contato é mantido. Isto significa que, se os dois sinais ocorrem juntos para formar um composto e o primeiro sinal apresenta contato, mas o segundo sinal não, este contato permanece na composição. Logo, se um sinal composto apresenta contato no primeiro ou no segundo sinal, o contato pode permanecer nos dois sinais que formam o composto ou em apenas um deles. Desta forma, sinais realizados pelas duas mãos (sinais bimanuais), participantes desta formação, que geram um novo sinal por composição que apresentam contato, este poderá ser mantido. Ex: sinal de



ESCOLA formado pelos sinais CASA e ESTUDAR, ambos os sinais isolados têm contato durante suas produções e estes são mantidos ao formarem o sinal ESCOLA.



- (2) Regra de sequência única: quando nos sinais produzidos por uma mão (sinais monomanuais) o movimento interno de dedos ou a repetição desse movimento é eliminado. No sinal PAI, e MÃE, quando feitos isoladamente o movimento do dedo indicador ativo é repetido. No entanto, quando ocorrem juntos formando no sinal PAIS, terceiro sinal resultante da junção entre os sinais PAI e MÃE, a repetição do movimento interno dos dedos é eliminada, conforme pode ser visto na figura abaixo:



Na articulação do sinal ESCOLA, na Figura 14, há, também, uma redução no M do sinal, isto é, no sinal ESCOLA isolado é articulado com duas repetições no M (duas batidas na palma da mão passiva), mas ao ocorrer a composição, o M é realizado apenas uma vez;

- (3) Regra de antecipação da mão não dominante: ocorre em sinais bimanuais e, nesse caso, quando os dois sinais são combinados para formarem um composto, a mão ativa e a passiva estão envolvidas no processo. A mão passiva do sinalizador antecipa o segundo sinal que será articulado, tal como no sinal ACREDITAR em que, após a produção do primeiro sinal MENTE/SABER a mão esquerda (passiva) se antecipa, no espaço neutro, posicionando-se para a produção do sinal ESTUDAR (mão direita ativa que toca na mão passiva formalizando o sinal ACREDITAR).

**Figura 16: Sinal ACREDITAR****ACREDITAR****Fonte: QUADROS, R.M.; KARNOPP, L.B (2004 p.105)**

Em estudos realizados por Felten e Grannier (2012), sobre o processo de formação de sinais próprios de pessoa, isto é, sinal-nome, concluíram que o mesmo também segue critérios de seleção, na qual se tem o uso de uma configuração de mão (geralmente representando um empréstimo linguístico inicial, pois corresponde a letra inicial do nome da pessoa) seguido de uma característica física que demarca essa pessoa. Isto resulta no sinal composto resultante da junção de dois sinais simples completos.

Assim, Felten e Grannier (2012) descrevem os seguintes critérios:

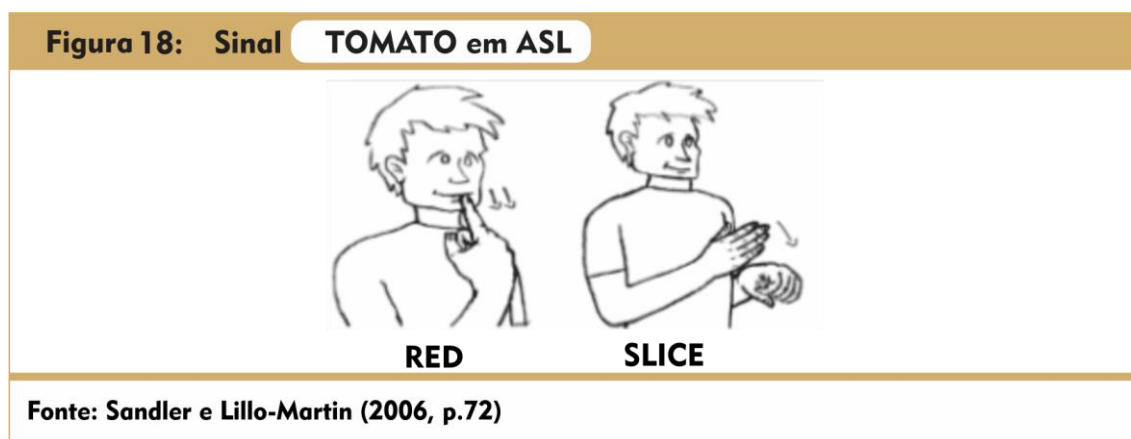
(1) o sinal próprio em que há situações de fusão entre a CM (configuração de mão), representando a letra inicial do nome da pessoa em português escrito, com uma característica física que qualifica essa pessoa e; (2) sinal próprio composto semelhante àquele formado por dois sinais independentes, em analogia ao termo “nomes compostos”, utilizado para nomes próprios, em Língua Portuguesa, como Carlos Alberto ou Ana Maria.

**Figura 17: Sinal ANDRÉA que representa o exemplo, retirado do cotidiano, do critério 1****A ▲ LATERAL PUNHO****Fonte: produzido pela pesquisadora.**

A figura acima mostra que há o empréstimo linguístico A articulado, simultaneamente, a uma característica pessoal da pessoa, no caso o uso de relógio brilhante na mão esquerda na região lateral do punho. Tal forma de articulação se encaixa no critério (1) proposto pelos autores acima.

Quanto aos tipos de composição Sandler e Lillo-Martin (2006, p.72) descrevem dois tipos de composição encontrados nas Línguas de Sinais Americanas – ASL:

(a) *composição típica*, em que dois ou mais sinais são combinados para formar um novo sinal sendo um deles pode, ou não, ser entendido, lexicalmente, como a cabeça/raiz e o outro como o modificador. Como exemplo de composição típica, as autoras citam, em ASL, o sinal composto de TOMATO, resultante dos sinais membros RED ^ SLICE que pode ser demonstrado na Figura 18:



O mesmo exemplo também pode ser visto como um composto na Libras, isto é, o sinal TOMATE que é resultante da junção dos sinais VERMELHO ^ FATIAR conforme mostra a Figura 19:



O sinal FATIAR tem correspondência um pouco distinta na Libras quando comparada a ASL no traço CM, formato da mão, em que cada uma utiliza uma CM diferente.

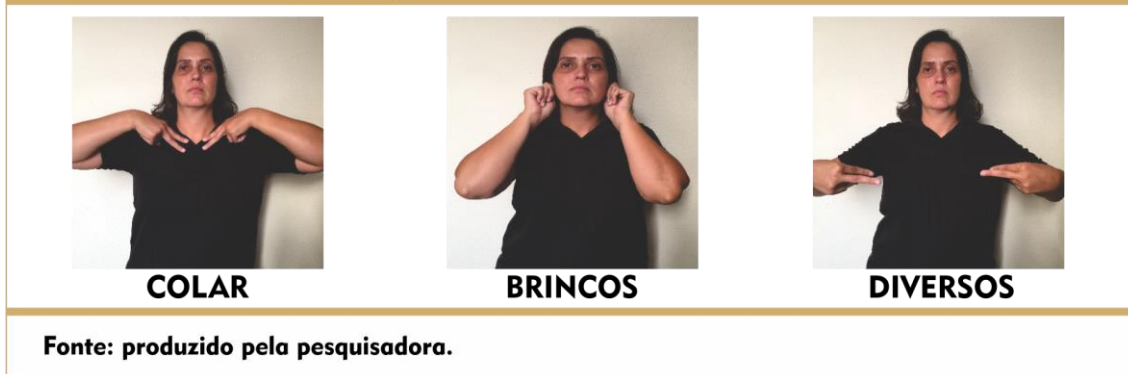
No exemplo de TOMATO em ASL, as autoras descrevem os processos fonológicos que ocorrem durante a execução do sinal composto destacando que: o tempo de produção para sinalizar um composto é aproximadamente o mesmo da produção de um único sinal, embora o composto formado resulte de dois sinais separados.

Esse processo fonológico, também, é descrito nas pesquisas de Klima e Bellugi (1979) para a ASL, da seguinte forma: (1) há um encurtamento no tempo de execução do sinal composto. Os sinais utilizados na produção do composto são comprimidos no tempo de realização; (2) a transição entre os dois elementos é acelerada evitando perdas de elementos linguísticos (fonológicos e morfológicos) na execução do sinal composto resultante. Assim, os processos fonológicos encontrados que contribuíram para o processo de composição do sinal resultante, no exemplo acima, foram os processos fonológicos de: encurtamento do tempo de produção do sinal - compressão temporal e a transição acelerada entre os sinais.

(b) Já na *composição coordenada*, segundo tipo de composição citado por Sandler e Lillo-Martin (2006), nenhum membro é cabeça ou modificador, ao invés disso, todos os membros são iguais, pois tratam de expor exemplos conceituais de sinais que contemplam uma mesma categoria ordenada desses sinais pretendidos. As autoras citam o exemplo do sinal JEWELRY em ASL que pode ser sinalizado pelo encadeamento dos sinais de NECKLACE^BRACELET^RING^ETC. Os autores não apresentaram exemplos impressos.

Na Libras, o sinal para JÓIA, referente a objeto de valor, também é visto sendo executado remetendo à exemplos ordenados de jóias (exemplos dessa mesma categoria), isto é, um encadeamento de sinais que remetem exemplos de jóias como 'COLAR^BRINCO^PULSEIRA^DIVERSOS conforme mostra a figura abaixo:

**Figura 20: Sinal JÓIAS na Libras.**



Assim, até o momento e conforme o exposto acima, pode-se afirmar que a composição, nas línguas de sinais, pode resultar tanto da combinação ou junção de dois ou mais nomes (substantivo-substantivo) como visto nos exemplos das Figuras 15,16, 18, 19 considerando, portanto, que deve ser levado em conta não somente a junção entre sinais isolados, mas, também, a possível descrição da classe gramatical envolvida nos processos combinatórios, se entre nomes-nomes ou entre nomes-verbos (exemplo sinal VENDEDOR = PESSOA  $\wedge$  VENDER) etc. Associa-se a essa reflexão, um cuidado quantitativo e qualitativo de membros constituintes nesse processo e a importância da percepção dos processos fonológicos envolvidos nessas combinações para fins classificatórios ou conceituais do processo de composição em si.

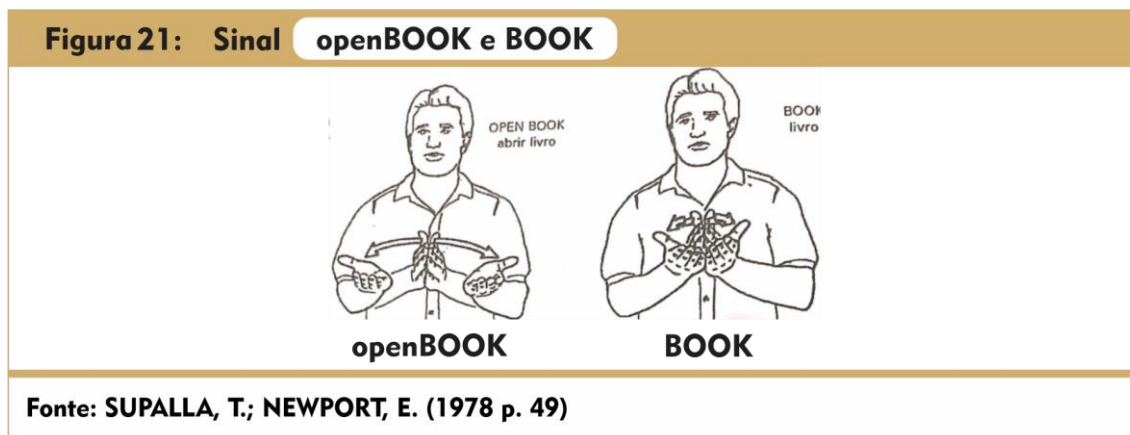
#### 1.2.4 Verbos e substantivos na Libras

Outra discussão linguística mais elaborada, que irá contribuir na análise dos dados desta pesquisa, corresponde à das classes de verbos e de substantivos na Libras.

Supalla e Newport (1978 p.49) ao estudarem as possíveis características distintivas entre classes de substantivos e classes de verbos na ASL, concluíram que as características em comum resultavam de um processo de derivação. Ferreira – Brito (1990 p.37) e Quadros e Karnopp (2004 p.98), ao investigarem esse mesmo processo na Libras, confirmaram a ocorrência desse mesmo resultado, ou seja, que os sinais da classe de substantivos derivavam dos sinais da classe de verbos, tanto na Libras como na ASL.

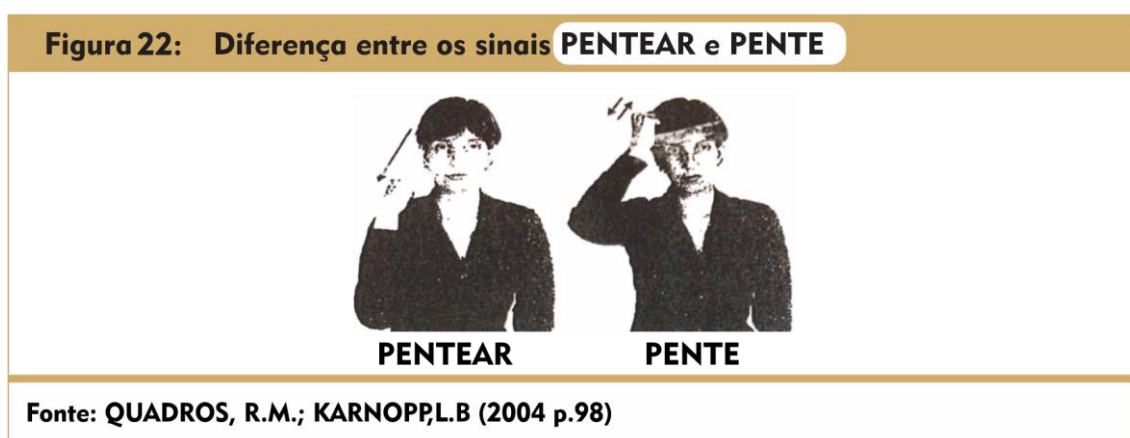
De acordo com esses autores, essa diferença decorre da mudança no tipo de movimento (M), isto é, enquanto nos substantivos o M, no momento em que o sinal é produzido, é encurtado e repetido, nos verbos, ele é mais longo e não repetido.

Abaixo segue exemplo do sinal BOOK em ASL:



A figura mostra, à esquerda, o sinal-verbo OPEN  $\wedge$  BOOK com o movimento único e alongado das mãos para indicar a ação do verbo abrir (um livro) e, à direita, o substantivo sinal-nome BOOK. A articulação do último sinal mostra um movimento curto e repetido das mãos. Comparando as imagens, nota-se diferenças no M movimento e se constata que o sinal BOOK deriva do sinal OPEN $\wedge$ BOOK, ou vice-versa.

O mesmo processo de derivação ocorre na Libras, conforme mostra a Figura 22, para os sinais PENTEAR e PENTE:



Apesar da CM, PA e OP serem diferente do exemplo da Figura 21, pois remetem a outro tipo de sinal, é notório perceber que o sinal-verbo PENTEAR se difere do sinal-

nome (substantivo) PENTE apenas no M que é realizado durante a articulação dos sinais, isto é, no primeiro, há um único M alongado enquanto no segundo sinal, há uma repetição encurtada do M indicando que se trata de sinais de classes ou categorias diferentes.

Felipe (2006; 2013), tomando o verbo como objeto de seus estudos na Libras, notou a existência de processos de formação de sinais similares àqueles processos envolvidos na formação de palavras nas línguas orais, tais como: (a) *processo de modificação da raiz*, (b) *processos de derivação*, (c) *processos miméticos* e (d) *processos de composição*. Para a presente pesquisa, porém, interessa discorrer sobre os (b) processos de derivação e (d) processos de composição.

Sobre o (b) *processo de derivação*, destacam-se os estudos da Língua de Sinais Americana (ASL) e da Libras. Esse processo permite distinguir sinais pertencentes à classe de substantivos daqueles pertencentes à classe de verbos. Tal distinção de classes, contudo, será possível, se suas funções forem identificadas no contexto linguístico em que ocorrem, já que a forma (combinação entre CM, PA e OP) do sinal é a mesma para ambos, mudando apenas no parâmetro M (SUPALLA & NEWPORT, 1978; FELIPE, 2006, p. 204)

Como exemplo nos sinais de CADEIRA e SENTAR, citados por Quadros e Karnopp (2004 p.97) e Felipe (2006) como pares de substantivos e verbos comuns, conforme mostra a Figura 23, na Libras:



No exemplo acima, citado por Quadros e Karnopp e reproduzidos por Felipe, nota-se que, no sinal do verbo SENTAR, quando comparado ao substantivo, há um

alongamento do parâmetro M. No sinal CADEIRA há o encurtamento da repetição (duas vezes) do M.

O mesmo ocorre entre os pares PENTEAR e PENTE, na figura 22, em que, apesar das formas similares, observamos que: no parâmetro M do sinal PENTE há uma breve repetição e encurtamento deste parâmetro no momento de articulação desse sinal. Já no sinal-verbo PENTEAR, há um único movimento, mas com duração mais alongada, indicando estado ou processo, sem implicitamente desconsiderar a representação do instrumento “pente”. Felipe (2006) considera que, nesse caso, o verbo ‘pente’ deriva do substantivo ‘pente’.

No tocante a (d) o processo de composição, Felipe (2006) descreve três situações: (1) justaposição de classificador com um item lexical, (b) justaposição de dois itens lexicais e (c) justaposição da ação como descritos a seguir:

1. *justaposição de classificador* (explicado no item abaixo) *com um item lexical* que forma um terceiro item, resultando no sinal AGULHA e que é descrito como exemplo no texto da seguinte forma:

coisa-pequena ^ APLICAR-NO-BRAÇO = AGULHA;

2. *justaposição de dois itens lexicais* que formam um terceiro item lexical como no sinal ESCOLA (CASA ^ ESTUDAR = ESCOLA) exemplo da Figura 1 apresentado no início desse capítulo (pg.16). Neste caso, corroborando com os achados similares de Klima e Bellugi (1979), Liddell e Johnson (1986) e Sandler (1989) na ASL ;

3. *justaposição da ação* realizada *por um objeto/instrumento* (substantivo) *com a datilologia* da palavra em português, semelhante ao exemplo de AGULHA em que se tem: açãoCOSTURAR-COM-AGULHA ^ A-G-U-L-H-A = ‘agulha’.

Como exposto, são vários os processos linguísticos que permeiam a formação de sinais na Libras. Outras informações, entretanto, são importantes para complementar a compreensão dos processos de formação em torno do léxico da Libras, tais como os classificadores, que serão discutidos adiante nesta pesquisa.



### 1.2.5 Corpo como sujeito

Estudos comparativos entre as Línguas de Sinais Americana (ASL) e Língua de Sinais Israelense (ISL) realizados por Meir, Padden, Aronoff, e Sandler (2006) demonstraram que as classes de verbos nas línguas de sinais, classes que são tradicionalmente proposta por Padden (1990) para classificar os verbos na ASL como: verbos simples, verbos de concordância e verbos espaciais, apresentaram propriedades gramaticais mais elaboradas quando as análises de Meir, Padden, Aronoff, e Sandler focalizavam as singularidades das mãos, do uso do corpo e do espaço durante as sinalizações desses verbos.

Padden (1990 p.123), na proposta tradicional, classifica os verbos nas línguas de sinais em:

- (a) Verbos simples: nos quais o lugar onde o sinal é articulado indica um padrão semântico esperado e sem propriedade gramatical. Ex: *sinais de verbos realizados na cabeça* (associa significados que evocam atividades mentais como: PENSAR, ACREDITAR, SONHAR dentre outros); *sinais de verbos realizados no corpo* (associa sentimentos tais como: AMAR, GOSTAR etc.). Aronoff (1994) nomeia esses verbos de '*verbos icônicos*';
- (b) Verbos de concordância: verbos cuja direção da palma associada à direção do movimento indicam o papel sintático e gramatical (pessoa e número) no discurso;
- (c) Verbos espaciais: demarcam referentes/objetos e expressam a forma como suas trajetórias (ponto de partida e de chegada) percorrem no espaço a frente do corpo. Com isso a posição e direção do movimento da trajetória evidenciam argumentos gramaticais locativos e de pessoa.

Considerando essas classes de verbos tradicionais e reavaliando os papéis da mão, do corpo e do espaço durante a produção dos sinais dessas classes de verbos, Meir, Padden, Aronoff e Sandler (2006, p.89) propuseram a redefinição funcional, resumida no quadro a seguir:

Quadro 2. Redefinição de classes verbais

Classes verbais	Corpo	Mãos	Espaço
Verbos simples	Corresponde ao sujeito	Não codifica propriedades dos argumentos	-----
Verbos de concordância	1ª Pessoa	Codifica os papéis sintáticos e semânticos dos argumentos	Referentes a Não-1ª pessoa
Verbos espaciais	Ponto de referência espacial ou não envolvido	Codifica os papéis locativos dos argumentos	Localizações no espaço

Fonte: Meir, Aronoff, Padden, Sandler (2006, p.90).

Meir, Padden, Aronoff e Sandler (2006 p.89) descrevem classes de verbos já existentes como:

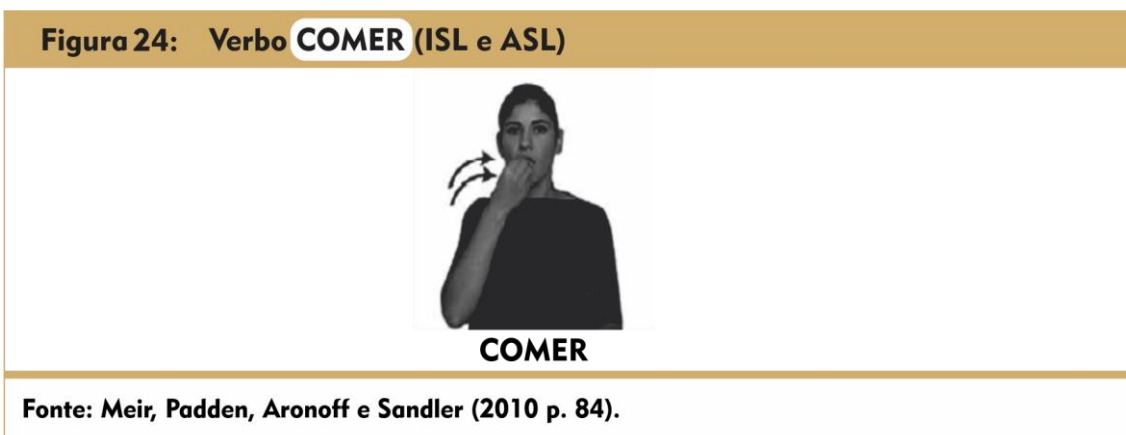
- (a) Verbos simples: àqueles que em um conjunto de “verbos são ancorados no corpo. O corpo é o sujeito e a categoria de pessoa gramatical não é codificada”. As mãos não revelam propriedades visuais que indicam a pessoa.
- (b) Verbos de concordância: o corpo não assume o papel do sujeito, mas demarca a 1ª pessoa. As demais localizações no espaço de sinalização são associadas a outros referentes distribuídos no espaço, demarcando as outras pessoas. A direção do movimento e a mudança da orientação da palma das mãos demarcam essas localizações das pessoas no espaço de sinalização, codificando os papéis sintáticos e semânticos dos argumentos.
- c) Verbos espaciais: determinam pontos dos referentes no espaço neutro (à frente do corpo do sinalizador) codificando seus papéis locativos. Há uma representação ‘real’ (espaço real) indicando desde o local onde se inicia o movimento, a trajetória que uma entidade ou objeto faz, até outro local diferente, descrevendo essa trajetória, isto é, seu ponto inicial e final demarcados no espaço neutro. Nestes, podem estar inclusos os verbos de descrições imagéticas

(nomeados por alguns autores, como Quadros e Karnopp, 2004, de classificadores).

Considerando esta nova redefinição, Meir, Padden, Aronoff e Sandler (2006) os autores citam como exemplo o verbo do sinal COMER, nas línguas de sinais ILS e ALS, cujo sinal se manifesta com um mesmo formato CM na boca (PA) do sinalizador, independente de a ação ser realizada por um sujeito da 1ª, 2ª ou 3ª pessoa.

Enquanto a 1ª pessoa fica implícita na ação do verbo COMER (pois, o corpo assume a ação de comer), a representação da 2ª e 3ª pessoa se concretiza diferente, por meio do apontamento, feito pelo indicador do sinalizante, que é realizado no espaço neutro à sua frente seguido da CM do verbo COMER quando o PA é a boca. Desse modo, independente da pessoa pronominal, o verbo COMER será usado igualmente nas frases que utilizem as três pessoas.

O que vai diferenciar a 1ª pessoa, da 2ª e 3ª pessoa, é o acréscimo do apontamento dessas pessoas no espaço neutro à frente ou ao lado do sinalizador seguido da produção do verbo COMER, tal como mostra a figura abaixo:



De acordo com os autores, neste exemplo acima, a mão assume uma forma específica e realiza movimentos, também específicos, pois, a mão se move na direção da boca do sujeito (corpo como agente do sujeito). Então, temos: (a) a forma da mão reproduz 'algo' foi pego, (b1) esse algo foi levado até a boca e (b2) a manifestação da ação de colocar esse algo na boca - adentrou na boca (por exemplo, comida). Além disso, a repetição do último movimento indica que, além da ação de colocar algo na

boca, tem-se o (b3) ato de ‘comer’ que pode, ou não, ser seguido pela ação de mastigar e/ou engolir.

Todas as ações, a de pegar algo, levar até a boca, adentrar pela boca e comer/mastigar em conjunto representam o sinal do verbo COMER. Neste caso, a correspondência entre o local de realização (PA) do sinal, na ‘boca’, associado à ação que o próprio sujeito realiza, isto é, a ação ‘daquele que come’, indica que ele é o agente que realiza a ação (o corpo assume a ação do sujeito), resultando no ‘corpo como sujeito’. Dessa forma, o próprio corpo representa um aspecto do evento e tem um papel semântico correspondente.

A mão, também, traz elementos linguísticos importantes sugerindo a forma (formato específico da mão), o modo (maneira como pegar o objeto) o movimento, de característica singular, próprio para realizar a ação específica do ato ‘comer’ (tema) ‘colocar a comida na boca’ (aspecto modo-temporal – manipulação de um objeto/alimento, portanto, paciente) e, tanto a direção desse movimento no espaço rumo à ‘boca’ como a direção da palma da mão (função espacial típica da modalidade da língua) constituem o sinal COMER.

Esses argumentos descritos acima corroboram com os achados de McDonald (1982) sobre a existência de verbos com formas multimorfêmicas ou verbos policomponenciais (*polycomponential verbs* – PVs) expostos no item 1.2.6 do capítulo I desta pesquisa

Na análise dos dados desta pesquisa será considerada essa proposta de redefinição descrita por Meir, Aronoff, Padden e Sandler (2006) estendendo essa descrição não apenas direcionada para os verbos sinalizados da Libras, mas, também, como esta se comporta para as outras classes gramaticais como a classe de substantivos, centralizando as atenções para os três elementos: ‘o corpo como sujeito’, ‘papel das mãos’ e o ‘uso do espaço’, durante as produções sinalizadas dos participantes da pesquisa.

Porém, ao refletirmos sobre o ‘papel das mãos’, se faz necessário discutir situações que poderão envolver o uso de classificadores que são assim, denominados por Ferreira (2010) e Quadros e Karnopp (2004) na Libras e que serão discutidos no subitem abaixo.

### 1.2.6 Classificadores na Libras

Outra importante informação que contribui para as análises nesta pesquisa corresponde às discussões dos classificadores na Libras, apesar de ser um assunto que, ainda, traz repercussões no meio acadêmico pela sua relação inconclusiva entre o seu conceito, abordado nessa língua, e a nomenclatura utilizada na Libras.

Na literatura, encontramos divergências consideráveis sobre a terminologia adequada envolvendo os classificadores. Allan (1977) utiliza o termo ‘classificadores’, para línguas orais e considera que são poucas as informações sobre línguas com classificadores, e as línguas de sinais parecem ser desse tipo. Para o autor, “os CLs podem funcionar como nome, como adjetivo, como advérbio de modo ou como locativo. Entretanto, é no verbo ou no adjetivo que eles se incorporam, pois os CLs se apresentam no sintagma verbal ou no predicado” (ALLAN, 1977, p. 288). Assim, segundo este autor, quando um CL se afixa a um item lexical, torna possível determinar a qual classe ele pertencerá.

Allan (1977 p.289), após ter pesquisado mais de cinquenta línguas, definiu os classificadores mediante dois critérios:

- a) eles se realizam como morfemas na estrutura de superfície sob condições específicas;
- b) eles têm significado, já que os classificadores denotam alguma característica saliente ou imputada a uma entidade que é referida por um nome.

Ao final de sua pesquisa, Allan concluiu que os sistemas de classificadores encontrados constituem um conjunto de categorias que podem variar entre as várias línguas existentes.

Supalla e Newport (1978) e McDonald (1982) propuseram chamar esses classificadores na ASL, como formas multimorfêmicas de “predicados com classificadores” (*classifier predicate*) ou “verbos policomponenciais (*polycomponential verbs* – PVs). Os autores deduziram que os CL, nessa língua, são morfemas que se ligam aos verbos de movimento e de localização indicando o objeto que se move ou que

é localizado ou demarcado no espaço (demarcação do referente no espaço à frente do corpo durante a sinalização de sentenças).

Supalla conclui, então, que a forma básica do verbo durante o uso de um classificador pode incluir: (a) um movimento dentre uma série restrita possíveis, que se refere a um tipo de predicativo de existência, localização ou movimento; (b) uma configuração de mão (CM) particular o que seria tipicamente o morfema classificador do verbo de movimento VM ou verbo de localização VL, e (c) um caminho ou um traçado para esse movimento.

Apesar das divergentes discussões, na Libras FERREIRA-BRITO (1995 p.102) conceitua os classificadores como:

uma configuração de mão (CM) que, ao se afixar a um verbo, torna-se um morfema, por receber propriedades multidimensionais e multimorfêmicas (unidades com funções estruturais e semânticas) para representar, posteriormente, por meio de descrições manualmente elaboradas no espaço frente ao corpo ou no próprio corpo do emissor, características de entidades referentes, tais como: forma, tamanho, movimento desses referentes em um evento etc.

O conceito acima nos leva a considerar os classificadores da Libras como morfemas ou sinais, constituídos pela combinação de propriedades multidimensionais e multimorfêmicas capazes de descrever, manualmente, uma pessoa realizando uma ação ou uma entidade no espaço de sinalização frente ao corpo, local onde ocorre a articulação do sinal classificador correspondente.

De acordo com a autora, nos classificadores, mãos e corpo são usados como articuladores para indicar o referente. Como exemplo temos o sinal BEIJA-FLOR<sub>voar</sub> na Libras, ou um agente realizando a ação, como no exemplo do sinal ANDAR<sub>pessoa</sub> citado por Ferreira (2010, p. 105).

**Figura 25: Sinal ANDAR<sub>pessoa</sub>****ANDAR<sub>pessoa</sub>****Fonte: Ferreira (2010 p.105)**

Observando a estrutura funcional que constitui o sinal ANDAR<sub>pessoa</sub>, a autora faz três tipos de referência: 1) referência ao o quê ou alguém (identificação do referente, no caso a pessoa - ser animado); 2) modo como a pessoa realiza essa ação; 3) referência ao espaço onde realiza a ação - andar (função locativa). Tais referências evocam funções gramaticais de pronome pessoal e de advérbios (pessoa, ação, modo e lugar) num único item lexical, que é o sinal ANDAR. Este, por sua apropriação multimorfêmica, constitui-se, segundo a autora, um tipo de sinal “verbo classificador”, ou seja, um morfema no qual os elementos descritivos (classificadores) estão incorporados.

Já na relação de iconicidade produtiva, a produção do sinal vai variar de acordo com tamanho, forma, etc., abordando princípios mais descritivos, seja de um objeto ou de um indivíduo (FERREIRA-BRITO, 1995 p.113).

Conforme mostra as discussões, notamos que as citações que envolvem CL envolvem também descrições de imagens (objetos/coisas ou pessoas) na produção do sinal. Além disso, segundo as discussões acima, o CL pode ser entendido como um item lexical que carrega em si propriedades multimorfêmicas. Desse modo, mesmo um CL partindo de uma CM (considerada um parâmetro que, isoladamente, revela-se como fonema nas línguas de sinais [STOKOE, 1960 apud QUADROS & KARNOPP, 2004]), ele constitui um morfema ao se juntar ao verbo e receber a ação descritiva de algo ou alguém, qualificando-o e fornecendo a ele(a) a sua propriedade morfêmica específica.

Mendonça (2012 p.102), que traz em seus estudos sobre classificadores um olhar mais tipológico para a Libras corrobora com os estudos de Ferreira-Brito (1995) e conceitua os classificadores como

configurações de mãos, que comumente são intituladas de classificadores e se comportam como itens lexicais e termos de classes. Já os verbos, são denominados

classificadores verbais e trazem à tona as características descritivas dos seus referentes.

O conceito de Mendonça (2012) reafirma que os classificadores são considerados um morfema ou sinal com significado completo, apesar de sua propriedade multimorfêmica ser para denotar classes ou descrever características de referentes.

Mendonça (2012 p.102) acrescenta em seus resultados que na Libras “de acordo com a literatura funcional, os classificadores não ficam restritos a uma função descritiva, mas têm uma função morfossintática e uma recategorização de itens lexicais”.

Estudos recentes de Sabanai (2016), sobre classificadores investigados em narrativas produzidas em Libras por alunos surdos do ensino médio, sob uma visão teórica funcionalista, a autora afirma que os verbos da estrutura frasal dessas narrativas demonstraram a existência de dois tipos de morfemas classificadores e que estes podem constituir parte dos verbos quando parte de uma construção frasal.

A autora afirma que nesses verbos se tem afixos, denominados de ‘classificadores’, corroborando com Ferreira-Brito (1995 p.110). Nesses casos, nas investigações de Sabanai, a existência desses classificadores afixados ao verbo indicaram, nas construções frasais analisadas, um sujeito (corpo como sujeito) e outros indicaram o objeto e, por se realizarem ao mesmo tempo, podem constituir um único sinal, um morfema.

Partindo dessas análises, que também foram complementadas pela autora pelos estudos de Mendonça (2012), Sabanai propôs que, quando os classificadores são analisados em construções frasais, eles podem ser:

“constituídos por dois subgrupos: os ‘classificadores-sujeito’ (CL-s) que são usados na função de sujeito de verbos intransitivos e os usados como objeto, os ‘classificadores-objeto’ (CL-o).” (SABANAI, 2016 p.68)

A autora corrobora com Ferreira-Brito (1995 p.102) Esses argumentos, juntamente com os resultados de sua pesquisa, mostraram que pelo fato destes classificadores apresentarem afixos ao verbo.

Para Sabanai (2016) os ‘classificadores-sujeito’ CL-s corresponderiam àqueles que descrevem três (2) situações: (a) os tipos de seres envolvidos (animados ou



inanimados) ou que representam e (b) como se movem (referentes) no espaço de sinalização ou no corpo do sinalizador. (SABANAI, 2016 p.69-70)

Já os ‘classificadores-objeto’ CL-o “descrevem, localizam ou representam objetos quanto à sua forma e tamanho” (pequeno, médio ou grande) e, portanto, os CL-o são diferenciados de acordo com o “tamanho do objeto apreendido” e é articulado na Libras através da configuração de mão podendo determinar sua forma, tamanho e a sua localização no espaço, conforme a produção da construção frasal realizada pelo sinalizador. (SABANAI, 2016 p.68-69)

Por fim, pela característica morfológica da pesquisa, os casos de classificadores não serão discutidos nesta pesquisa por envolverem mais fortemente a sintaxe e por requererem um olhar diferenciado quanto à forma de análise e descrição, pois envolvem características mais semióticas, imagéticas, de linguagem não-verbal que vão além do que é proposto nesta pesquisa.

### 1.2.7 Uso do espaço na Libras

O espaço de sinalização na Libras é conhecido como o espaço em que o sinal é articulado à frente, próximo ou no corpo do sinalizador e é chamado de espaço neutro. É utilizado como um lugar onde são articulados os conteúdos informativos, seja a descrição ou contorno de entidades como pessoa, animal, coisa/objeto (como no caso dos classificadores na Libras) ou mensagens que são comunicadas para um interlocutor.

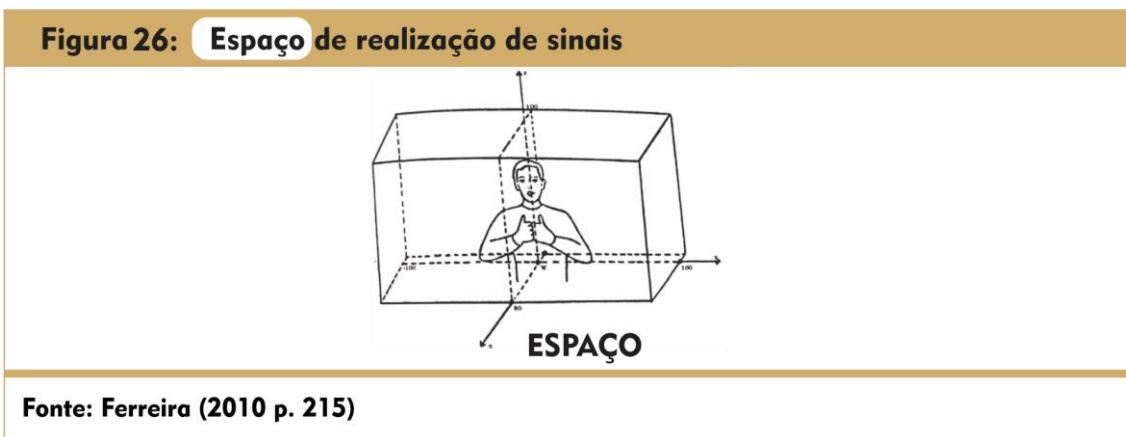
Ferreira (2010 p.37) traz um conceito de PA interessante que nos faz refletir sobre sua relação com esse espaço neutro. Segundo a autora o Ponto de Articulação é entendido como

O espaço frente ao corpo ou uma região do próprio corpo, onde os sinais são articulados [...] esse espaço são de dois tipos: os que se articulam no espaço neutro diante do corpo e os que se aproximam ou tocam em uma determinada região do corpo como, por exemplo, a cabeça, a cintura e os ombros.

A autora traz informações complementares sobre esse espaço explicitando que:

Pode-se delimitar dentro deste espaço um número finito e razoavelmente limitado de pontos, que são denominados pontos de articulação. Alguns desses pontos são muito precisos, tais como ‘a ponta do nariz’, enquanto outros são mais abrangentes, como ‘à frente do tórax’. Em outras situações, o ponto onde o sinal é realizado não é relevante. Neste caso, o ponto de articulação é chamado de *espaço neutro* (FERREIRA, 2010 p.213).

Ferreira (2010 p.215) propõe uma representação de “três eixos que correspondem aos três graus de liberdade de um movimento nesse espaço durante a articulação de um sinal: à frente-atrás, à esquerda-à direita e para cima-para baixo.” De acordo com a autora, “o espaço de realização está então contido num paralelepípedo”, conforme mostra a figura abaixo:



Siple (1978 p. 102 apud Ferreira 2010 p.38) afirma que “os sinais que se articulam sobre o corpo têm como característica o contato dos articuladores com uma das quatro áreas maiores utilizadas como Pontos de Articulação: cabeça, tronco, braços e mãos”. Geralmente, esses sinais podem estar relacionados a campos semânticos específicos destacando características icônicas como: sinais com PA realizados próximo aos olhos se referindo à visão, sinais com PA na boca se referindo à alimentação, sinais com PA na cabeça se referindo à área de raciocínio etc.

No PA há situações em que sinais podem ser articulados em pontos específicos do corpo, provavelmente interligados a algum aspecto icônico de seu significado, com ou sem contato com o corpo. Outros sinais são articulados em espaços próximos ao corpo, mas sem relevância específica, como no caso de sinais convencionados por uma comunidade de usuários de uma determinada língua de sinais (sinal de ‘precisar’, sinal de ‘trabalhar’ etc.) sem que tenha um ponto de contato com o corpo.

Além do espaço neutro, há, também, três categorias de espaços mentais que são proposta por Liddell (1995 p.21) e que surgiram a partir da teoria dos espaços mentais de Fauconnier (1994, p.03) em seus estudos na ASL.

Segundo Liddell (1995 p.21) esta teoria tem aplicação direta para a análise do comportamento dos pronomes e dos verbos dessa língua já que uma pessoa, durante o discurso, pode construir estruturas mentais. Portanto, segundo o autor, os estudos desses espaços podem revelar a projeção conceitual que o indivíduo tem, em sua mente, sobre determinado objeto ou ser (animado ou inanimado) e que são revelados através da organização estrutural e uso que esse indivíduo faz da língua(gem), representados em uma cena, limitados nesses espaços.

Bernardino (1999; 2000) corrobora com a proposta de Fauconnier (1994) em que o espaço de sinalização é utilizado para marcar e identificar referentes, como seres animados ou inanimados, em pontos específicos nesse espaço. E acrescenta como exemplo clássico o apontamento de uma pessoa/animal/objeto no espaço que pode ou não estar presente no momento da comunicação sinalizada e, nesse caso, se refere a um sujeito ou objeto, elemento constituinte de valor gramatical importante em construção de frase.

Liddell (1995 p. 46) definiu três tipos de espaços mentais, usados por sinalizantes:

[...]Real Space ou espaço real consiste na concepção de pessoas que estão fisicamente presentes nesse espaço. Nele, a locação de referentes pronominais e verbos direcionais não são fixos, mas dependem da localização física do referente. [...]Surrogate Space ou espaço sub-rogado são entidades invisíveis frequentemente usados durante uma mudança referencial ou incorporados por pessoas ou objetos como se eles estivessem presentes.[...]Token Space ou espaço Token se difere do espaço sub-rogado tanto no papel quanto no tamanho tridimensional onde os personagens assumem seus papéis no cenário miniaturizados. Tokens são utilizados para referir à terceira pessoa enquanto os sub-rogados podem assumir regras da primeira, segunda ou terceira pessoa. (Traduzido pela pesquisadora)<sup>2</sup>

De acordo com Liddel (1995), enquanto no espaço real o enunciador faz referência a entidades fisicamente reais, esse espaço não precisa ser construído pelo

---

<sup>2</sup> Liddell argues Real Space as a “mental space” which consists of a person’s is physically real. In Real Space, is not lexically fixed but depends upon the physical location of the referente. Surrogates are invisible entities that are often used during referential shift. Signers conceptualize surrogates persons or objects as if they were presente. For Token Space is inhabit and are three dimensional, invisible entities that are placed i singing space by signer. Tokens differ form surrogates in their sizes and in person role. Tokens are limited a third person role while surrogates can assume first, second or third person roles.(LIDDELL, 1995 p. 46) (tradução da pesquisadora).

narrador o momento do seu discurso e os interlocutores ou referentes são perceptíveis fisicamente e podem ser identificados via apontamento pelo dedo indicador.

No espaço token essas entidades não estão presentes, mas são representadas em miniatura no espaço de sinalização nas dimensões próximas ao sinalizador. No entanto, ao narrar um evento, o sinalizador assume o papel do personagem, em uma espécie de encenação em um palco. A isso Liddell chama de espaço sub-rogado.

No sub-rogado o sinalizador pode assumir o papel da primeira pessoa, segunda ou terceira pessoa no discurso, mas, neste caso, incorporados pelo próprio sinalizante, isto é, o corpo da pessoa quem sinaliza assume/incorpora o papel do referente que está invisível no momento do discurso e acaba realizando a ação pretendida no discurso usando o seu próprio corpo.

No espaço subrogado, o tamanho do espaço de sinalização se limita ao tamanho do espaço físico em miniatura e, na organização da cena, pode representar duas situações diferentes simultâneas como, por exemplo, um diálogo entre dois interlocutores, e que é representado por meio do 'jogo' de ombros ou do corpo (conhecido como processo anafórico), para a direita ou esquerda, demarcando e representando no espaço de sinalização a existência desses interlocutores no discurso.

Tais categorias são utilizadas, também, na Libras e citadas por Ferreira (2010), Quadros e Karnopp (2004) e Marinho e Grannier (manuscrito). O uso desses três tipos de espaços mentais permite aos interlocutores, organizarem a estrutura lógica visual e sequencial (início, meio e fim) da cena de um evento no espaço próximo ao corpo.

Logo, na análise dos sinais, serão consideradas as possibilidades de enquadramento desta proposta de categorização dos espaços de sinalização usados por Liddell. Desde que estes sinais tenham um valor gramatical no discurso produzido, isto é, um sinal que, dentro de um contexto do uso da língua, pode representar pessoa, animal ou coisa/objeto.

## **CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA**

Neste capítulo, apresentamos a metodologia proposta para a concretização desta pesquisa, desde a justificativa da metodologia adotada, critérios de escolha dos instrumentos utilizados, forma de seleção dos participantes e a análise e descrição dos dados coletados.

### **2.1 Sobre a metodologia adotada**

Para alcançar os objetivos propostos neste estudo, escolheu-se a pesquisa qualitativa.

Segundo Bogdan e Biklen (1994, p.16), as questões formuladas em uma pesquisa qualitativa têm o objetivo de investigar os fenômenos em toda a sua complexidade e em contexto natural. Os autores afirmam: “o investigador introduz-se no mundo das pessoas que pretende estudar, tenta conhecê-las, dar-se a conhecer e ganhar a sua confiança, elaborando, quando possível, um registro escrito e sistemático de tudo aquilo que lê, ouve e observa”.

Na pesquisa qualitativa descreve-se o material usado para a coleta de dados com o objetivo de revelar os múltiplos significados de uma situação ou de um fenômeno linguístico. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo desta pesquisa. O ambiente natural, neste caso de uso real da língua investigada, é a fonte direta de coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. O processo e o aprofundamento no mundo dos significados e das relações humanas são os focos principais da abordagem qualitativa.

De acordo com Harré e Gillet (1999, p.25),

Uma vez que vejamos a tarefa de compreendermos o comportamento humano como envolvendo a interpretação e a empatia, ao invés de previsão ou controle, os auto-relatos das pessoas que estudamos tornam-se importantes em qualquer projeto de pesquisa psicológica [linguística também]. E esses não devem ser considerados como relatos (passíveis de falsificação) de estados mentais, mas expressam de como as coisas são para os participantes [participantes no sentido de ação, e não de cobaias]. Portanto, o experimentador ou o observador precisa ingressar em um discurso com as pessoas que estão sendo estudadas e tentar apreciar os contornos do mundo cognitivo do sujeito. Contudo, neste ponto, não faz absolutamente sentido falarmos ainda em observadores e participantes. Existem apenas co-participantes no projeto de extrair um sentido do mundo e do que vivemos nele.

As ideias dos autores citados mostram a importância de compreender o que os participantes de uma pesquisa querem expressar ou o estado cognitivo que querem apresentar através dos discursos produzidos. Revelam, também, a relevância da relação dos participantes com as propostas dos instrumentos que foram utilizados, considerando o tempo, espaço, ambiente sociocultural e seus comportamentos. Os autores supracitados lançam luz de análise sobre o que os participantes pensaram e o sentido que deram às situações que criaram sobre suas produções durante o uso da língua.

Para Minayo e Sanches (1993, p. 245):

o trabalho qualitativo caminha sempre em duas direções: numa, elabora suas teorias, seus métodos, seus princípios e estabelece seus resultados; noutra, inventa, ratifica seu caminho, abandona certas vias e toma direções privilegiadas [e] compartilha a ideia de ‘devir’ no conceito de cientificidade.

A pesquisa qualitativa apresenta um quadro teórico delimitado, objetivos claros e princípios subjacentes à construção do conhecimento científico, permitindo a utilização de diferentes instrumentos, além de mudanças no percurso, quando a pesquisa de campo e o contexto da pesquisa exigirem. Neste sentido, o pesquisador torna-se o principal instrumento.

## **2.2 Os instrumentos da pesquisa**

Como instrumentos da pesquisa foram utilizados: (a) Figuras com algumas perguntas em torno de temas específicos (Apêndices 2, 3 e 4), que, após serem lidas pelos participantes, os motivaram a criarem produções discursivas contextualizadas em Libras. Os sujeitos são fluentes na Libras, surdos com uso da Libras nos diversos contextos desde à adolescência e a utiliza meio de comunicação e interação social. Essas produções foram filmadas em vídeo pela pesquisadora.

(b) Pequenos excertos retirados dos vídeos produzidos pelos participantes da pesquisa presentes no curso de Letras:Libras da Universidade Federal de Goiás – UFG. Esta filmagem ocorreu após prévia autorização, via Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para o uso de imagem (Apêndice 1) assinada pelos participantes, declarando estarem de acordo com a execução desta pesquisa.

Para a escolha dos instrumentos citados, foram adotados os seguintes temas:

- 1) ‘Feira’, ‘Profissões’, ‘Criação de história’, e “vídeo de suspense (Charada)”.
- 2) Os temas foram escolhidos por envolverem contextos comuns e práticos tanto da vivência dos participantes da pesquisa como também de qualquer outra pessoa da sociedade.

Quanto à ‘criação de história’, o procedimento foi como segue: o participante criava em Libras uma história envolvendo a profissão escolhida (tipo de profissão); o profissional (pessoa que lida nessa profissão); local onde esse profissional trabalhava e o que ele fazia.

Dos excertos retirados dos vídeos gravados com os participantes da pesquisa, foram selecionados aqueles que ilustram, com clareza, sinais simples e compostos (foco da pesquisa), constituindo os dados que compõem o seu *corpus*. Cabe lembrar que a gravação e o uso de vídeos mostraram ser formas de materialização da língua de sinais (língua de modalidade visuo-espacial), no caso a Libras, utilizada pelos participantes, facilitando o registro dos dados, análise e estudo dos resultados.

Assim, fizeram parte da pesquisa: 1) temas que motivaram a produção de discursos em Libras pelos sinalizantes, participantes da pesquisa; 2) excertos de vídeos retirados das filmagens.

Quanto às gravações das filmagens, realizadas por uma vídeofilmadora profissional, dos participantes da pesquisa, cabe lembrar que antes de iniciar as gravações, os participantes foram convidados a dela participar mediante uma explicação – em português por escrito, para os surdos e seus familiares, e em Língua Brasileira de Sinais – detalhada, na qual constam as seguintes informações: detalhes sobre os temas, objetivos, importância e contribuições desta pesquisa para a literatura que trata dos estudos referentes à gramática da Libras; notificação de que a realização da pesquisa ocorreria somente no interior da universidade; instrução sobre a forma como os vídeos seriam gravados.

Além disso, as explicações fornecidas aos participantes deixaram claro que todos os materiais coletados – juntamente com os resultados obtidos dos vídeos – seriam destinados especificamente para o propósito desta pesquisa.

Os participantes pesquisados teriam livre escolha quanto a suas participações ou mesmo desistência, em qualquer momento da pesquisa, não estando vulneráveis a qualquer tipo de risco, mas apenas ao benefício posterior de contribuírem para novos conhecimentos da área atinente à pesquisa.

### **2.3 Sobre os participantes da pesquisa**

Fizeram parte da pesquisa cinco participantes surdos (três mulheres e dois homens). Destes, quatro frequentam a Associação de Surdos de Goiânia (ASG) e todos são fluentes em Libras.

Em geral, são pessoas de classe média, quatro residentes em Goiânia e um em Brasília, com idades entre 23 e 43 anos. Dois trabalhavam durante o dia no comércio, na Associação dos Surdos, como vendedores, e três em universidades, como professores de Libras.

O recrutamento desses se deu pela preferência de ser surdos, fluentes na Libras. A fluência foi confirmada pela observação feita pela pesquisadora das conversas informais desses participantes nos corredores e na sala de aula da universidade, antes do convite de participação, respeitando-se os cuidados éticos e o espaço da universidade cedido para essa pesquisa.

### **2.4 Sobre a coleta dos dados**

Após a aprovação do Conselho de Ética de Pesquisa (CEP) da Universidade de Brasília (UnB), a coleta de dados foi iniciada, ocorrendo da seguinte forma:

- a) seleção dos participantes da pesquisa, dando ênfase a usuários surdos fluentes na Libras;
- b) convite (com apresentação da proposta da pesquisa) e assinatura de aceite para participarem da pesquisa;

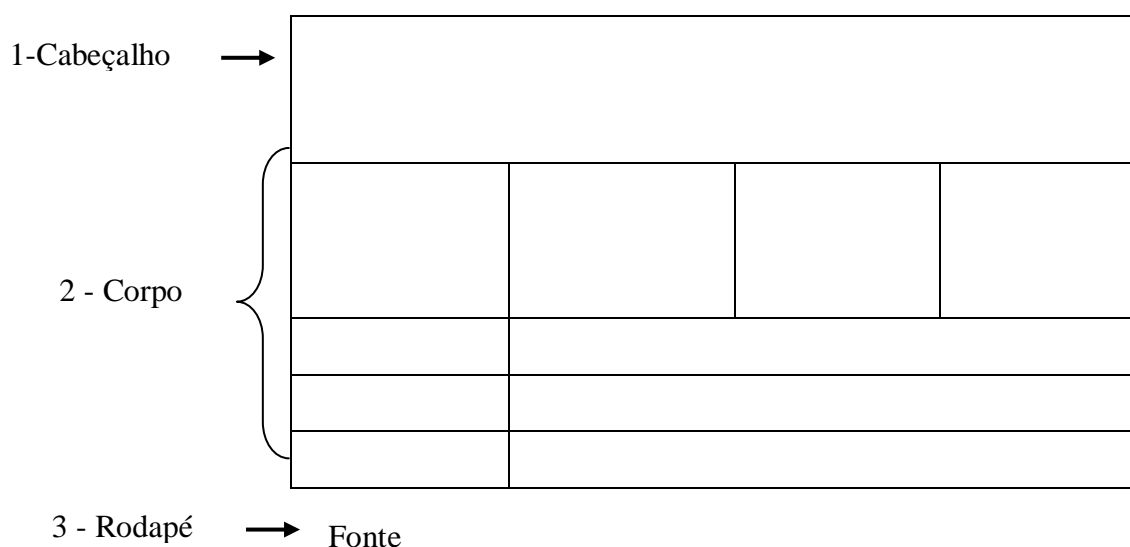


- c) criação e apresentação dos temas que motivaram a construção de discursos sinalizados dos participantes da pesquisa em Libras, de forma espontânea;
- d) gravação dos vídeos dos participantes surdos após a apresentação das imagens com propostas temáticas;
- e) identificação e corte dos vídeos, em pequenos excertos, contendo exemplos de sinais simples e compostos retirados dos momentos de produção discursiva dos participantes. Esses cortes foram reservados em diretório ou pasta de arquivo informatizado e constituíram os dados para posterior análise e descrição;
- f) seleção dos sinais simples e compostos retirados dos excertos dos vídeos de interesse para a pesquisa;
- g) organização e apresentação dos dados em quadros reservados em arquivos. Esses quadros seguem um modelo predefinido, mostrado adiante;
- h) triangulação dos dados, com a apresentação, análise estrutural (com interpretação da ordem da estrutura, duração temporal e aspectos gramaticais da Libras envolvidos) e descrição dos dados seguida da apresentação dos resultados com discussões baseadas no aporte teórico estudado.

## 2.5 Apresentação dos resultados (modelo pré-definido)

O modelo de apresentação dos exemplos compreende um quadro, constituído por um cabeçalho, um corpo e rodapé (Quadro 3).

Quadro 3: Esqueleto da glosa mostrando a estrutura do sinal.

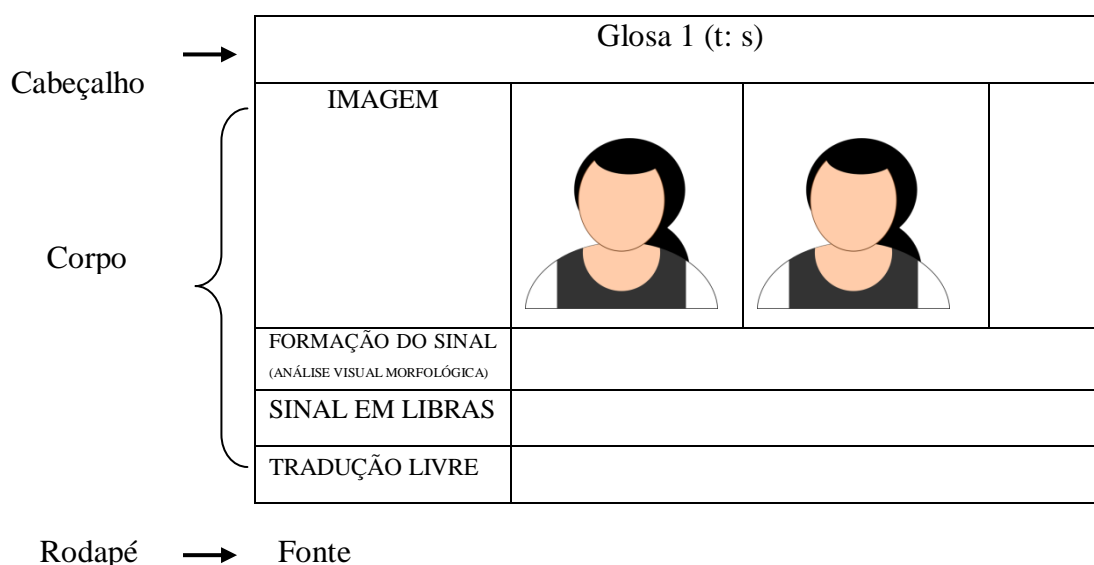


Assim, são partes estruturantes do Quadro:

- 1– Cabeçalho: parte do quadro na qual é designada a natureza do conteúdo das colunas e linhas.
- 2 – Corpo: parte do quadro composto por linhas e colunas. As linhas correspondem à parte do corpo que contém uma sequência horizontal de informações e as colunas, a parte do corpo que conta com uma sequência vertical de informações. As colunas podem variar de acordo com a quantidade necessária de recortes das imagens dos sinais que foram retirados dos vídeos.
- 3 – Rodapé: espaço aproveitado, em seguida ao fecho do quadro, onde são colocadas as notas de natureza informativa (fonte, notas e chamadas). A fonte refere-se à entidade que organizou ou forneceu os dados expostos.

Adaptando a glosa para os fins desta pesquisa, a apresentação dos dados é exposta conforme o Quadro 4.

Quadro 4: Esqueleto do quadro mostrando os componentes internos



Dessa forma, no cabeçalho, constituído apenas por uma linha, há informações contendo um número de identificação da glosa e o tempo no vídeo (minuto e milissegundo) em que o sinal foi retirado.

O corpo do quadro é constituído por quatro linhas: linha ‘imagem’, linha ‘formação do sinal (análise visual morfológica)’, linha ‘sinal em Libras’ e linha ‘tradução livre’.

Na linha ‘imagem’, são expostas fotos sequenciais dos recortes dos vídeos. O quantitativo de colunas correspondentes variou de acordo com a descrição do sinal que se pretendeu mostrar.

Na linha ‘formação do sinal (análise visual morfológica), mostrou-se a formação visual do sinal: suas partes constituintes e suas características: restrição ou assimilação linguística, simultaneidade ou sequencialidade.

Na linha ‘Sinal em Libras’, é descrito como o sinal na Libras foi articulado.

A linha ‘transcrição livre’ mostra o nome, em português, que representa o sinal resultante do processo de formação.

O rodapé traz dados sobre o local ou fonte de onde os recortes dos vídeos e imagens foram retirados.

Assim, as informações expostas nas seções acima descrevem a proposta metodológica adotada para a concretização desta pesquisa.

## **CAPÍTULO 3 – ANÁLISE E DESCRIÇÃO**

Neste capítulo, são analisados e descritos os achados desta investigação. O foco está em recortes de produção em Libras dos participantes da pesquisa, aos quais foram apresentados temas para o desempenho de tal atividade. Caso seja necessário o acesso aos dados que constituem o *corpus* desta pesquisa, estes estão disponibilizados nos apêndices desta tese.

O intuito é de que os resultados auxiliem a compreensão da gramática da Libras e dos significados dos sinais articulados nessa língua pelos usuários. Os sinais foram analisados e descritos considerando-se as singularidades linguísticas próprias da Libras, ou seja, sua modalidade visuo-espacial e seu uso funcional real nos espaços de sinalização.

A pesquisa não aborda os aspectos sintáticos e, sim, os aspectos morfológicos. Nela são tratados somente os sinais lexicais utilizados nas produções em Libras dos participantes da pesquisa, os morfemas que os constituem: morfemas livres e presos.

### **3.1 Análise e descrição dos dados**

O foco desta pesquisa está na morfologia da Libras, área de conhecimento que estuda a formação dos sinais que constituem o léxico desta língua, ou a estrutura interna destes. No caso da Libras, essa área estuda, também, como esta estrutura é organizada e produzida no espaço de sinalização pelos seus usuários, resultando em um sinal com significado (KLIMA e BELLUGI, 1979 ; QUADROS e KARNOPP, 2004).

O ponto de partida da análise está na definição de morfema, que, fundamentada na morfologia estruturalista, é enunciada por Schwindt (2014 p.113) como: “uma unidade ou pedaço estrutural mínimo que expressa significado com ideia conceitual plena ou uma ideia gramatical (portadores de significados gramaticais que podem envolver desde flexão, derivação ou classe dada por afixos)”.

Também em uma visão funcionalista, Payne (2006 p.16) define morfema como uma forma ou pedaço estrutural mínimo que expressa significado<sup>3</sup>. Esse entendimento é adotado também por Quadros e Karnopp (2004, p.86) em relação à Libras. Segundo estas autoras, apesar das similaridades dos conceitos entre línguas orais e de sinais, a criação dessas formas diferem no tipo de combinação. Nas línguas de sinais essas combinações são mais complexas do que nas línguas orais, conforme exposto no capítulo 1.

Em Libras, há um sistema de criação de sinais em que as unidades mínimas sem significado (CM, PA, M, OP, ENM), ao se combinarem, formam um sinal, isto é, um morfema.

Segundo Payne (2006 p.17), “há dois tipos de morfemas: os de forma livre, considerados como aquelas que expressam um significado completo”, e os morfemas presos, em que à forma principal se une a outro morfema, considerado afixo(s), compondo um novo morfema, com novo significado no léxico.

Esses tipos de morfemas foram observados na ASL por Klima e Bellugi (1979) e na Libras por Quadros e Karnopp (2004, p. 87) nos sinais: ESTUDAR, CHOVER etc. como exemplos para formas livres, e LOJA, CASINHA constituídos pela forma livre e acrescidos de morfemas de formas presas. Segundo Klima e Bellugi (1979 p.126), na Libras, “os sinais pertencem a categorias lexicais tais como: nome, verbo, adjetivo etc”.

Para melhor caracterizar as CM usadas nos sinais, é considerado aqui o quadro proposto por Pimenta (2011), disponível no anexo 1.

Antes de discutir os dados que mostram a relação entre as características de articulação de um sinal e o tipo de espaço em que ele é articulado, faz-se necessário esclarecer acerca do uso de algumas palavras, tais como: definir *espaço*, *apontamento*, *direção do movimento* do sinal, *localização* e *PA* (Ponto de Articulação), para evitar confusões na análise e descrição dos dados desta pesquisa.

---

<sup>3</sup> A **morpheme** is a minimal shape. In linguistics, the classic definition of a morpheme is a minimal structural shape or piece that expresses meaning (PAYNE, 2006 p.16) Tradução da pesquisadora.

O *espaço* definido nesta análise diz respeito ao espaço de articulação do sinal, em contato ou não com o corpo, ou próximo a ele, durante essa articulação desde que não demarque nenhum referente e não tenha intenção gramatical envolvida. Esse espaço de sinalização é conhecido como espaço neutro. Segundo Ferreira (2010 p. 215), na Libras, dentro deste espaço há números finitos e são, razoavelmente, limitados os pontos de articulação que podem ser específicos ou não.

Nos casos em que a localização do referente é determinada neste espaço, como, por exemplo, durante a exposição da cena de um evento, podem existir situações em que, ao invés de articular o sinal desse referente (reconhecido na Libras como *deixis* – que se refere aos pronomes pessoais envolvidos) novamente, usa-se o *apontamento*, feito pelo dedo indicador, para mostrar o referente que foi articulado na primeira vez. Assim, esta é uma forma de retomada desse referente. E, além disso, reforça a

A *direção do movimento* é utilizada nas situações para indicar um referente que foi demarcado, anteriormente, nesse espaço de articulação dos sinais, tais como: a direção do movimento do braço ou mão voltada para o referente.

A *localização* está interligada a uma demarcação feita no espaço em que o sinal é articulado, geralmente, associado a um referente (pessoa, entidade etc.) que pode ou não fazer parte da organização da cena de um evento que se pretende mostrar pela articulação desse sinal em *local determinado*.

O *PA (Ponto de Articulação)* é um dos parâmetros de um sinal, mostra o lugar específico da articulação do sinal dentro do espaço neutro. Geralmente, já se espera sua realização combinatória com os outros dos cinco parâmetros, que constituem, ao final, um sinal.

Para o parâmetro M, na Libras, Ferreira (1990) segue as propostas de Friedman (1997), Supalla e Newport (1978), Klima e Bellugi (1979) que definiram, em seus estudos na ASL, categorias próprias para esse parâmetro e as aplicam na Libras. Mais tarde, essas categorias foram adotadas, também na Libras, por Quadros e Karnopp (2004). As categorias do parâmetro M propostas por Ferreira (2010 p.38) são quanto

ao tipo (forma geométrica, interação, contato, torcedura do pulso, dobramento do pulso, interno dos dedos das mãos), direcionalidade (unidirecional, bidirecional ou

multidirecional), maneira (contínuo, retenção ou refreado) e frequência (repetição simples).

As categorias de M são importantes, porque auxiliam na distinção entre sinais simples e sinais complexos, principalmente quanto à direcionalidade (unidirecional, bidirecional ou multidirecional), maneira e frequência (repetição do sinal – duas vezes ou acima disso).

### **3.2 Os espaços de articulação dos sinais**

As discussões sobre o uso do espaço nas articulações dos sinais feitas aqui são baseadas nos conceitos apresentados por Liddell (1995), Ferreira (2010), Quadros e Karnopp (2004) e Marinho e Grannier (manuscrito). Mas, nas análises, são focados os sinais lexicais consultados pelos usuários da Libras “em seu inventário lexical mental para expressar suas particularidades de significado desejados” (PAYNE, 2006 p. 11) e que são articulados no espaço neutro. São os sinais de substantivos e verbos, convencionados na Libras e que, portanto, constituem o seu léxico, abrangendo sinais novos que surgem entre as gerações de usuários dessa língua e compartilhados entre eles.

Conforme visto no capítulo 1, há quatro tipos de espaços para realização de um sinal. São eles: espaço neutro (Ferreira, 2010 e Quadros e Karnopp, 2004), real, *token* e sub-rogado (Liddell, 1995; Ferreira, 2010 e Quadros e Karnopp, 2004).

Conforme apresentado no capítulo 1, o espaço neutro é considerado o de realização dos sinais por excelência. Os sinais lexicais são articulados nesse local. É este o espaço que é analisado neste estudo.


O espaço real é aquele em que as pessoas, animais ou coisas estão presentes fisicamente e são perceptíveis na construção da cena.


No espaço *token*, as entidades (pessoa, animal ou coisa) não estão presentes fisicamente, mas são representadas em miniatura, delimitadas no espaço de articulação próxima ao sinalizador.

O espaço sub-rogado é definido como aquele em que o sinalizador assume o papel da primeira pessoa, usando o próprio corpo (corpo como sujeito), ou segunda e terceira pessoa por meio de processo anafórico (jogo de ombros ou corpo para assumir e

representar a segunda e terceira pessoa) em um espaço físico limitado para organizar e expressar a cena de um evento.

Alguns sinais apresentam equivalências quanto ao uso do espaço que pode ser o neutro ou token, como, por o exemplo, o sinal TARTARUGA. Há outros sinais, porém, em que tal equivalência não ocorre como o sinal de CACHORRO, que é diferente quando articulado no espaço neutro, próximo ao corpo ou articulado no sub-rogado cujos elementos constituintes do sinal (CM, M, PA, OP e ENM) podem variar e serem diferentes.

No espaço neutro, o sinal CACHORRO é realizado isoladamente, sem constituir parte de uma cena de um evento. Neste caso sinaliza-se com CM<sub>59</sub>  , PA na região próxima a boca, OP para frente (do corpo/boca), M retilíneo unidirecional rumo à boca, realizado duas vezes (repetição simples), indicando, semanticamente, a ação de ‘latir’ e ENM presente ou não.

No espaço sub-rogado, dependendo da cena que o sinalizador irá representar e assumir o papel do CACHORRO (se parado, ou andando etc.), pode haver variação nas formas de articulação, indicando um sinal classificador CL-s. Se o sinalizador representa o cachorro parado, põe a língua para fora, muda a forma de respirar, adaptando-a como uma respiração apropriada para um cachorro. O CM difere do primeiro, pois o sinalizador adota, por exemplo, a CM<sub>58</sub>  , com OP para baixo e ENM apropriada e pode variar de um sinalizador para outro.

Como os sinais mencionados (CACHORRO) referem-se ao uso de classificadores, requerem uma análise descritiva linguística mais apropriada e profunda, não cabível nos critérios e classificações conforme os objetivos definidos nesta pesquisa.

Há sinais que ocorrem somente no espaço *sub-rogado*, como o de MACACO, em que o sinalizador assume o comportamento do macaco no seu corpo. É um item-lexical que acontece somente no espaço sub-rogado. No *token*, o sinalizador, após realizar o sinal MACACO no sub-rogado, articula esse sinal por apontamento do dedo indicador em um lugar específico no espaço, facilitando, posteriormente, sua retomada nos momentos em que precisa se referir a ele (retomada ‘ELE’), não sendo necessário



realizar, novamente, o sinal MACACO. Com efeito, MACACO é um sinal CL específico desse animal. Então, no token o sinal MACACO só pode ser articulado via apontamento. No sub-rogado ele ocorre via CL (sinalizador assume o comportamento do macaco no seu corpo). Já no espaço *real*, como o ‘macaco’ precisa estar fisicamente presente na cena, ocorre apenas o apontamento na direção em que o ‘macaco’ está.

Há sinais que se realizam somente no espaço neutro, como: PRECISAR, CAPAZ, EXPLICAR etc.

No token, além da possibilidade de ocorrência do apontamento em local específico, determinado pelo sinalizador, há, também, os casos de classificadores CL como os sinais ANDAR (cuja forma de articulação varia de acordo com a entidade pretendida), IR, VOLTAR etc.

Devido às especificidades dos CL, eles não são discutidos aqui. Logo, não se trata de negar sua existência no léxico da língua. Pelo contrário, eles têm sua importância e compõem esse léxico, mas, nesta pesquisa, são citados apenas quando necessários. Entretanto, poderão ser discutidos em pesquisas futuras com propostas de novos critérios para descrição de tipos e construção de um conceito apropriado à modalidade da Libras.

É importante destacar que tanto o espaço real, o token e o sub-rogado são espaços mentais que, de forma organizada, expressam, adequadamente, cenas de eventos. É preciso lembrar, contudo, que os sinais podem transitar de um espaço para o outro ao ser articulados e em razão de suas funções para se adaptarem à expressividade intencional do sinalizador, seja de forma isolada, na cena de um evento.

A seguir, passa-se a focalizar os três tipos de sinais apreendidos na análise e descrição dos dados colhidos na presente investigação.

### **3.3 Tipos de Sinais na Libras**

Três tipos de sinais foram encontrados nos vídeos produzidos pelos participantes deste estudo. São eles: sinais simples, complexos e compostos.

### 3.3.1 Sinais Simples

Os sinais simples são os constituídos por elementos fonológicos comuns, incluindo de um a cinco parâmetros (CM, PA, M, OP, ENM), como apresentado no capítulo 1. Embora as ENM tenham sido mencionadas, adverte-se que elas podem ou não estar presentes na constituição de um sinal. Barros (2015) assegura que as ENM constituem componentes que

a) são intrínsecos ao sinal, como o movimento dos olhos que acompanha o uso de pronomes pessoais ou demonstrativos; b) são previsíveis pela sintaxe, como alguns movimentos da cabeça e sobrancelha em frases subordinadas e interrogativas, em que os próprios sinais de pontuação levam o leitor a realizá-los e c) são dadas pelo contexto de leitura como girar o tronco para marcar turno de interlocutores (BARROS, 2015, p. 125).

Neste estudo as ENM são comentadas apenas quando constituir parte relevante na formação do sinal, como, por exemplo, indicar intensificação mais complexa de um sinal. As demais situações em que há o uso das ENM são do âmbito da sintaxe e os aspectos sintáticos não são discutidos nesta pesquisa.

Além disso, as ENM podem variar de pessoa para pessoa, tal como acontece nas línguas orais, quando os falantes podem utilizar maior ou menor número de expressões faciais ou corporais durante suas falas. Isso ocorre também entre os usuários de Libras.

Nesta pesquisa, foram encontrados sinais simples como: PARAR (sentido de esperar), PODER (eu posso), OPINIÃO, ÔNIBUS, PESSOA 1, dentre outros. A seguir, passa-se a analisar e descrever cada um desses cinco sinais.


#### A) PARAR

VÍDEO II: MM/VilCha Fra 3: 00:08 – 00:14



Formação do sinal (análise morfológica): PARAR (sentido esperar)  
Sinal em Libras: PARAR  
Tradução livre: parar

Fonte: Retirado dos dados da pesquisadora

O sinal tem o formato da mão CM<sub>32</sub> , a orientação da palma da mão (OP) está em oposição ao corpo do sinalizante, há um único movimento (M) retilíneo para frente e o ponto de articulação (PA), lugar em que o sinal é produzido, é no espaço neutro. Na face – expressão não manual (ENM) – há a elevação da sobrancelha.

O sinal PARAR, aqui representado, é um sinal simples, pois, apresenta os cinco parâmetros, sem incrementos ou descrição complexa desses parâmetros.

## B) PODER

VÍDEO II: MM/ViCh Fra 6: 00:17 – 00:19




Formação do sinal (análise morfológica): PODER (sentido de 'poder algo')

Sinal em Libras: PODER

Tradução livre: Poder

Fonte: Retirado dos dados da pesquisadora

O sinal PODER (pode algo) tem o formato da mão CM<sub>7</sub> , a orientação das palmas das mãos (OP) voltada para a medial e um único movimento (M) retilíneo e simultâneo para baixo. O PA ocorre no espaço neutro. Na face – expressão não manual (ENM) – há breve abaixamento das laterais da boca e das sobrancelhas. Mas, tal como no sinal ÔNIBUS, essas ENM podem não estar presentes na produção deste sinal, quando produzidos por outros usuários da Libras.

## C) OPINIÃO

VÍDEO II: MM/VilCha Fra 6: 00:17 – 00:19




Formação do sinal (análise morfológica): OPINIÃO (sentido de 'opinar sobre algo')

Sinal em Libras: OPINIÃO

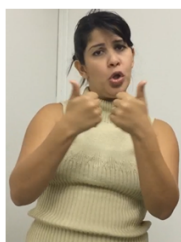
Tradução livre: Opinião

Fonte: Retirado dos dados da pesquisadora

O sinal OPINIÃO<sub>minha</sub> tem o formato da mão CM<sub>45</sub> , orientação da palma da mão (OP) voltada para frente do corpo do sinalizante e um único movimento (M) retilíneo para frente, saindo da boca do sinalizador. O PA, ou seja, a produção deste sinal ocorre na boca (sem contato), pois este ponto tem relação semântica específica, isto é, mostra que o sinalizador está opinando (quem opina faz a ação por meio da boca), uma característica semântica própria que complementa o significado do sinal. Na face – expressão não manual (ENM) – há uma breve elevação das sobrancelhas, porém nem sempre está presente, quando produzido por outros usuários da Libras.

## D) ÔNIBUS

PMM-G/1fras 1 (00:13 – 00:15)




Formação do sinal (análise morfológica): ÔNIBUS (PORTAS<sub>abrir</sub>)

Sinal em Libras: ÔNIBUS

Tradução livre: ônibus

Fonte: Retirado dos dados da pesquisadora

O sinal ÔNIBUS tem o formato da mão CM<sub>2</sub> , orientação da palma da mão (OP) voltada para o corpo do sinalizante, um movimento (M) repetido simples (realizado 2 vezes) com a dobradura dos pulsos, também, voltada para o sinalizante. O ponto de articulação (PA) está no contato dos dedos das duas mãos, com exceção dos

polegares. E na face – expressão não manual (ENM) – há breve abertura da boca com elevação de sobrancelha, mas isso nem sempre ocorre com outros usuários da Libras.

### E) PESSOA 1


2 (C; V II: MM/Vil 00:17) – ser animado



Formação do sinal (análise morfológica): PESSOA 1  
 Sinal em Libras: PESSOA  
 Tradução livre: Pessoa

Fonte: Retirado dos dados da pesquisadora

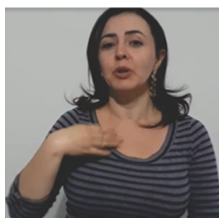
O sinal PESSOA é considerado simples e é constituído pelos parâmetros CM, PA, M e OP, que, produzidos simultaneamente, constituem esse sinal. É convencionalizado entre os usuários antigos da Libras.

Neste sinal, o formato da mão CM<sub>50</sub> , combinado com o movimento (M) retilíneo na região da testa, este último o PA, com OP voltado para o corpo do sinalizante, é um sinal que ocorre em contato com o corpo, ou seja, na testa. Todos os parâmetros estão envolvidos na articulação do sinal.

Entre os dados colhidos na pesquisa, um sinal feito por um dos participantes trouxe novidade quanto a articulação do sinal EU em Libras. Na produção deste sinal, é comum esperar do sinalizante o apontamento para si, via dedo indicador. Uma participante da pesquisa, porém, realizou outra forma de articulação desse sinal, como se constata na imagem a seguir.

## F) EU

4 (MMRG/V3 C 00:08) – ser animado



Formação do sinal (análise morfológica): EU

Sinal em Libras: EU

Tradução livre: Eu

Fonte: Retirado dos dados da pesquisadora

O sinal EU mostra o apontamento com a CM<sub>56</sub> 🖐️, feito pela pessoa, agente participante da ação. O M, unidirecional e retilíneo, inicia à frente do corpo e termina com contato no tórax. O PA determina o lugar de produção do sinal.

Os sinais simples PARAR, PODER, OPINIÃO, dentre os demais que podem ser apreciados nos apêndices, confirmam a definição acerca do tipo de sinal: são simples por ser formados por elementos fonológicos comuns, próprios da Libras, apresentando entre quatro ou cinco parâmetros (CM, PA, M, OP, ENM).

Até o momento, foram analisadas e descritas as características fonológicas que compõem os sinais simples encontrados na pesquisa. A seguir, é discutida a relação destes sinais com o uso do espaço de sua articulação.

O sinal ÔNIBUS apresentou parâmetros inerentes que o caracterizam e, por ser uma entidade inanimada isolada, como elemento que participa de um evento, foi realizado pela participante no espaço neutro, o que justifica a forma como esse sinal foi articulado.

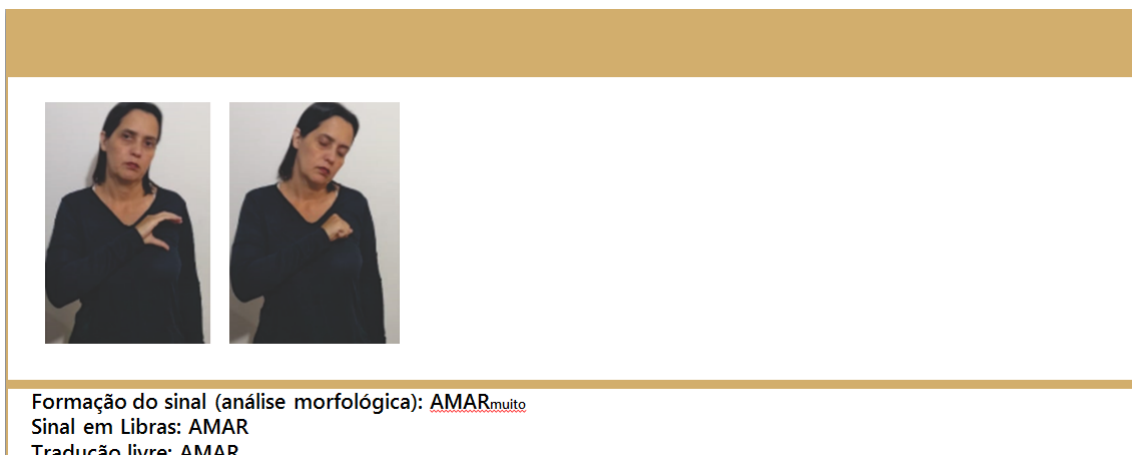
Para melhor entendimento do uso desses espaços, apresenta-se o Quadro 5 com as características distintivas dos sinais colhidos nesta pesquisa, expondo a relação entre o uso do espaço de sinalização e o sinal articulado.

### 3.3.2 Sinais Complexos

Os *sinais complexos* retirados dos dados colhidos foram: AMAR<sub>muito</sub>, AJUDAR, CACHORRO. Destacaram duas características: (a) situações com uso de intensificadores desse M acompanhado, ou não, do uso marcante do parâmetro ENM (uso da boca, olhos etc.), como no sinal AMAR<sub>muito</sub> e (b) situações que envolvem processos de flexões com afixos que se juntam à raiz do sinal. No sinal AJUDAR, os afixos são a direção do M e a direção da OP as quais correspondem na Libras à flexão, como nos casos de verbos direcionais.

O sinal AMAR<sub>muito</sub> representa o caso da característica (a) em que a intensificação do M é reforçada pela ENM, conforme mostra a imagem a seguir.

#### G) AMAR



Fonte: Produzido pela pesquisadora.

No sinal acima, além dos parâmetros envolvidos (CM, M, PA OP e ENM), nota-se que há a intensificação na raiz do sinal AMAR, com o M final com forte fechamento da mão contra o tórax (lado esquerdo) e acréscimo do ENM (cabeça curvada para a esquerda com fechamento dos olhos). O contato final do sinal AMAR<sub>muito</sub> no tórax é mais demorado. Isso demonstra um intenso sentimento por algo ou alguém. Esse é um caso em que a ENM é parte relevante na formação do sinal.

Nos casos de sinais complexos, dos quatro ou cinco parâmetros que os constituem, o M e a ENM são articulados de forma diferente, quando afixados à raiz do sinal. Essa diferença de produção do M, associada à ENM, mostra propriedades gramaticais relevantes para a constituição do sinal, como a intensificação do movimento

(semi-forte ou forte, indicando um advérbio intensificador) ou contato mais demorado que, juntamente com a ENM, reforça essa intensificação.

Essas propriedades gramaticais podem ser consideradas como um dos critérios de observação para classificar o sinal como complexo e diferenciá-lo de um sinal simples. Além disso, tanto o M como a ENM, mesmo associados aos demais parâmetros, parecem carregar o valor semântico deste sinal (um sentimento muito intenso, não comum ou simples, referente a algo ou alguém), indicando uma característica flexional do sinal.

No caso do sinal AJUDAR, a direção da OP, seguida da direção do movimento voltada para o interlocutor, indica a ocorrência dos pronomes presos ao verbo: (Eu) AJUDAR (você). Abaixo segue um exemplo retirado do cotidiano dos usuários de Libras.

#### H) AJUDAR



Formação do sinal (análise morfológica): (Eu)AJUDAR(você)

Sinal em Libras: AJUDAR

Tradução livre: Eu ajudo você.

Fonte: Produzido pela pesquisadora.

No caso acima, a OP e a direção do M realizados para frente indicam que alguém (Eu) ajuda outra pessoa (demais pessoas). Se ocorrer o contrário, como no exemplo da frase 'El@ me ajuda', a direção do M e da OP é volta-se para o sinalizador, indicando que alguém AJUDA o sinalizador (ELE ME) AJUDA. Os pronomes estão presos ao verbo e são articulados simultaneamente. Logo, essa direção do M, somada à direção da OP, corresponde na Libras à forma de flexão dos verbos direcionais. Essas direções de OP e de M (início até o fim do M na articulação do sinal), são dois afixos flexionais, que se juntam ao sinal. São paradigmas com duas formas diferentes e que juntos mostram a flexão do pronome pessoal correspondente. Até mesmo a direção do



olhar pode indicar ou reforçar a questão do pronome. E isso, na Libras, manifesta a flexão no verbo direcional.

## D) CATÓLICA



Formação do sinal (análise morfológica): CATÓLICA (religião)

Sinal em Libras: CATÓLICA

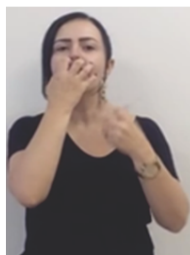
Tradução livre: Religião católica

Fonte: Sinal produzido pela pesquisadora

O sinal CATÓLICA (religião), retirado do cotidiano dos usuários da Libras, provoca uma reflexão interessante. Poderia enquadrar-se em outra característica de sinal complexo, o uso diferenciado do M com repetição e mudança de direção deste M (que ocorre em oposição ao primeiro). O fato de a direção e a maneira como o M ocorre lembrarem uma ‘cruz’, questiona-se se esta seria uma característica própria de um sinal complexo ou se este sinal se encaixa em uma das duas situações: trata-se de uma forma icônica (que reproduz a imagem do sinal a que se refere, isto é, ao objeto) ou de um classificador de objeto, CL-o, o que leva a necessidade de desenvolver um estudo mais aprofundado sobre o sinal em questão.

## J) CACHORRO

1 (E;E.Fei;00:33) – ser animado




Formação do sinal (análise morfológica): CACHORRO

Sinal em Libras: CACHORRO

Tradução livre: Cachorro

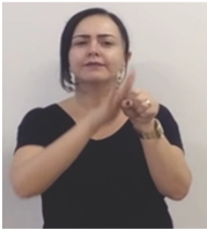
Fonte: Retirado dos dados da pesquisadora

No sinal CACHORRO, o formato da mão CM<sub>60</sub>  combinado com o movimento (M) curto, repetido de forma simples e retilínea rumo à boca, com PA na região da boca, representa a *ação* ‘latir’ do cachorro, uma característica do animal.

Dessa forma, o *papel da mão*, somada à combinação das características fonológicas do sinal, implica *representar a ação* de latir assumida pelo sinalizante, sujeito que articula o sinal. Isso comprova que o sinal é realizado no espaço sub-rogado onde o corpo do sujeito que articula o sinal assume e realiza a ação de latir, mesmo o PA sendo na boca (MEIR; ARONOFF; PADDEN; SANDLER et al, 2006 p. 84). Contudo, seria um sinal de classificador de sujeito, CL-s, que requer novas propostas de análise.

### K) FATIAR

Fvrrn 00:09




Formação do sinal (análise morfológica): FATIAR<sub>tomate</sub> (algo redondo)  
 Sinal em Libras: FATIAR  
 Tradução livre: Fatiar tomate


Fonte: Retirado dos dados da pesquisadora

Analisando a imagem, é possível perceber que a participante da pesquisa, no sinal FATIAR<sub>tomate</sub>, feito isoladamente (sem intenção de constituir parte de uma cena), não olha para a mão, enquanto realiza a ação de “fatiar”; o deslocamento da mão, durante a ação, é realizado em um lugar específico no espaço.

## L) PESSOA 2

3 (C; V II: MM/VII 00:19) – ser animado	
	
Formação do sinal (análise morfológica): PESSOA 2 (em pé ao lado) Sinal em Libras: PESSOA Tradução livre: Pessoa em pé	

Fonte: Retirado dos dados da pesquisadora



No sinal PESSOA 2, CM<sub>49</sub>  mostra uma representação corporal das pernas de um referente, isto é, de uma pessoa em miniatura em pé, parada na lateral direita do sinalizador. Como o referente não está presente fisicamente, el@ é demarcad@ em um lugar específico no espaço de sinalização. Esse sinal enquadra-se em uma categoria que envolve um classificador de um sujeito, CL-s, que não é o sinalizador, mas uma segunda ou terceira pessoa, representada pela configuração de mão, como na figura.

No caso de 1º pessoa, esta pode ser representada no espaço de sinalização, desde que o sinalizador, por meio do apontamento para si, tenha feito, anteriormente, sua indicação, em espaço real. Em seguida, com a troca do espaço real para o token, transfere essa demarcação, em miniatura, para um lugar específico no espaço. Logo, nota-se uma passagem do espaço real para o espaço token (representação da pessoa em miniatura por meio do dedo indicador ou dedos indicador e médio, mostrando a ação do verbo ANDAR, a direção e a maneira do M nessa ação, realizada pela pessoa). Como no exemplo: EU, ANDANDO.

No token, há situações de pronomes de segunda e terceira pessoas a serem articuladas, também, em locais específicos no espaço. Essas pessoas são representadas em miniatura pelos dedos indicador e médio, auxiliando tanto na organização da cena como facilitando, quando necessário, suas retomadas nesses mesmos locais, como no exemplo retirado do dado de PESSOA 2, que indica uma segunda pessoa parada no local específico. Mas como se trata de representação de uma pessoa parada, corresponde a uma forma de classificação de sujeito CL-s (SABANAI, 2016), um sujeito realizando

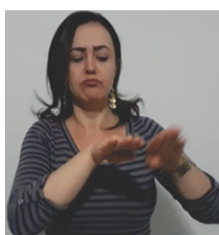
a ação de estar parado em determinado local. Esse caso, por ser CL-s e envolver aspecto sintático, não será discutido nesta pesquisa, mas, sua citação é importante para mostrar as diferentes formas lexicais que o sinal PESSOA pode ser articulado e as mudanças morfofonológicas e espaciais ocorridas em cada forma. Essas informações são importantes para a criação de critérios distintivos.

A produção do sinal PESSOA 2 modifica-se e é diferente do sinal PESSOA 1, pois, além de eles terem parâmetros diferentes, durante suas articulações, o primeiro é realizado no espaço *token*, conforme apreciado na figura E, enquanto o segundo, PESSOA-2 da figura M, é produzido no neutro com PA específico na testa e feito isoladamente sem ser parte de um sintagma.

No sinal PESSOA 2, o olhar ocorre de forma semelhante ao sinal FATIAR<sub>tomate</sub>, ou seja, o sinalizante não olha para a mão, que representa a pessoa. A mão passiva neste sinal, oposta à mão ativa que realiza a ação de fatiar, tem como CM<sub>22</sub>  no formato de rolo, representando o objeto que está sendo fatiado, isto é, ‘fatiar algo em forma de rolo’. Enquanto se realiza a articulação do sinal da mão ativa CM<sub>56</sub> , nota-se que, enquanto o sinal é produzido, a direção do olhar da participante está para frente, isto é, para o vídeo (que poderia ser um interlocutor),

### M) MESA

MMRG3 00:14



Formação do sinal (análise morfológica): MESA (retoabrindo ^ retodescendo)

Sinal em Libras: MESA

Tradução livre: mesa

Fonte: Retirado dos dados da pesquisadora

No sinal MESA, ao articulá-lo a participante tem o olhar voltado para a entidade “mesa”. Esse mesmo modo de articulação pode ocorrer para formas diversas em que o sinalizador utiliza um sinal para descrever objetos ou coisas no espaço de sinalização.

Essa descrição se concretiza por meio de movimentos das mãos que realizam contornos específicos desse objeto ou coisa nesse espaço, quando o sinal é realizado isoladamente.

No sub-rogado, o olhar é o *gaze*, olhar de paisagem, já que o sinalizador assume o papel do sujeito que realiza a ação.

No espaço real, o sinalizador, geralmente, olha para o interlocutor ou para as pessoas que estão fisicamente presentes na cena do evento produzido. No caso de uso do apontamento, pode ser feito para várias direções se forem vários os interlocutores presentes. O apontamento pode, ou não, ser acompanhado pelo olhar do sinalizador.

Os sinais MESA e FATIAR envolvem características visuais que descrevem a estrutura do primeiro e a ação do segundo e, portanto, são sinais classificadores dos objetos CL-o. Enquanto no primeiro, sinal MESA, os contornos das mãos feitas no ar representam a forma do objeto mesa, o segundo sinal FATIAR<sub>tomate</sub> é articulado mostrando-se a ação que o sujeito realiza sobre/com o objeto ‘faca’, indicando o verbo ‘fatiar’. Este verbo pede dois argumentos alguém e algo, isto é, o sujeito sinalizador assume a ação de fatiar com a faca, objeto com CM própria, algo que é representado pela mão passiva. Esta tem CM na forma roliça, representando o tomate, algo que está sendo segurado para ser fatiado.

Os sinais CATÓLICA, CACHORRO, FATIAR<sub>tomate</sub>, PESSOA 2 e MESA que tem características classificadoras não serão aprofundados nesta pesquisa, por trazerem dúvidas na literatura da Libras quanto a nomenclatura, conceito, propostas de classificação e de análise descritiva linguística. Os classificadores, apesar de serem parte do léxico da Libras, constituem um tipo de sinal/morfema agrupado em outra complexidade. Suas articulações no espaço de produção podem envolver descrições e análises mais rigorosas nas quais se observam mais o uso do corpo, contornos no espaço de articulação ou dos articuladores (mão, braços, dedos, ENM etc.), características icônicas do sinal, domínio descritivo semiótico e imagético do que produções envolvendo articulação de sinais simples, complexos ou compostos. Desse modo, requerem outros tipos de critérios de análise e descrição.

O mesmo ocorre para os sinais que são articulados no espaço sub-rogado, pois envolvem aspectos complexos tais como: o comportamento do corpo do sinalizador, consciência corporal para apropriada incorporação da personagem, entidade inanimada,

coreografia das mãos, com ou sem valor gramatical, elementos semióticos próprios na construção de uma linguagem imagética etc.

Na Libras, os classificadores são tratados nesse estudo como casos específicos. Os CL são discutidos por autores como Supalla (1979), Mc Donald (1982), Ferreira (2010 p.108). Supalla (1979) e Mc Donald (1982), estudiosos da ASL descrevem os classificadores como ‘predicados com classificadores’ (classifier predicate) ou verbos policomponenciais. Na Libras, Ferreira (2010 p.108) os considera como sinais que se iniciam de uma CM com o acréscimo de vários afixos.

Todos esses autores asseguram que há um conjunto de propriedades que tornam esses sinais exclusivos das línguas de sinais, pois podem tratar de descrições de formas distintas, de entidade ou de manipulação de instrumento.

Os sinais MESA, FATIAR<sub>tomate</sub> e PESSOA 2, são articulados no espaço neutro quando feitos isoladamente, mas, ao constituírem parte da cena de um evento, transitam do espaço neutro para o espaço token, isto é, deixam de ser reconhecidos como articulados no espaço neutro, passando, funcionalmente, a ser considerados como sinais articulados, em miniatura, no espaço token, já que se tornam parte de uma cena.

Na característica para ‘Pessoas’, proposta no quadro 5, há o destaque para a possibilidade de flexão pronominal para a primeira, segunda e terceira pessoas, quando articuladas no espaço neutro como nos casos de verbos direcionais em que a OP e a direção do M mostram essa flexão. A figura (H) do sinal AJUDAR - (EU) AJUDAR (VOCÊ) mostra um exemplo.

No caso do uso da primeira pessoa, nas frases em que são usados os verbos direcionais como o verbo AJUDAR “(Eu) AJUDAR (você)” ou verbos presos no corpo como AMAR e VIVER, apesar de terem PA diferentes, esse pronome pessoal ocorre preso ao verbo. No caso do verbo AJUDAR, a direção do M para adiante somada a OP que está voltada para frente, indicam a primeira pessoa (Eu) AJUDAR (você). Se, do contrário, a direção do M e a OP ocorrerem para o sinalizador, há indicação do uso da segunda pessoa que, também, está presa ao verbo (Você me) AJUDAR.

Em casos como (ELE) SONHAR (VOCÊ), os sinais dos pronomes pessoais se realizam via apontamento pelo dedo indicador e são articulados em pontos específicos

no espaço. No sinal SONHAR, o PA destaca a condição semântica desse sinal (que é articulado saindo da lateral da testa, região da cabeça em que as capacidades cognitivas acontecem, dentre elas a de SONHAR) e ocorre no espaço neutro (FERREIRA, 2010).

No espaço sub-rogado, a característica para ‘Pessoa’ pode ocorrer com a representação de outros personagens, por meio do processo anafórico com o movimento de ombros (cada lado do ombro pode representar um dos personagens e o jogo de ombros no espaço indica essa troca de personagens).

Para essa mesma característica quando o sinal é feito no espaço token, o referente (pessoa) não está fisicamente presente. Neste caso, é necessário, primeiramente, articular o sinal PESSOA no corpo do sinalizante e, após, se faz um apontamento com o dedo indicador em um lugar específico nesse espaço. Essa é uma estratégia de retomada do sinal com uma função pronominal, (EL@), nesse espaço token.

No espaço real, na característica ‘Pessoa’, os participantes da cena do evento sinalizado estão fisicamente presentes. Nesse caso, é comum o uso do apontamento, mas diferente do *token*, sem a necessidade de articular o sinal PESSOA(S), bastando apenas esse apontamento ocorrer na direção em que o envolvido está.

. O mesmo ocorre para o verbo AJUDAR como: “(Eu) AJUDAR (você)” ou nos verbos presos no corpo como AMAR, VIVER etc. quando são elementos constituintes, de uma frase, mesmo que produzidos no corpo, em pontos específicos, ou próximos ao corpo, apesar de ter PA diferentes.

Os verbos presos no corpo que são produzidos isoladamente são considerados articulados no espaço neutro quando usados para se referir a uma segunda pessoa ou a uma terceira. ESTA referência ocorre via apontamento. A direção do M desse apontamento no espaço de sinalização mostra o local em que o referente foi demarcado, seja 2ª ou 3ª pessoa. Esses apontamentos são feitos separadamente do verbo, ou seja, não estão presos no verbo e vice-versa. Exemplo: (ELE) AMA (VOCÊ).

### 3.3.3 Sinais Compostos

Os *sinais compostos*, apresentados no quadro teórico do capítulo 1, foram descritos com base em Liddell (1984 p.378), que propõe três regras morfológicas para esses sinais. Posteriormente, essas regras foram adotadas na Libras por Quadros e Karnopp (2004 p. 103). São elas: a) Regra de contato – dois sinais isolados, com significado completo, juntam-se para formar um terceiro e novo sinal com novo significado. Nessa junção pode ocorrer um contato.

Segundo esses autores, quando esse contato acontece pode ser isolado no primeiro ou no segundo sinal ou pode permanecer nos dois sinais, durante a formação desse terceiro sinal, que é o sinal composto; b) regra de sequência única – na junção de dois sinais isolados, usando-se apenas uma única e mesma mão, há a perda de um dos movimentos (da mão ou dos movimentos internos dos dedos), na formação do terceiro e novo sinal com significado; c) Regra da antecipação da mão não dominante – quando a mão ativa (que produz o movimento) e a passiva estão envolvidas nesse processo de composição. A mão passiva antecipa o segundo sinal, aparecendo no espaço neutro (frente ao corpo) para, enfim, formar o sinal composto (terceiro e novo sinal).

Os dados desta pesquisa revelaram 2 tipos de compostos na produção dos participantes: (a) composto típico, que atende às regras propostas na teoria do capítulo 1 (LIDDELL, 1984; QUADROS e KARNOPP, 2004) e (b) composto para sinais-nomes (FELTEN e GRANNIER, 2012).


A seguir são explicitados esses dois tipos de sinais-compostos.

(a) *Compostos típicos*: a junção de dois sinais isolados resulta em um terceiro sinal com novo significado, porém, com restrições fonológicas próprias, como o encurtamento temporal na execução do sinal composto resultante. Com esse entendimento, foi possível notar que, na maioria dos sinais analisados, a forma de composição mais frequente foi aquela em que, além da junção, há perda do M em algum dos dois sinais ou nos dois sinais ou em nenhum dos dois, quando da produção do sinal composto. Essa perda é reconhecida como uma restrição linguística. (BATTISON, 1978; QUADROS;QUADROS, 2004)



## N) ESCOLA

FSV/1 (01:29)



Formação do sinal (análise morfológica): CASA  $\wedge$  ESTUDAR (escola)  
 Sinal em Libras: ESCOLA  
 Tradução livre: Escola  
 Fonte: Retirado dos dados da pesquisadora

Na figura, o sinal ESCOLA (CASA  $\wedge$  ESTUDAR), há a perda do M do segundo sinal (sinal ESTUDAR), quando na formação do composto ESCOLA.

## O) CRIANÇA

FSV/1 (01:32)



Formação do sinal (análise morfológica): BILU-BILU  $\wedge$  PEQUENA (criança)  
 Sinal em Libras: CRIANÇA  
 Tradução livre: Criança  
 Fonte: Retirado dos dados da pesquisadora

Já no sinal acima, CRIANÇA, apesar da junção dos dois sinais simples BILU - BILU<sup>4</sup>  $\wedge$  PEQUENO, não ocorre perda de elemento fonológico durante essa junção, para formar o terceiro sinal composto CRIANÇA.

<sup>4</sup> Bilu-Bilu sm (onom.) agrado que se faz em crianças mexendo-lhes nos lábios com a ponta dos dedo. (MICHAELIS, 1998 p.327)

(b) *Sinais-nome* – correspondentes a nomes próprios de pessoas, três situações foram identificadas no cotidiano de sala de aula: (b.1) junção de um empréstimo linguístico inicial, retirado da primeira letra do português do nome da pessoa, com a indicação de uma característica física específica da pessoa. Essa junção entre o empréstimo e essa caracterização pessoal é visualmente articulada em sequência, como no exemplo do sinal JOEL a seguir. Seria um atributo próprio da pessoa que a diferencia entre as demais (FELTEN e GRANNIER, 2012).

P) Sinal J  $\wedge$  MORENO ‘JOEL’

Libras: J  $\wedge$  MORENO ‘Joel’



Formação do sinal (análise morfológica): J  $\wedge$  MORENO  
 Sinal em Libras: J  $\wedge$  MORENO ‘Joel’  
 Tradução livre: Joel

Fonte: Produzido pela pesquisadora.

(b.2) Descrição de uma característica física específica da pessoa, demarcando, como, por exemplo, o tamanho do cabelo, um atributo próprio da pessoa. O sinal SÍLVIA, mostrado abaixo, exemplifica um sinal-nome em que há uma mesma CM e  $M_{\text{retilíneo para baixo}}$ , mas com PA, OP diferentes (FELTEN e GRANNIER, 2012).

Q) Sinal CABELO  $\wedge$  COMPRIDO ‘Sílvia’

Libras: CABELO  $\wedge$  COMPRIDO ‘Sílvia’




Formação do sinal (análise morfológica): CABEÇA  $\wedge$  COMPRIDO  
 Sinal em Libras: CABELO  $\wedge$  COMPRIDO ‘Sílvia’  
 Tradução livre: Sílvia

Fonte: Produzido pela pesquisadora

(b.3) Articulação simultânea de um empréstimo linguístico inicial com uma característica pessoal, no caso o uso de relógio brilhante na mão esquerda da pessoa. É um sinal composto reduzido (simultaneidade), como, por exemplo, no sinal ANDRÉA, em que há uma única CM, PA, OP, mas, com repetição do M. A simultaneidade parece indicar uma redução no tempo de produção do sinal. A figura Q abaixo ilustra essa situação.

R) A  $\wedge$  PUNHO<sub>lateral esquerdo</sub> ‘Andréa’

Libras: A  $\wedge$  PUNHO<sub>lateral esquerdo</sub> ‘Andréa’



Formação do sinal (análise morfológica): A  $\wedge$  PUNHO<sub>lateral esquerdo</sub> (indicando uso do relógio)  
 Sinal em Libras: A  $\wedge$  PUNHO<sub>lateral esquerdo</sub>  
 Tradução livre: Andréa

Fonte: Produzido pela pesquisadora.

Os compostos de sinais-nome que se referem a seres humanos destacamos que são situações que acontecem, por excelência, no corpo ou próximo do corpo do sinalizador para destacar a característica da pessoa, seja ela física (cor de pele, sardas, tamanho) ou pessoal (uso de relógio, óculos, diadema) (MEIR, PADDEN, ARONOFF e SANDLER, 2006).

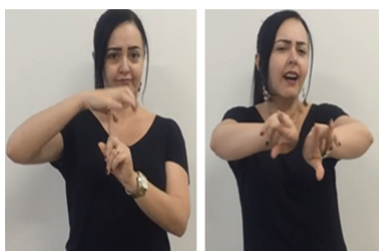
Já os sinais compostos para seres inanimados, tais como nos compostos típicos, os sinais podem não ser articulados no corpo do sujeito, como no exemplo do sinal ESCOLA. (MEIR, PADDEN, ARONOFF e SANDLER, 2006).

Nos dados recolhidos por esta investigação, foram encontrados sinais formadores de sintagma. São sinais que, ao ser sequencialmente articulados, destacam agrupamentos de uma mesma classe, seja de ser animado ou inanimado, com padrão sintagmático.

A análise empreendida possibilitou descrever como critério a produção de dois ou mais sinais seguidos do sinal DIVERSOS. Essa articulação obedece a uma ordem convencionalizada entre os usuários da Libras, em que DIVERSOS sempre ocorre ao final da articulação e indica uma categoria ou grupo específico, como no caso de BARRACA<sub>feira</sub>  $\wedge$  DIVERSOS ou MAÇÃ  $\wedge$  DIVERSOS, conforme mostrado a seguir.

#### S) BARRACA<sub>feira</sub> $\wedge$ DIVERSOS ‘Feiras’

FRG/1 (00:24)



Formação do sinal (análise morfológica): BARRACA<sub>feira</sub>  $\wedge$  DIVERSOS

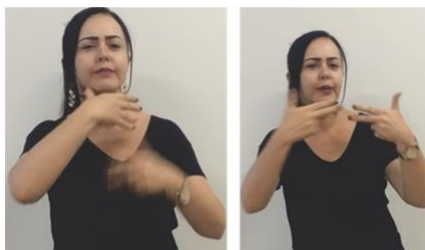
Sinal em Libras: BARRACA<sub>feira</sub>  $\wedge$  DIVERSOS

Tradução livre: Feiras diferentes tipos

Fonte: Retirado dos dados da pesquisadora

#### T) MAÇÃ $\wedge$ DIVERSOS ‘Frutas’

vídeo FRG/1 (00:33)



Formação do sinal (análise morfológica): MAÇÃ  $\wedge$  DIVERSOS

Sinal em Libras: MAÇÃ  $\wedge$  DIVERSOS

Tradução livre: Frutas

Fonte: Retirado dos dados da pesquisadora.

No sinal MAÇÃ  $\wedge$  DIVERSOS, apesar de MAÇÃ ser o único sinal articulado entre os que compõem o grupo de frutas, o segundo sinal, DIVERSOS, representa os demais elementos que fazem parte desse grupo (outras frutas como laranja, uva etc.). MAÇÃ  $\wedge$  DIVERSOS, que juntos resultam ‘frutas’, constitui sinais formadores de sintagmas, pois trata-se de sinal com articulação de forma reduzida (sem a necessidade de mostrar mais exemplos do grupo antes do acréscimo sufixal do morfema DIVERSOS). DIVERSOS indica uma categoria que é composta por outros elementos de um mesmo grupo.

Em relação ao sinal BARRACAfeira  $\wedge$  DIVERSOS, dos cinco participantes da pesquisa, somente 1 reforçou, posteriormente, exemplos sequenciais da categoria ‘feira’ acrescentando, ordenadamente, os sinais de ROUPA, FRUTAS, VERDURAS, ratificando um padrão sintagmático.

De acordo com Payne (2006), morfemas que expressam variações regulares no significado, ao combinarem ou rearranjarem itens lexicais relacionados uns aos outros, são conhecidos como morfemas com padrões sintagmáticos. Como no caso da figura 20, do capítulo 1, para o sinal JÓIAS em que há uma sequência ordenada de articulação de sinais com exemplos de uma mesma categoria (uns relacionados aos outros). Na Libras, essa sequência tem uma ordem aleatória no momento da articulação dos sinais que contemplam essa categoria.

Outros casos semelhantes de padrões sintagmáticos vivenciados no cotidiano dos usuários de Libras são os sinais que representam ‘guarda-roupa’ e ‘gaveta’:

a) forma de caixa ESTRUTURA<sub>forma grande</sub>  $\wedge$  PORTA<sub>abrir</sub>  $\wedge$  CABIDE<sub>na arara</sub>

(tradução livre ‘guarda-roupa’)

a) forma de caixa ESTRUTURA<sub>forma pequena</sub>  $\wedge$  PORTA<sub>abrir</sub>  $\wedge$  GAVETA<sub>puxar</sub>

(tradução livre ‘Gaveta’)

Os exemplos acima são sequencialmente articulados no espaço neutro e caracterizam um padrão sintagmático. Mas, o jogo de contornos dos movimentos das mãos no ar para descrever os objetos dos exemplos, implica investigar se se trata de um padrão sintagmático ou sequência de classificadores de objetos CL-o, pois descrevem a forma estrutural dos objetos referidos nos exemplos, sinal GUARDA-ROUPA e sinal

GAVETA. Logo, esses exemplos aqui apresentados sobre esse caso merecem um olhar aprofundado para uma análise linguística apropriada e mais aprofundada acerca da Libras.

Os sinais com padrões sintagmáticos diferem-se dos sinais compostos, pois no primeiro há dois ou mais sinais articulados em sequência, que apresentam uma relação de classe. Já os compostos, como os compostos típicos, são reduzidos e mostram a junção de dois sinais que, ao final, formam o terceiro sinal que é o composto. Além disso, os compostos típicos seguem critérios fonológicos quanto ao contato, ao movimento e dominância da mão, conforme proposto por Liddell (1995) e adotados na Libras por Ferreira (2010) e Quadros e Karnopp (2004).

O quadro abaixo direciona o leitor do presente estudo sobre os critérios dos diferentes tipos de espaços encontrados na pesquisa, durante a articulação dos sinais investigados. Assim são mostradas as características espaciais na produção dos sinais: quanto ao olhar do sinalizador; quanto ao corpo como sujeito da ação; quanto à pessoa (demais pessoas).

Quadro 5: Relação entre o uso dos espaços de sinalização e as características formais dos sinais articulados.

Tipos de espaços / Características	Olhos (ENM)	Sujeito como pessoa	Pessoas (demais pessoas)
Neutro	Olhar para o interlocutor.	-	. Os pronomes ficam afixados no sinal durante sua produção.
Mental token	Olhar para o interlocutor à sua frente ou para suas mãos. Exemplo: (EU) viajar. O interlocutor pode, ou não, olhar para a mão que desloca no espaço enquanto realiza a produção do sinal ou olhar para o interlocutor enquanto produz o sinal.	Primeira pessoa desde que referido anteriormente (espaço real) e demarcado em miniatura em local específico.	Demarcados em miniatura por representação (CM específica). Possibilidade para 2º e 3º pessoas demarcadas em local específico.
Mental sub-rogado	Olhar de paisagem (gaze).	Neste caso, a pessoa veste um personagem (o sujeito que realiza a ação). Aqui, neste espaço, a pessoa, geralmente, não olha para o interlocutor (ocorre um olhar de paisagem - gazing), pois trata-se de uma série de articulações de sinais que são, anteriormente, organizadas como uma cena na mente do sinalizador. Isso explica a complexidade de análise e descrição do sinal.	Pode representar outros personagens.
Mental real	Olhar para o interlocutor (Este está presente no momento de sinalização).	-	As pessoas estão fisicamente presentes. E pode ocorrer, ou não, o apontamento.

Fonte:

Produzido

pela

autora.

Com base nos dados acima discutidos, o quadro abaixo mostra um resumo de características distintivas entre os sinais simples, complexos e compostos estudados nesta pesquisa que poderá auxiliar nas futuras identificações, análises e descrições linguísticas dos sinais articulados pelos usuários da Libras e que pode ser apreciado a seguir.



Quadro 6: Síntese das características formais dos tipos de sinais analisados e descritos nesta pesquisa :

Características		a)Contém de 1 até 4/5 parâmetros (ENM pode não ser indiferente); b) são convencionados por usuários antigos	a)acréscimo na raiz do sinal morfeemas derivacionais ou flexionais (intensificadores, repetição acima de 2 vezes e ENM participantes ativos que reforçam essa característica); b)presença, ou não de CL;c)demarcação pronominal (verbos direcionais)	a)junção entre dois sinais com ou sem restrição fonológica (perda de M etc.), alguns respeitam regras já propostas por Liddel; b)atende critérios de regras morfológicas propostas por Liddell; c) com ou sem perda de M em um dos sinais; d)mão passiva se antecipa na articulação do sinal antes da mão ativa.	a)composição articulada sequencialmente envolvendo a junção de empréstimo inicial + a descrição de uma característica física específica dessa pessoa; b)composição com junção de empréstimo inicial + a descrição de uma característica física específica dessa pessoa, mas articulada simultaneamente; c)composição com articulação isolada descritiva da característica física da pessoa.
Tipo de Sinais					
Sinais Simples		X			
Sinais Complexos			X		
Sinais Compostos	Típicos			X	
	Sinais-nomes				X

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa, tentou-se, antes de tudo, estimular um olhar distinto sobre as propriedades lexicais da Libras, respeitando as singularidades advindas de sua modalidade visuo-espacial. Intentou-se enriquecer as informações linguísticas acerca dessa língua, com foco na morfologia, promovendo novas formas de análise e descrição nessa área da linguística.

Propõe-se rever os conceitos consagrados na literatura sobre Libras e sugerir critérios de formação, organização, elaboração de classificações que permitam um entendimento claro dos elementos linguísticos aqui investigados, bem como aplicações advindas das análises e descrições empreendidas, de modo especial no ensino gramatical desta língua. Embora tenham sido quatro anos de pesquisa, as conclusões a que se chegou com os resultados dos dados colhidos mostram que ainda há muito para ser investigado na morfologia da Libras.

Nesta pesquisa, o foco foi dado aos sinais lexicais com conteúdo semântico específico de cada sinal e que ocorreram no espaço neutro.

Sob um olhar fundamentado nos estudos funcionalistas, os dados analisados e descritos neste trabalho mostraram o que se expõe em seguida. Os estudiosos de Libras distinguem três tipos de sinais lexicais nesta língua: sinais simples, complexos e compostos. Para cada um apresentam definições e características próprias.

À luz desses conhecimentos, os achados da presente pesquisa, mostraram novas informações baseados nas produções dos sinais lexicais produzidos pelos sujeitos desta investigação. Dentre as novidades destaca-se que:

- a) os sinais simples são constituídos por parâmetros comuns, entre 1 a 5, e não apenas de 3 à 5 parâmetros conforme encontramos nas literaturas estudadas (KADROS e KARNOPP, 2004 e FERREIRA, 2010) que, ao se combinarem, resultam em um sinal com significado. Nos sinais complexos, sobressaíram acréscimos de afixos de flexão ou derivação, demarcados no sinal e visualmente perceptíveis no espaço de sinalização, principalmente, em verbos direcionais;

- b) Já dos sinais compostos, duas subcategorias se destacam: (a) *típica*, que consiste na junção de dois sinais que resultam em um terceiro sinal com novo significado (conceito similar ao das línguas orais, mas, nesta, usando palavras) e que podem aderir às regras de composição (regras de contato, regra de sequência única e regra de antecipação da mão não dominante), propostas na literatura de Ferreira (2010) e Quadros e Karnopp (2004 p.103-104) com a ocorrência de possíveis restrições fonológicas. (b) *Sinais-nome*, cuja principal característica é a combinação, sequencial ou simultânea, entre um empréstimo linguístico inicial (da primeira letra do nome da pessoa representada) e uma característica, que pode ser física ou pessoal, da pessoa ou somente o uso isolado dessa característica física. Além disso, a composição, nas línguas de sinais, pode resultar tanto da combinação ou junção de dois ou mais nomes (substantivo-substantivo), como visto nos exemplos das Figuras 15,16, 18, 19, considerando, portanto, que deve ser levada em conta não somente a junção entre sinais isolados, mas, também, a possível descrição da classe gramatical envolvida nos processos combinatórios, se entre nomes-nomes ou entre nomes-verbos (exemplo sinal VENDEDOR = PESSOA  $\wedge$  VENDER) etc.
- c) Os autores dedicados à Libras mostraram a influência do uso do espaço para a articulação e construção semântica dos sinais do léxico dessa língua. Esses aspectos auxiliam na constituição e interpretação dos sinais pelos usuários da Libras. O espaço neutro foi o de excelência na análise e na descrição empreendidas nesta tese.
- d) Como forma de facilitar a apreensão dos achados nesta investigação, duas propostas de quadros-resumos foram apresentadas: 1) o quadro 5 contendo uma síntese com análise e descrição linguística dos sinais e suas relações com o uso do espaço para a articulação destes sinais e 2) o quadro 6 contendo uma síntese dos tipos de sinais encontrados e discutidos nos dados desta pesquisa com descrição das características formais de cada tipo.

Os dados, também, mostraram casos de sinais que se enquadraram nas descrições feitas por Payne (2006) e que se assemelham a sinais de padrões sintagmáticos, ou seja, constituem sequências de sinais em estruturas sintáticas também, vivenciados no cotidiano dos usuários de Libras, participantes desta pesquisa. Estão registrados os exemplos desse tipo de estrutura na Figura 20 do capítulo 1: os sinais de FEIRA (BARRACA  $\wedge$  DIVERSOS) e FRUTAS (MAÇÃ  $\wedge$  DIVERSOS), em que há uma sequência ordenada de sinais de uma mesma categoria (uns relacionados aos outros).

Além desses achados, acima mencionados, os estudos mostraram que os classificadores são reconhecidos como sinais na Libras (Ferreira-Brito, 1995; Quadros e Karopp, 2004). Apesar de terem propriedades de formação próprias, contemplam o léxico dessa língua. Em razão, porém, da sua complexidade carecem de critérios mais apropriados e rigorosa análise e descrição linguísticas, os classificadores não foram objeto do estudo ora apresentado.

Com efeito, eles se inserem no âmbito da semiótica que considera todas as formas de linguagem e elementos que representam algum significado e sentido para o ser humano. Os classificadores abrangem a linguagem verbal, não verbal, a forma de articulação multimorfêmica ou de verbos policomponenciais (McDonald, 1982), através das mãos não considerando tipos de restrições linguísticas, visuais, perceptuais etc..

Considera-se que os resultados deste estudo podem contribuir com os conhecimentos complementares acerca da gramática da Libras, podem corroborar similaridades entre línguas orais e de sinais, descrever tipos, conceitos e características de sinais lexicais na Libras, reconhecer a importância do uso do espaço de sinalização como parte integrante da constituição semântica desses sinais e suas influências na formação destes dentre outras contribuições nas quais as experiências visuais devem ser a principal referência nas análises e descrição linguística.

Com os resultados, toda via, ficou evidenciado que é necessário continuar a desenvolver novas perspectivas de análises e descrição linguística sobre as línguas de sinais e, em particular da Libras. Para tanto, deve-se continuar a promover e possibilitar investigações conectadas nas singularidades próprias da modalidade dessa Língua sem

desconsiderar os aspectos semânticos e culturais, com base no uso real desta língua pelos seus usuários.

Pretende-se, com esses resultados, desenvolver e garantir uma maior autonomia dos estudantes, futuros professores de Libras dessa língua, facilitar a interpretação e compreensão das análises das informações linguísticas contidas nos sinais produzidos, a apreensão dos conhecimentos produzidos pelos linguistas pesquisadores dedicados ao aperfeiçoamento e desenvolvimento da língua e ainda auxiliar os envolvidos com pesquisa, ensino e uso da Libras com propostas de novas aplicações da morfologia da Libras em diferentes contextos de seu uso. Almeja-se enfim, com o acesso a essa língua, em prol da integração de todos na comunicação dos surdos.

## REFERÊNCIAS

- ALLAN, K. *Classifiers*. In: *Language*, vol.53. 1977 p.285-311.
- ARONOFF, M. *Morphology by Itself*. Cambridge, MA: MIT Press, 1994.
- ARONOFF, M.; MEIR, I; PADDEN, C.; SANDLER, W. Classifier complexes and morphology in two sign language. In: *Perspectives on Classifier Constructions in Sign Languages*. Mahwah, NJ: Lawrence Associates, 2003.
- BARROS, M.E. *ELiS Sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais*. Porto alegre: Penso, 2015.
- BASÍLIO, M. *Teoria Lexical*. 3 ed. Série Princípios. São Paulo: editora Ática, 1991.
- BATTISON, R. *Phonological deletion in American Sign Language*. *Sign Language Studies*, Washington, n.5, p.1-19, 1974.
- \_\_\_\_\_. *Lexical borrowing in American Sign Language*. Silver Springs: Linstok, 1978.
- \_\_\_\_\_. Signs have parts: a simple idea. In: BAKER, C.; BATTISON, R. (Ed.). *Sign language and the deaf community: essays in honor of William C. Stokoe*. Washington: National Association of the Deaf, 1980. p. 35-51
- BERNARDINO, E. *A construção da referência por surdos na Libras e no português escrito: a lógica no absurdo*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- BERNARDINO, E. *Absurdo ou lógica? Os surdos e sua produção linguística*. Belo Horizonte: Ed. Profetizando Vida, 2000.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto. Porto Editora, 1994.
- BRENTARI, D. *A prosodic modelo of sign language phonology*. University Chicago: MIT Press, 1998. 376p.
- \_\_\_\_\_. Modality differences in sign language phonology and morphophonemics. In: MEIER, R.P.; CORMIER, K.; QUINTOPOZOS, D. *Modality and structure in signed and spoken languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- BRENTARI, D. ; HULST, H. van der; KLOOIJ,E. van der; SANDLER, W. *One over all; all over one: A dependency phonology analisys of handshape in sign languages*. California: University of California, 1996.
- BRENTARI, D.; PADDEN, C. *Native and foreign vocabulary in American Sign Language: A lexicon with multiple origins*. In.: BRENTARI, Diane. (org.).Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2001. p. 87-119.
- CAPOVILLA, F.C.;RAPHAEL, W.D.; MAURÍCIO, A.C.L. *Novo Deit-Libras: Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras)*

*baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas*. Vol. 1 e 2. 3 ed. São Paulo: edusp, 2009.

CORINA, D. P. To branch or not to branch: Underspecification in ASL handshape contours. In: *Phonetics and Phonology*. vol 3: Current issues in ASL Phonology, ed. Geoffrey R. Coulter, 63-95. San Diego, CA: Academic Press, 1993.

EMMOREY, K. *Language, Cognition and the brain: Insights from Sign Language Research*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2002.

FARIA-NASCIMENTO, S.P.de; CORREIA,M. *Um olhar sobre a morfologia dos gestos*. Lisboa: UCP, 2011.

FAUCONNIER, G. *Mental Spaces: aspects of meaning construction in natural language*. Cambridge, UK. Cambridge University Press, 1994. Disponível em: <<https://philpapers.org/rec/FAUMSA>> acessado em 20/10/19

FELIPE, T. *Sistema de Flexão Verbal na LIBRAS: Os classificadores enquanto marcadores de flexão de gênero*. Artigo publicado nos Anais do Congresso Surdez e Pós-Modernidade: Novos rumos para a educação brasileira - 1º. Congresso Internacional do INES. 7º. Seminário Nacional do INES. Rio de Janeiro: INES, Divisão de estudos e Pesquisas. 2006: 37-58.

FELIPE, T. A. *O discurso verbo-visual na língua brasileira de sinais – Libras*. Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso vol.8 no.2 São Paulo July/Dec. 2013. p.67-89.

FELTEN, E.F.; GRANNIER, D.M. *Criação de sinais próprios de pessoa na língua de sinais brasileira*. Manuscrito de projeto de pesquisa. Brasília: Universidade de Brasília, 2012.

FERREIRA-BRITO,L. *Uma abordagem fonológica dos sinais da LSCB*. Espaço: Informativo Técnico-Científico do INES. Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.20-43, 1990.

\_\_\_\_\_. *Por uma gramática das línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FERREIRA, L. *Por uma gramática de língua de sinais*. Reimpressão 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

FRISHBURG, N. *Arbitrariness and iconicity: historical change in American Sign Language*. Language, v. 51, p.690-719, 1975.

GRANNIER, D.M.; MARINHO, M.L. *Processos morfossintáticos na língua de sinais brasileira: formas classificadoras, genéricas e reduzidas*. Manuscrito de projeto de pesquisa. Brasília: Universidade de Brasília, 2012.

HARRÉ, R.; GILLET, G. *A mente discursiva: avanços na ciência cognitiva*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

HASPELMATH, M. *Understanding Morphology*. New York: Oxford University Press Inc., 2002.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. *The signs of language*. Cambridge, MA: Harvard University, 1979.

LIDDELL, S.K. *Think and believe: sequentiality in American Sign Language*. Language. v. 60, p.372 – 399, 1984.

\_\_\_\_\_. Sources of meaning in ASL classifier predicates. In: *Perspectives on classifier Constructions in Sign Language*. Mahwah, NJ: Lawrence Association, 2003.

\_\_\_\_\_. Real, Surrogate and Token Space: grammatical Consequences in ASL. In: EMMOREY; K.; REILLY; J. *Language, gesture and space*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1995. p.19-41.

LIDDELL, S.K.; JOHNSON R.E. *American Sign Language: the phonological base*. Sign Language Studies, v. 64, p.95-278, 1989.

LILLO-MARTIN, D.C. *Universal grammar and American Sign Language*. Boston, London: Kluwer, 1991.

LUCAS, C.; BAYLEY, R.; VALLI, C. *Sociolinguistic Variation in American Sign Language*. Washington: Gallaudet University Press, 2001.

MCDONALD, B. *Aspects of the American Sign Language predicate system*. PhD dissertation, University of Buffalo. 1982

MEIR, I.; PADDEN, C.; ARONOFF, M.; SANDLER, W. Repensando classes verbais em língua de sinais: o corpo como sujeito. In: QUADROS, R.M.; VASCONCELOS, M.L.B. *Questões teóricas das pesquisas em Línguas de Sinais*. 9º Theoretical Issues In Sign Language Research Conference. Florianópolis, Brasil, Dezembro, 2006.

MENDONÇA, C.S.S. *Classificação nominal na Libras: um estudo sobre os chamados classificadores*. Dissertação de Mestrado apresentado no Departamento de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília. Brasília: 2012.

MICHAELIS. *Michaelis: moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

MINAYO, M. C. de S.; (Org.). *Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

MINAYO, M. C. de; SANCHES, O. *Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade?* Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, 1993.

PADDEN, C. *The relation between space and grammar in ASL verb morphology*. In: Sign language research – theoretical issues. Washington: Gallaudet University Press, 1990. P.118-132.

PAYNE, T.E. *Exploring Language Structure. A Student's Guide*. Cambridge: University Press, 2006. p.357



PIMENTA, N. LSB – *Configurações de Mãos*. Língua de Sinais Brasileira Ltda. Rio de Janeiro: INES, 2011.

QUADROS, R.M.; KARNOPP, L.B. *Língua de Sinais Brasileira. Estudos Linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RESENDE, C.S. *Assimilação na Língua de Sinais Brasileira*. Dissertação apresentada para obtenção de título de Mestre em Linguística na Universidade de Brasília. Brasília: 2012.

SABANAI, N.L. *Aspectos gramaticais e discursivos da narrativa na Libras*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília como requisito para a obtenção do grau de doutora. Brasília: 2016.

SANDLER, W. *Phonological representation of the sign: linearity and nonlinearity in American Sign Language*. Dordrecht: Foris, 1989.

SANDLER, W.; LILLO-MARTIN, D. *Sign language and linguistic universals*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 547.

SILVA, T. C.. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SIPLE, P. *Visual constraints for sign language communication*. *Revisit Sign Language Studies* 7, 1978: 95-110.

STOKOE, W. *Sign Language Structure: an outline of the visual Communication Systems of the American Deaf*. *Studies in Linguistics, occasional Papers* 8. Silver Spring MD: Linstock Press, 1960.

SUPALLA, T.; NEWPORT, E. How many seats in a chair? The derivation of nouns and verbs in American Sign Language. In: SIPLE, P. (ed.) *Understanding language*, 1978.

SCHWINDT, L.C. *Manual de Linguística. Fonologia, Morfologia e Sintaxe*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

VALLI, C.; LUCAS, C. *Linguistics of American Sign Language: an introduction* (3<sup>a</sup> ed.). Washington, D.C: Gallaudet University Press, 2000. p.493

## APÊNDICES

## Apêndice 1 – Consentimento Livre e Esclarecido dos Participantes desta Pesquisa

***Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e autorização para o uso da imagem***

Convidamos o(a) Senhor(a) a participar do projeto de pesquisa intitulado “Sinais simples e compostos: teoria e análise gramatical na Língua Brasileira de Sinais”, sob a responsabilidade da pesquisadora Andréa dos Guimarães de Carvalho. O projeto envolve o estudo de alguns sinais cujos aspectos morfológicos poderão lhes conceder uma melhor descrição definidora de sinais simples e sinais compostos, presentes na Língua de Sinais Brasileira.

O objetivo desta pesquisa é elaborar um conceito descritivo de sinal simples e sinal composto apresentando argumentos claros que os distinguem entre si.

O(a) senhor(a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá sendo mantido o mais rigoroso sigilo pela omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo(a).

A sua participação se dará por meio de gravações de suas imagens, durante processos discursivos em uma palestra que você estará apresentando aos seus colegas de sala por um tempo estimado de 20 minutos na universidade em que frequenta. Estas gravações serão registradas em forma de vídeo para posterior análise linguística. Todo o material coletado e a análise dos resultados obtidos serão destinados especificamente para o propósito da pesquisa em questão.

Não há nenhum tipo de riscos ou vulnerabilidades decorrentes de sua participação na pesquisa. Se você aceitar participar, estará contribuindo para novos conhecimentos e discussões reflexivas no campo teórico-prático da gramática da Língua de Sinais Brasileira.

O(a) Senhor(a) pode se recusar a responder (ou participar de qualquer procedimento) qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para o(a) senhor(a). Sua participação é voluntária, isto é, não há pagamento por sua colaboração.

Todas as despesas que você tiver, relacionadas diretamente ao projeto de pesquisa (tais como, passagem para o local da pesquisa, alimentação no local da pesquisa ou exames para realização da pesquisa), serão cobertas pelo pesquisador responsável.

Caso haja algum dano direto ou indireto decorrente de sua participação na pesquisa, você poderá ser indenizado, obedecendo-se as disposições legais vigentes no Brasil.

Os resultados da pesquisa serão divulgados na Universidade de Brasília podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais serão utilizados somente para esta pesquisa e ficarão sob a guarda do pesquisador por um período de cinco anos, após isso serão destruídos.

Se o(a) Senhor(a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor telefone para: Andréa dos Guimarães de Carvalho, na Universidade de Brasília - UnB no telefone (62) 3273-1054 / (62) 8199-6269, disponível inclusive para ligação a cobrar. O e-mail para contato é [andrea.cenaudio@gmail.com](mailto:andrea.cenaudio@gmail.com)

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde (CEP/FS) da Universidade de Brasília. O CEP é composto por profissionais de diferentes áreas cuja função é defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do participante da pesquisa podem ser esclarecidos pelo telefone (61) 3107-1947 ou do e-mail [cepfs@unb.br](mailto:cepfs@unb.br) ou [cepfsunb@gmail.com](mailto:cepfsunb@gmail.com), horário de atendimento de 10:00hs às 12:00hs e de 13:30hs às 15:30hs, de segunda a sexta-feira. O CEP/FS se localiza na Faculdade de Ciências da Saúde, Campus Universitário Darcy Ribeiro, Universidade de Brasília, Asa Norte.

Caso concorde em participar, pedimos que assine este documento que foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o Senhor(a).

---

Nome / assinatura

---

Andréa dos Guimarães de Carvalho

Pesquisadora Responsável

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Apêndice 2 – Tema: Feiras na cidade de Goiânia

O que são feiras? Cite exemplos. Em que lugar elas ficam? Que tipo de feiras existem?



Na feira encontramos os “feirantes” e os “clientes”. O que faz um feirante? E o que fazem os clientes?







Vamos criar uma pequena história em Libras envolvendo: “a feira”, “o feirante”, “o cliente” e “você”.



## Apêndice 3: Tema: Profissões

Observe e diga: quais profissões aparecem abaixo? O que faz cada um desses profissionais? Onde trabalham?

Que profissão é essa?	O que faz esse profissional?	Onde trabalha?
		
		
		
		

Em Libras, escolha uma profissão e crie uma pequena história envolvendo:

- 1) “a profissão (tipo de profissão)”;
- 2) “o profissional (pessoa que realiza essa profissão)”;
- 3) “local onde esse profissional trabalha”;
- 4) “você”.

Apêndice 4: Tema: Criar estória (Comer frutas na mesa. Como ? Mostrar exemplos )

“Eu”



2. Criar estória 2 (Rotina banheiro como?)

“Eu”



## Apêndice 5: Tema Charada 1 (Glosas)

Vídeo de charada: ‘Mesa movimentando’

## VÍDEO II: MM/Vil

Frases:

Frase 1: 00:01 – 00:03

Libras	Meu opinião resolver ele (filme) qual?
Português	Na minha opinião a resposta para o que o filme mostra é :

Frase 2: 00:004 – 00:07

Libras	Meu próprio ‘pensamento’(CL forma ‘balão’ de pensamento) quê....
Português	No meu pensamento acontece o quê...

Frase 3: 00:08 – 00:14

Libras	...espera ...filmagem/filme... esse...tela (Classificador de forma instrumento. ‘quadrado’ TV) ter corte (CL tesourar)
Português	...Espera, essa filmagem da tela tem um corte!

Frase 4: 00:14 – 00:15

Libras	Mesas aproximar (CL de instrumento + ‘devagar’) encontrar.
Português	As mesas se aproximam devagar , até se encontrarem ao meio.



Frase 5: 00:15 – 00:16

Libras	Essa ('mesa da direita') cortar (CL tesourar).
Português	Essa, mesa da direita, foi cortada.

Frase 6: 00:17 – 00:19




Libras	Pode pessoa 'em pé'(parada) lado empurrar.
Português	Pode ser que uma pessoa em pé, parada ao lado, que empurrou a mesa.

Frase 7: 00:20 – 00:25


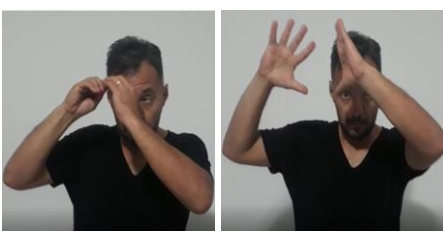
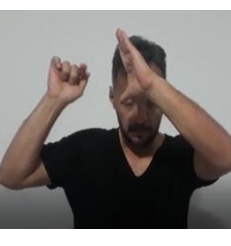
Libras	Então, eu ('meu') acreditar pessoa empurrar (CL de instrumento) mesas aproximar.
Português	Assim, eu acredito que uma pessoa empurrou uma das mesas e elas se aproximaram/encontraram.

Frase 1: 00:01 – 00:03

Libras	Meu opinião resolver ele (filme) qual?
Português	Na minha opinião a resposta para o que o filme mostra é :




					
Meu	opinião	resolver	ele (filme)	qual?	
* Na minha opinião		a resposta para o que o filme mostra		é :	

Frase 2: 00:004 – 00:07

					
Meu	próprio	‘pensamento’(CL sujeito ....forma ‘balão’ de pensamento)		quê....	
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• CL de sujeito</li> </ul>			

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Espaço</li> </ul>		
* No meu	pensamento	acontece o quê...	




Frase 3: 00:08 – 00:14

			
...espera...      filmagem/filme...	esse...      tela (Classificador de forma instrumento. 'quadrado' TV)	ter      corte (CL tesourar)	



...Espera, essa filmagem	da tela	tem um corte!.	
--------------------------	---------	----------------	--

- Filmagem/filme: mão de apoio (ancoragem)

Frase 4: 00:14 – 00:15

			
Mesas	aproximar (CL de instrumento + ‘devagar’)	encontrar.	
*CL de objeto			
*espaço token			
	Verbo+Adv. intensificador		
As mesas	se aproximam devagar ,	até se encontrarem ao meio.	





Frase 5: 00:15 – 00:16

			
Essa ('mesa da direita')	cortar (CL tesourar).		
*CL de objeto (mesa)	*CL de objeto (tesoura) *CL de objeto (mesa)		
*espaço token			
Essa, a mesa da direita,	foi cortada.		

Mesa 1 representada

Mesa 2 aparece a Mão, representando a outra mesa, representada no espaço no segundo momento.

## Frase 6: 00:17 – 00:19

				
Pode	pessoa	(pessoa) 'em pé' (parada) lado	empurrar.	
Pode ser que		uma pessoa em pé, parada ao lado,	que empurrou a mesa	

## Frase 7: 00:20 – 00:25

					
Então,	eu ('meu')	Acreditar	pessoa	empurrar (CL de	mesas aproximar

		instrumento)	
Assim, eu	acredito que uma pessoa	empurrou uma das mesas	e elas se aproximaram/encontraram.

## Apêndice 6: Tema Charada 2 (Glosas)

Vídeo MMRG/3 (Vídeo 3 Renata Gracia – “Charada mesa”)

Frase 1 MMRG/3:

Tempo 00:00 – 00:08

Libras	Agora vídeo III quê perceber acontecer I, II, II :
Português	Agora no vídeo III o que pude perceber vendo a sequência dos 3 vídeos

Frase 2 MMRG/3:

Tempo: 00:08 – 00:13

Libras	Eu descobrir quê, mesas, mesa esquerda... mesa direita
Português	Eu descobrir o que: há mesas, uma da esquerda e outra da direita.

Frase 3 MMRG/3

Tempo: 00:14 – 00:16

Libras	Mas mesa esquerda parada continuar
Português	Mas, a mesa esquerda fica parada.

Frase 4 MMRG/3

Tempo: 00:17 - 00:27

Libras	Outra lá (mesa direita) homem ter. Ele pessoa ajudar carregar/empurrar mesas encontrar, certo.
Português	A outra lá, a mesa direita, tem um homem que ajuda a carregar/empurrar, e as mesas se encontram.



Frase 5 MMRG/3




Tempo: 00:28 – 00:40

Libras	Mas/Espira, antes (ele)empurrar. Agora ele arrastar só mesas encontrar...Ele, homem veio pessoa. Isso.
Português	Mas, espera, antes ele empurrou a mesa, agora ele arrasta e mesas se encontram ...é isso, o homem que veio e empurrou.

Frase 1 MMRG/3:

Tempo 00:00 – 00:08

Libras	Agora vídeo III quê eu perceber acontecer I, II, II:
Português	Agora, no vídeo III, eu percebi o quê vendo a sequência dos 3 vídeos

		
Agora vídeo III	quê eu perceber	acontecer(resolver) sequência I,II e III
Agora no vídeo III	eu percebi o quê	Aconteceu

Frase 2 MMRG/3:

Tempo: 00:08 – 00:13

Libras	Eu descobrir quê é: mesas, mesa esquerda... mesa direita
Português	Eu descobri o que é: há mesas, uma da esquerda e outra da direita.

Eu descobri que	mesas	mesa esq. mesa dir.
é:		
Eu descobri o que é:	há mesas	uma a esquerda e outra a direita

Frase 3 MMRG/3

Tempo: 00:14 – 00:

Libras	Mas mesa esquerda parada continuar lá.
Português	Mas, a mesa da esquerda continua parada lá.

Mas mesa esq.	parada continuar	lá.
Mas, a mesa da esquerda	continua parada	lá.

## Frase 4 MMRG/3

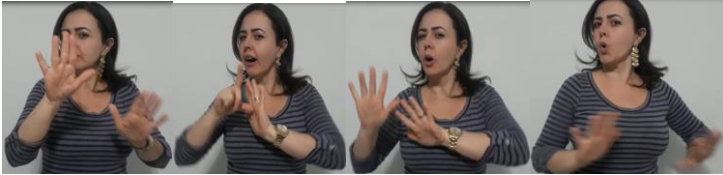


Libras	Outra lá (mesa direita) homem ter. Ele pessoa ajudar carregar/empurrar mesas encontrar, certo.
Português	A outra lá, a mesa direita, tem um homem que ajuda a carregar/empurrar, e as mesas se encontram.

Outra lá (mesa dir.) homem ter.	Ele pessoa ajudar carregar/empurrar	mesas encontrar certo.
Mas, a mesa da direita tem um homem	que ajuda a carregar/empurrar.	E as mesas se encontram.

Frase 5 MMRG/3

Tempo: 00:28 – 00:40

Libras	Mas/Espera, antes (ele)empurrar. Agora ele arrastar só mesas encontrar...Ele, homem veio pessoa.Issso.
Português	Mas, espera, antes ele empurrou a mesa, agora ele arrasta e mesas se encontram ...é isso, o homem que veio e empurrou.

		
Mas/Espera, antes (ele)empurrar	agora ele arrastou(empurrar)	só mesas encontrar...
Mas, a mesa da direita tem um homem	que ajuda a carregar/empurrar.	E as mesas se encontram.


Ele, homem veio pessoa isso.

é isso, o homem que veio e empurrou.

Apêndice 7: Profissões (amostra de Glosas)

Vídeo “Profissão” motorista mulher - Gui.


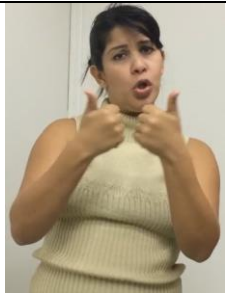
PMM – G

Tempo total: (00:09 – 00:34)


1.1 PMM-G/1 (Tema: Profissão. Motorista mulher - Guiomar)

Libras	<b>“Mulher trabalhar motorista. Carro <math>\wedge</math> dirigir mais calmo. Ônibus. Poder táxi. Poder..ter diversos, depender (cada um).”</b>
Português	A mulher trabalha de motorista. Dirige com mais calma. Dirige ônibus, pode dirigir táxi e outros. Depende.

PMM-G/1

00:09 -00:10	00:11-00:12		00:13-00:15
			
[...] mulher trabalhar motorista. 3 psg. V.t.i. o.i.	Carro $\wedge$ <u>dirigir</u> (visual: ação inserida)	mais calmo.	Ônibus.
	*Espaço token		

	*Corpo como sujeito		
	*Verbo Classificador (objeto): CM+PA +movimento indicam especificidades do objeto		

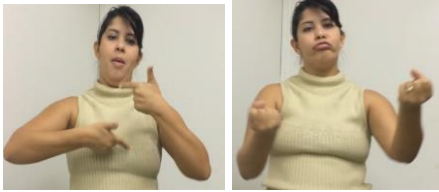
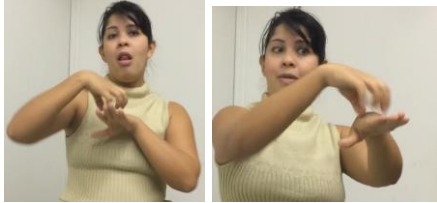

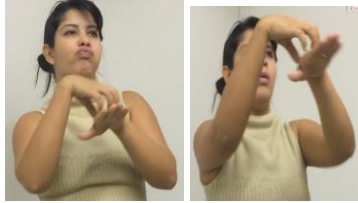
00:17-00:18	00:20 - 00:21		
			
<b>Poder táxi.</b>	<b>Poder ter diversos, depender</b> (cada um)		

## 1.2 PMM-G/2

<b>Libras</b>	<b>Eu trabalhar dirigir. Levar pessoas (lugar para outro). Aqui ('carro') sentar ('frente') motorista. Amanhã 4 (pessoas) entrar (sentar ) levar outro lugar.</b>
Português	Eu trabalho dirigindo. Levo pessoas de um lugar para outro. Nesse aqui (carro), sentado a frente, está o motorista. Pessoas entram e

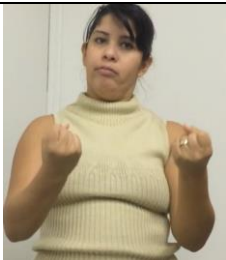




	motorista leva para outro lugar.
--	----------------------------------

00:21-00:22	00:23 - 00:24	00:26 – 00:28	00:31 – 00:37
			
<b>Eu trabalhar dirigir</b> (tamanho volante).	<b>Levar pessoas.</b>	<b>Nesse aqui, ("carro") sentar ("frente") motorista.</b>	<b>Amanhã 4 (pessoas) entrar (sentar) levar outro lugar.</b>

## 1.3 PMM – G/3 (00:40 - )

<b>Libras</b>	<b>Também ônibus. Eu motorista trabalhar sentar <math>\Delta</math> dirigir (ação com o corpo). Vou lugar (ônibus sentado). Amanhã, “chamar” (passageiro). Ônibus parar (CL). Pessoa subir (Ônibus). Motorista <math>\Delta</math> dirigir continuar. Pessoas subir subir, eu trabalhar dirigir. Passar macha dirigir trabalhar.</b>
Português	Também motorista de ônibus. Eu, dirigindo, vou em lugares buscar pessoas. Se passageiro chamar, eu paro e eles sobem. E assim vou trabalhando.

	00:41 -	00:44 – 00:46	00:47 – 00:48
			
<b>Também ônibus.</b>	<b>Eu trabalhar motorista. Sentar (ação com o corpo de sentar e pegar no volante).</b>	<b>Vou lugar (ônibus sentado)....sinaliza e depois mostra com classificador</b>	<b>Amanhã, “chamar” (passageiro).</b>

# Configurações de Mãos





## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** SINAIS SIMPLES E COMPOSTOS: ANÁLISE E DESCRIÇÃO GRAMATICAL NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS

**Pesquisador:** ANDREA DOS GUIMARÃES DE CARVALHO

### Área Temática:

**Versão:** 2

**CAAE:** 64673416.6.0000.5540

**Instituição Proponente:** Instituto de Letras

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 2.558.538

### Apresentação do Projeto:

Inalterado em relação ao parecer substanciado emitido pelo CEP/CHS no dia 10 de março de 2017.

### Objetivo da Pesquisa:

Inalterado em relação ao parecer substanciado emitido pelo CEP/CHS no dia 10 de março de 2017.



**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Inalterado em relação ao parecer consubstanciado emitido pelo CEP/CHS no dia 10 de março de 2017.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Inalterado em relação ao parecer consubstanciado emitido pelo CEP/CHS no dia 10 de março de 2017.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Inalterado em relação ao parecer consubstanciado emitido pelo CEP/CHS no dia 10 de março de 2017.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

A pesquisadora forneceu satisfatoriamente as informações solicitadas no parecer consubstanciado emitido pelo CEP/CHS no dia 10 de março de 2017. Nesse sentido, ofereceu explicação sobre o recrutamento dos participantes no documento "pre\_projeto" anexado na Plataforma Brasil, bem como os cuidados éticos de tal recrutamento. Efetuou a alteração do TCLE conforme solicitado. E por fim também documentou na carta de encaminhamento que a coleta de dados somente teria início após a aprovação por este Comitê.

O Projeto está aprovado pelo CEP/CHS.

**Considerações Finais a critério do CEP: Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

ANEXO 2 – Parecer Consubstanciado do Conselho de Ética CEP

UNB - INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E  
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



**Situação do Parecer:**  
Aprovado

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_766708.pdf	05/12/2017 18:02:53		Aceito
Outros	carta_encaminhamento.pdf	05/12/2017 18:00:03	ANDREA DOS GUIMARÃES DE CARVALHO	Aceito
Outros	carta_etica.pdf	05/12/2017 17:54:39	ANDREA DOS GUIMARÃES DE CARVALHO	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	05/12/2017 17:52:50	ANDREA DOS GUIMARÃES DE CARVALHO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Pre_projeto_detalhado.pdf	05/12/2017 17:51:38	ANDREA DOS GUIMARÃES DE CARVALHO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLERtermo.pdf	05/12/2017 17:51:16	ANDREA DOS GUIMARÃES DE CARVALHO	Aceito
Outros	Termo_de_Imagem.pdf	30/01/2017 23:44:40	ANDREA DOS GUIMARÃES DE CARVALHO	Aceito
Outros	Instrumentos_de_coletas_de_dados.pdf	30/01/2017 23:41:30	ANDREA DOS GUIMARÃES DE CARVALHO	Aceito
Outros	CARTAaceiteinstitucional.pdf	30/01/2017 23:40:13	ANDREA DOS GUIMARÃES DE CARVALHO	Aceito
Outros	Curriculos_Lattes.pdf	12/11/2016 22:46:48	ANDREA DOS GUIMARÃES DE CARVALHO	Aceito
Recurso Anexado	Recursos_usados_pesquisador.pdf	12/11/2016	ANDREA DOS	Aceito

ANEXO 2 – Parecer Consubstanciado do Conselho de Ética CEP

**Necessita Apreciação da CONEP** INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E  
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



Não

BRASILIA, 22 de Março de 2018.

---

**Érica Quinaglia Silva**  
**(Coordenador)**

**Assinado por:**

ANEXO 2 – Parecer Consubstanciado do Conselho de Ética CEP

UNB - INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E  
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE

